



**GISLEINE GOMES NASCIMENTO**

**AUTO, FOTO E GRAFIAS: A CONSTRUÇÃO  
DO AUTORRETRATO NO FACEBOOK**

Campinas  
2014





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ARTES

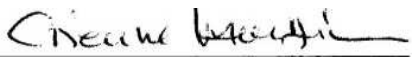
GISLEINE GOMES NASCIMENTO

## AUTO, FOTO E GRAFIAS: A CONSTRUÇÃO DO AUTORRETRATO NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Multimeios.

ORIENTADOR: ETIENNE GHISLAIN SAMAIN

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Gisleine Gomes Nascimento, e orientada pelo Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain.

  
\_\_\_\_\_

Campinas

2014

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Artes  
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

N17 Nascimento, Gisleine Gomes, 1987-  
Auto, foto e grafias : a construção do autorretrato no Facebook / Gisleine Gomes Nascimento. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Etienne Ghislain Samain.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Autorretratos. 2. Ciberespaço. 3. Facebook (Recursos eletrônicos). 4. Redes sociais. 5. Representação social. 6. Identidade social. I. Samain, Etienne Ghislain, 1938-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Self, photo and spellings : the construction of the self-portrait on Facebook

**Palavras-chave em inglês:**

Self portraits

Cyberspace

Facebook (Electronics resources)

Social networks

Social representation

Social identity

**Área de concentração:** Multimeios

**Titulação:** Mestra em Multimeios

**Banca examinadora:**

Etienne Ghislain Samain [Orientador]

Nuno Cesar Pereira de Abreu

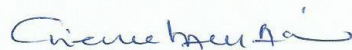
Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa

**Data de defesa:** 27-02-2014

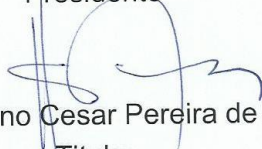
**Programa de Pós-Graduação:** Multimeios

**Instituto de Artes**  
**Comissão de Pós-Graduação**

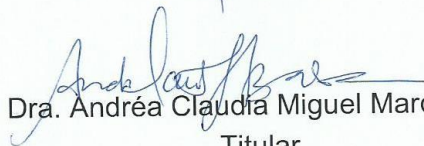
Defesa de Dissertação de Mestrado em Multimeios, apresentada pela  
Mestranda Gisleine Gomes Nascimento - RA 107444 como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain  
Presidente



Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu  
Titular



Profa. Dra. Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa  
Titular



**Resumo:**

A presente pesquisa é um trabalho exploratório procurando iniciar uma reflexão sobre a vivência do homem com o ciberespaço. Por ser um tema amplo e complexo, focalizamos na plataforma Facebook (seus layouts e arquiteturas de 2011 e 2013), para, com ela, levantar a questão de seus usos identitários por jovens em busca de reconhecimento social. Ao situar essas 'identidades numéricas' no horizonte universal dos autorretratos, tentaremos com Erving Goffman descrever algumas 'formas' dessas apresentações eletrônicas e interrogá-las na perspectiva aberta por Axel Honneth, quando o filósofo da Escola de Frankfurt questiona a sociedade contemporânea, definindo condições e objetivos necessários ao reconhecimento da dignidade tanto social como individual.

**Palavras-Chave:**

Autorretrato ciberespaço, Facebook, representação, identidade.

**Abstract:**

This research is an exploratory work, which aims to reflect about the relationship between human and cyberspace. Since this is a broad and complex topic, we have limited our research to the Facebook platform (its layouts and architectures from 2011 to 2013). With this, we raise the question about the identity used by young people in their search for social recognition. By situating these 'digital identities' in the universe of self-portraits, we will describe the different 'forms' of these electronic presentations, based on Erving Goffman. Then analyze them against the perspective opened by Axel Honneth, when the Frankfurt School philosopher questions the contemporary society, defining conditions and objectives needed for the recognition of both, social and individual dignity.

**Keywords:**

self-portrait, cyberspace, Facebook, representation, identity





# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

## CAPÍTULO I. A INTERNET E O FACEBOOK: POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO NA REDE

1.1 A internet no contexto brasileiro.....	7
1.2 Ciberespaço, Cibercultura e Corpos biocibernéticos.....	10
1.3 As Redes Sociais: situando o Orkut em relação ao Facebook.....	14
1.4 Introdução ao Facebook.....	18
1.5 Criando um perfil.....	21
1.6 Introdução aos layouts do Facebook (2011 e 2013).....	24
1.7 Layouts do Facebook: visão de conjunto (2011 e 2013).....	25
1.8 Layouts do Facebook: arquiteturas das páginas (2011 e 2013).....	26
1.9 Desmontagens e aprofundamentos do layout do Facebook 2013.....	27
1.10 Facebook antes e depois: algumas considerações.....	45

## CAPÍTULO II. DO AUTORRETRATO NA MITOLOGIA ÀS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DE SI NO FACEBOOK

2.1 O autorretrato na mitologia.....	52
2.2 O autorretrato nas artes.....	56
2.3 O conceito sociológico de identidade .....	63
2.4 O conceito sociológico de representação.....	65
2.5 O autorretrato no ciberespaço.....	70
2.6 O autorretrato com apelo publicitário.....	75

## CAPÍTULO III. CINCO INFORMANTES A PROCURA DE IDENTIDADE: ANÁLISE DE CAPA E DE PERFIL

3.1 O que se vê jamais se aloja no que se diz.....	81
3.2 Gênese de uma pesquisa.....	84
3.3 Os cinco informantes e seus perfis no Facebook.....	87
3.4 As duas etapas da pesquisa.....	103
A- Primeira Etapa (síntese da primeira entrevista).....	104
B- Segunda Etapa (integra das entrevistas e nova síntese).....	109
3.5 Ponto de chegada, ponto de partida: dois desdobramentos teóricos.....	147
A-Teoria das Gerações.....	148
B-Teoria do Reconhecimento (Axel Honneth).....	154
Bibliografia.....	156



Aos meus maravilhosos pais:  
Gesú e Marli, por todo amor e  
motivação.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, pela persistência e por me permitir, em meio a tantas adversidades, alcançar o meu sonho, que agora se torna realidade. Agradeço aos meus maravilhosos pais, irmão e cunhada que sempre estiveram comigo nessa caminhada, e que me apoiaram incondicionalmente, trazendo amor e aconchego, tornando essa jornada mais serena.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Etienne Samain, por acreditar no meu potencial e por me auxiliar nesta etapa tão importante.

Agradeço imensamente aos meus ex. alunos, informantes e amigos que colaboraram com essa pesquisa sem hesitar. São eles: Anderson Jesus Souza, Cleyton de Oliveira Rodrigues, Daiane Constantino dos Reis, Giovane Alexsander Vicente Costa e Thácila de Lima Pelayo.

Agradeço a minha banca de exame de qualificação, composta pelas professoras: Maria Suely Kofes e Fabiana Bruno, que muito contribuíram no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a banca de defesa, composta pelos professores: Nuno Cesar Pereira de Abreu e Andrea Barbosa que aceitaram prontamente nos auxiliar e colaborar nesta nova etapa.

Agradeço ainda o incentivo e apoio da CAPEs (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida durante todo o mestrado. Agradeço ao centro técnico Cedaspy, ao Grupo de Pesquisa Memória e Fotografia e a Unicamp/IA.

Agradeço ainda a todos os amigos que estiveram comigo nesta etapa compartilhando lágrimas e sorrisos, e que caminharam ao meu lado, como anjos de luz, tornando essa viagem mais divertida. Em especial ao Alexsânder Nakaóka, que não mediu esforços para me auxiliar em todos os momentos, tornando-se um irmão. Agradeço também as amigas: Edilaine Miranda e Vanessa Rebesco por me acolherem em todos os momentos e tornarem essa jornada mais leve. Agradeço ao casal de amigos que Deus colocou no meu caminho, Thaiane Ribeiro e Tim Goderis, com os quais sempre pude contar.

Agora seguimos em busca de novos horizontes e de novos voos, mas sempre unidos por um amor e uma gratidão que transcendem a própria existência.



“Devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a vazão que nos olha, nos concerne, em certo sentido, nos constitui”.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 31.





## INTRODUÇÃO

O interesse pelas conexões sociais nasceu da minha experiência como professora (2009-2012) de um Centro Técnico de Informática chamado Cedaspy, localizado em Campinas-SP. Durante as aulas, eu percebia uma acentuada tendência dos jovens de conectarem-se à Internet, predominantemente as redes sociais, em especial ao Facebook.

A princípio me sentia incomodada, desrespeitada e desvalorizada. Afinal a rede era sempre mais atraente do que a aula e as atividades que eram passadas. Ao mesmo tempo, nascia um imenso desejo de compreender aquele universo que era construído, a meu ver, distante do “mundo real”.

Naqueles momentos, percebia que não poderia fechar os olhos para a grande curiosidade dos meus alunos, mas que deveria descobrir uma forma de (re) encontrá-los. E, mais do que isso, estabelecer laços em sua rede, compreender aquele espaço e, então, exercer uma influência sobre eles, no sentido de interagir para ser compreendida.

Em frente à tela, o que encontrava era sempre uma série de apontamentos e exclamações: “olhe o carro do meu vizinho”, “essa é minha mãe”, “acho que nosso colega de sala tá solteiro”. “me add no Face”, “me passa seu perfil”, “vou marcar você no meu álbum”, “curti sua foto”. Diante deste dialeto, ao mesmo tempo perturbador e inquietante, saltavam aos olhos as intersecções tênues entre a vida “real” e a vida “virtual”. Não era um mundo paralelo, bem definido, onde poderíamos pensar que o sujeito se mostrava de uma forma em seu dia a dia e era outra pessoa na rede. No entanto, as informações trafegavam de maneira fluida em ambas as esferas, como se na rede houvesse a possibilidade de sair do anonimato e popularizar eventos simples, com a vantagem de interação com os demais usuários da rede. Diante desta constatação, encontrei em Marcondes Filho (2012) uma afirmação sobre esta dialética, que define os conceitos de “real” e “virtual” de maneira muito coerente.

O que acontece é que o ciberespaço não é nada diferente do chamado “mundo real”. Tudo o que está aqui está lá. As mobilizações políticas que perderam terreno no chamado “real-concreto” deslocaram-se para o campo do virtual. Essas lutas existem, são reais; as sociedades, em todas as épocas, nunca foram outra coisa senão batalhas e guerras de conquistas e de posição. (Marcondes Filho, 2012, p. 51)

Ao iniciar uma amizade em sala de aula, eles iniciavam também uma amizade no Facebook. Não raramente, munidos de câmeras fotográficas, registravam os momentos em sala de aula, nos corredores e banheiros. Postavam a imagem na plataforma, marcavam o local em que estavam, compartilhavam com os amigos e recebiam vários “curtir”. A popularidade emergente na ‘vida real’ era proporcional à ‘vida virtual’.

As imagens de ‘capa’ e de ‘perfil’, além de ocupar o maior espaço na composição do layout, apontam os melhores ângulos daqueles usuários. São autorretratos, feitos a partir de câmeras digitais amadoras e que apresentam aspectos singulares da nossa época. O fotógrafo e o fotografado são a mesma pessoa, como se, em frente ao espelho ou se autorretratando, ele pudesse perpetuar aquilo que para ele é o recorte do melhor de si.

A observação visual foi um elemento importante para compreender a plataforma e o uso que era feito dela, mas não era o suficiente para compreender os laços tênues entre o que se via e o que se dizia. Desta forma, era necessário ir além e conhecer esses jovens, através de seus relatos orais e visuais.

O primeiro capítulo: *A internet e o Facebook: Possibilidades de interação na rede* mostra, inicialmente, o cenário em que a internet foi desenvolvida e implantada. O capítulo apresenta e elucida ainda os termos utilizados no estudo das interações entre a sociedade e a internet, sendo eles: cibercultura, ciberespaço, tecnociência, e virtualidade. Evidenciamos finalmente as redes sociais, com foco no Facebook, sua história, estrutura visual e particularidades dialéticas.

Apresentaremos duas pranchas (versão 2011 e 2013). A primeira ‘preenchida’ com dados do usuário e a segunda ‘vazia’, onde transparece o layout da página, seus pontos de destaque e disposição dos elementos. Este componente visual é considerado como uma esfera de montagem e remontagem, uma vez que seu usuário pode moldar e remoldar o seu perfil, quantas vezes quiser.

No segundo capítulo: *Do autorretrato na mitologia às formas de representação identitária de si no Facebook*, propusemos uma reflexão sobre o autorretrato na sociologia, na mitologia, na pintura e no Facebook. Considerando o viés histórico, nosso intuito foi proporcionar uma reflexão acerca de questões como identidade, aprovação e adequação dos sujeitos aos meios sociais. Por tanto iniciamos a pesquisa abordando os conceitos sociológicos de ‘identidade’ e de ‘representação’. Neste tópico o diálogo se dá por meio

dos estudos do sociólogo e antropólogo Erving Goffman (1989), embasados no livro: *A representação do eu na vida cotidiana*. O autor estudou a interação social e comparou as relações humanas a um teatro, utilizando elementos lúdicos como ator, público, palco e bastidor para compreender como são estabelecidas as comunicações entre os sujeitos. Goffman considera que todas as pessoas são atores uma vez que se encontram em estado de representação.

No terceiro capítulo: *Cinco informantes à procura de identidade: análise de capa e de perfil*, são apresentados os informantes que participaram voluntariamente dessa pesquisa, sendo eles: Anderson Jesus Souza, Cleyton de Oliveira Rodrigues, Daiane Constantino dos Reis, Giovanna Alexsander Vicente Costa e Thácila de Lima Pelayo. Ao todo realizamos três entrevistas, sendo a primeira online e as demais presenciais.

Com estes jovens com idade entre 16 e 22 anos pudemos descobrir a importância das redes sociais, do autorretrato e da popularidade. Através de seus relatos experimentamos uma imersão neste universo. Além de serem usuários assíduos do Facebook, eles encontram-se em um momento de transição física, pessoal e profissional, tentando descobrir seu espaço na sociedade. São jovens que estão amadurecendo nos dois territórios: são frutos de uma geração que traz em sua bagagem uma vivência paralela ao real e ao virtual, compreendendo que as duas esferas são fluidas. Enfim, são essas pessoas que respaldam a nossa pesquisa.

O cerne deste capítulo é constituído pela questão do reconhecimento. Para tanto, oferecemos a íntegra da última entrevista presencial realizada com cada um dos cinco informantes, realçando alguns tópicos que nos parecem mais significativos. Concluímos ao apresentar criticamente a chamada ‘Teoria das Gerações’, convidando o leitor a se debruçar futuramente na obra do filósofo alemão Axel Honneth, em especial no seu livro: *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*.



## CAPÍTULO I. A INTERNET E O FACEBOOK: POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO NA REDE

A internet é composta por dois elementos indissociáveis, sendo eles o *hardware* (*parte física*) e o *software* (*parte lógica*). O primeiro diz respeito a todo equipamento que é tangível, ou seja, o computador, os cabos, roteadores, entre outros. Já o *software* refere-se à linguagem de programação, compreendendo as partes intangíveis que são decodificadas a partir dos equipamentos físicos.

Tal princípio computacional é o mesmo desde 1958, quando o Departamento de Defesa Militar dos Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria (1945-1989), elaborou o embrião da internet, inicialmente conhecido como projeto *ARPA* (*Advanced Research Projects Agency*). O investimento do governo e dos cientistas consistia na criação de um sistema capaz de proteger informações, desenvolver estratégias de comunicação e impulsionar a superioridade tecnológica dos EUA, uma vez que a preservação de dados sempre foi considerada um problema em todos os conflitos.

A grande ameaça neste período era a iminência da superioridade tecnológica da antiga União Soviética – atual Rússia – que lançava seu primeiro satélite artificial, o *Sputnik*<sup>1</sup>. O aparato, lançado em 04 de outubro de 1957, consistia em uma esfera que pesava 83,6 kg e tinha como finalidade monitorar as potencialidades do espaço considerando a possibilidade de receber diferentes tipos de materiais e, posteriormente, o homem. Tais informações foram importantes para o envio do primeiro ser vivo ao espaço, após um mês do lançamento do primeiro *Sputnik*. O primeiro voo tripulado teve como viajante a cadela Laika, que ficou alguns dias em órbita e faleceu posteriormente em função da falta de oxigênio.

Todo esse movimento tecnológico trouxe à tona uma comoção social em relação a uma possível guerra nuclear. Enquanto o espaço tornava-se palco das atenções, na Terra a internet ganhava forma, investimento e funcionalidade no âmbito das comunicações.

---

<sup>1</sup>A partir do russo, *Sputnik* pode ser traduzido como ‘satélite e companheiro de viagem’.

A *Arpanet*, segundo Joseph Licklider<sup>2</sup>, era composta por computadores robustos que ocupavam grande espaço, e sua rede limitava-se ao compartilhamento online do tempo de computação, ou seja, o tempo real. Uma rede para poucos, uma vez que não era atraente visualmente e demandava conhecimentos em informática para sua utilização.

Em 1990, essa tecnologia entrou em desuso para fins exclusivamente militares e a administração da *Arpanet* ficou a cargo da *National Science Foundation (Fundação Nacional de Ciência)*, possibilitando universidades a aprimorar e difundir equipamentos. Os esforços visavam o deslocamento de informações entre nós<sup>3</sup> cada vez mais distantes. No mesmo período, sem qualquer política de fiscalização, a internet foi privatizada e vários provedores começaram a cobrar pelo acesso à rede.

Outro fator importante para o impulso e utilização da internet foi o desenvolvimento da *WWW (World Wide Web – Teia de Alcance Mundial)*, pelo programador inglês Tim Berners-Lee. Essa estrutura representou uma navegação mais intuitiva, interface gráfica amigável e troca de dados em tempo real, graças à inserção de *plug-ins*<sup>4</sup>. Por isso, vídeos, fotografias e textos poderiam ser reproduzidos ao mesmo tempo. As páginas passaram a ser desenvolvidas em uma linguagem específica para web, denominada *HTML (Hiper Text Markup Language)*, e decodificadas pelo navegador *WWW*, retornando a mensagem de maneira inteligível para o usuário.

---

<sup>2</sup> Psicólogo e cientista da computação no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Citado no livro: *A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. P. 14.

<sup>3</sup> São equipamentos que permitem a conexão em rede, por exemplo, roteadores e switch.

<sup>4</sup>Os *plug-ins* são programas que ajudam o navegador a processar tipos especiais de conteúdo Web, como ficheiros Flash ou Windows Media.  
<http://support.google.com/chrome/bin/answer.py?hl=pt&answer=142064>. Acesso em: 03 de setembro de 2012.

## 1.1 A internet no contexto brasileiro

No Brasil, o impulso tecnológico está atrelado ao governo de Juscelino Kubitschek (1956 a 1961). JK, a partir do ‘Plano de Metas’, apontou indícios da necessidade de criação de um sistema que pudesse facilitar e dinamizar a difusão das informações, a fim de gerar a Integração Nacional<sup>5</sup>. No entanto, foram necessários mais 27 anos para que o Brasil tivesse seu primeiro contato com a web, o que aconteceu concomitantemente à Constituição de 1988, no governo de José Sarney.

O período era favorável para o povo brasileiro que passou a ter seus direitos assegurados pelo Estado, tais como: votar, participar de greve, licença maternidade e paternidade, férias, 13º salário, entre outros. Diante deste cenário, a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) realizou a primeira troca de informações com o Fermilab (Laboratório especializado em física de partículas de alta energia dos Estados Unidos). Em seguida, foi a vez da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) se conectar com a internet, através de *links* com as universidades americanas.

Em 1995, a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) começou a distribuir as primeiras contas de acesso à Rede e o crescimento de usuários teve aumentos exponenciais, nunca precedidos na comunicação. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mesmo período, 4,7 milhões de domicílios possuíam pelo menos um computador.

“Enquanto o rádio tinha levado 38 anos para alcançar 50 milhões de ouvintes, e a TV aberta conquistado o mesmo número de telespectadores em apenas 13 anos, a TV a cabo conseguiu isso em apenas dez anos. Por sua vez a internet chegou lá em apenas cinco anos. (VERAS, 2004, p. 67).

A internet quebra paradigmas nos meios de comunicação ao propor um diálogo acessível, interativo e participativo, na medida em que o usuário é ao mesmo tempo receptor, divulgador e produtor de conteúdo. As informações podem ser comentadas, compartilhadas, reproduzidas, ao passo em que não se submetem a critérios pré-

---

<sup>5</sup> A Integração Nacional proposta pelo governo de Juscelino Kubitschek fazia parte do plano de metas, que tinha o célebre lema "Cinquenta anos em cinco". O plano tinha 31 metas distribuídas em cinco grupos: Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de Base, Educação, e, a meta principal ou meta-síntese: a construção de Brasília. Visava estimular a diversificação e o crescimento da economia brasileira, baseado na expansão industrial e na integração dos povos de todas as regiões do Brasil através da nova capital localizada no centro do território brasileiro, na região do Brasil Central.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Juscelino\\_Kubitschek](http://pt.wikipedia.org/wiki/Juscelino_Kubitschek). Acessado em 07 de fevereiro de 2013.

estabelecidos por uma linha editorial de veículos de comunicação. Além disso, possui uma diversidade de produtos como sites, Blogs, Vlogs, Redes Sociais, entre outros, que permitem a expressão de contentamento, discordância, ou simplesmente a socialização entre pares. Para além de se expressar e de interagir, o homem se beneficia das facilidades online, como: compra, pagamento, vendas, consultas e todo tipo de prestação de serviço. Em frente ao computador, o homem está instrumentalizado para desempenhar múltiplas tarefas. Realiza toda ordem de trabalho, resolve questões pessoais, toma conhecimento dos assuntos à sua volta e deixa seus rastros. O tempo é potencializado, as filas são substituídas facilmente por um acesso na Rede. Documentos são enviados de uma empresa a outra instantaneamente e os espaços são estreitados.

Os aspectos físicos e emocionais demonstram que cada vez mais estamos dependentes da tecnologia para a mediação com o mundo. Para Hayles (2002), a assertiva se justifica devido aos seres humanos julgarem-se “autônomos, quando na verdade não podem ser separados das tecnologias da informação que mais do que expressá-los os cocriam”. Imerso no universo da internet, o homem torna-se dependente das ferramentas para representá-lo. De tal forma que Lévy (1999) afirma que as atividades humanas estão atreladas em um processo indissolúvel, entre pessoas vivas e pensantes, entidades naturais e artificiais, ideias e representações.

“É impossível separar o mundo de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio das quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial - das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que inventam, produzem e utilizam. Acrescentamos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem estranham-se nas almas humanas, fornecendo meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais”. (Lévy, 1999, p. 22).

A internet, diferente dos meios de comunicação que a antecederam, não é um produto exclusivo da elite. Através de aparatos simples e atualmente mais acessíveis, como desktops, notebooks, celulares e tablets, qualquer pessoa pode acessar a rede. Soma-se a isso o fato de existirem vários provedores, para todos os públicos. As zonas de *wi-fi* livre, que proporcionam internet sem fio gratuitamente, tornaram-se um diferencial para alguns empresários, que apostam na distribuição da Rede como forma de atrair mais clientes. É



possível, através de um rápido cadastro, acessar a web em aeroportos, livrarias, restaurantes, salões, etc.

É comum encontrarmos pessoas que não desgrudam os olhos da tela, e que constantemente estão com os dedos nervosos, sempre digitando, sempre procurando, sempre em um mundo paralelo. Um mundo que dialoga com a realidade, mas que é acessado através da virtualidade. O público brasileiro é um dos que mais acessam a web. Somente no primeiro semestre de 2013, segundo o IBOP Media<sup>6</sup>, eram 102,3 milhões de usuários, ou seja, mais da metade da população tem contato com a internet.

Partindo do pressuposto de que na web os usuários são receptores, produtores e distribuidores de informações, é necessário conhecer o ‘lugar’ por onde trafegam estes dados. ‘Lugar’ no sentido de espaço desterritorializado, pois como se sabe, a rede pode ser acessada de vários pontos. O conceito de “computação em nuvem<sup>7</sup>”, utilizado na informática, auxilia a pensar sobre o tema, uma vez que, através deste sistema, podemos acessar nossos arquivos, como: textos, planilhas, músicas, imagens entre outros de qualquer computador e de qualquer parte do mundo. O ‘lugar’ não existe, ao mesmo tempo em que armazena o que não é tangível. Este espaço é chamado de *ciberespaço*.

---

<sup>6</sup> “Número de pessoas com acesso à internet passa de 100 milhões”. 10 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-passa-de-100-milhoes.aspx>. Acessado em 12 de julho de 2013.

<sup>7</sup> “Quando se fala em computação nas nuvens, fala-se na possibilidade de acessar arquivos e executar diferentes tarefas pela internet. Quer dizer, você não precisa instalar aplicativos no seu computador para tudo, pois pode acessar diferentes serviços online para fazer o que precisa, já que os dados não se encontram em um computador específico, mas sim em uma rede”. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/computacao-em-nuvem/738-o-que-e-computacao-em-nuvens-.htm>. Acessado em 20 de julho de 2012

## 1.2 Ciberespaço, Cibercultura e Corpos biocibernéticos

O termo *ciberespaço* (derivado do grego *ciber*, que significa ‘controle’), foi utilizado pela primeira vez na literatura pelo escritor de ficção científica Willian Gibson<sup>8</sup>, em 1984. Faz-se importante ressaltar que neste período a internet era embrionária e limitada aos centros de pesquisa. Em seu romance ‘neuromancer’, o autor ousou definir o *ciberespaço* como “representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano, uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente”.

Pierre Lévy, um dos principais teóricos sobre o assunto, avança na enunciação afirmando ser o *ciberespaço* um local não físico, não territorial, mas responsável por agregar os computadores e suas informações.

“Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e da memória dos computadores. Essa definição inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo, e resumindo virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacelar todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século”. (Lévy, 1999, p. 92 -94)

Entende-se que o *Ciberespaço* potencialmente agrega, dinamiza as relações humanas e facilita os fluxos comunicacionais. Não sendo uma esfera separada da realidade, mas um ambiente fluido, onde os usuários transitam, se relacionam e deixam suas marcas. Trata-se de uma tecnologia inerente à sociedade, que não pode ser desvinculada de seus aparatos tecnológicos. O *Ciberespaço* é um ambiente vivo, onde as informações estão em constante fluxo. As páginas da internet, bem como todos os seus arquivos, em todos os seus formatos compõem esta imensa teia.

O *Ciberespaço* é considerado o objeto, enquanto a *cibercultura* é a ciência que o estuda. O termo é definido por Bergman (2007) como:

---

<sup>8</sup> BERGMAN, Helenice M.B. “Ciberespaço e cibercultura: Novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia”. *Revista digital Ibero Americana*. 10 de setembro de 2007.

“Conjunto de técnicas, práticas, atitudes modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da internet como um meio de comunicação, que surge com a interconexão mundial dos computadores”. (Bergmann, 2007, p. 5)

Neste sentido lidamos com o virtual, com aquilo que existe enquanto potência, mas é impalpável. O virtual, como afirma Lévy não se opõe ao real, mas pode ser compreendido em pelo menos três diferentes sentidos: *técnico*, *corrente* e *filosófico*. Na informática, indica um espaço de armazenamento e troca de dados e possibilita a mobilidade e portabilidade no acesso dos conteúdos de qualquer parte do mundo e a partir de diferentes tipos de tecnologias. No uso corrente, a palavra virtual está vinculada a irrealidade, sem uma efetivação material. Logo, entendendo que o virtual está vinculado à ideia de imaterialidade, intangibilidade e impossibilidade, a expressão “realidade virtual” tornar-se-ia contraditória.

O mais complexo, no entanto, seria o aspecto de origem filosófica. Por entender que o *ciberespaço* é tido apenas como potencialidade e não como ato, opõe-se ao atual e não ao real. A respeito disso o autor explica utilizando a metáfora da árvore. “A árvore está virtualmente presente no grão”, ou seja, a virtualidade é algo que virá a ser, mas ainda está presa a uma ideia ainda não concretizada. “Se a virtualidade está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda atual)”.

A ideia do virtual na *Cibercultura*, ainda de acordo com as concepções de Lévy, está vinculada à Rede direta e indiretamente. A primeira incide sobre a tecnologia, uma vez que o Ciberespaço é composto por softwares (programas) que só existem e são decodificados em detrimento de um computador. Indiretamente, possibilita um fluxo contínuo de informações, independentemente do espaço geográfico.

Obviamente é preciso estudar a cibercultura dentro do contexto atual da sociedade. Atualmente vive-se a era da *hipermodernidade*, classificada por Lipovetsky e Charles (2004, p.41), como imediatista e consumista. Os autores argumentam sobre o superlativo (hiper) como a instauração de um ego ideal, fomentado pelo culto do “tudo mais”. Ser o mais bonito, o mais perfeito, o mais admirado na escala do sempre mais, levando a um prazer imediato. Segundo Martelli (2011, p.147), o tipo mais comum na sociedade hipermoderna é o “*indivíduo narcísico altruísta*”. Este tipo é descrito pela autora como um

homem de novos repertórios, linguagens, associações e com múltiplas escolhas, que se relaciona com vários microambientes.

O indivíduo torna-se responsável por seu sucesso e fracasso, na medida em que tem muita liberdade, mas não tem limites. Embora sejam individualistas, apenas mostram-se engajados quando em comunhão com seus coletivos, o que forma uma narrativa particular da ‘autoidentidade’.

Os conceitos de público e particular passam por uma nova (re) significação como esclarece Bauman (2000, p.71). “Na sociedade atual, o ‘público’ foi transformado em território onde são exibidos assuntos particulares e bens pessoais. Questões íntimas, problemas pessoais, conflitos familiares, são declarados ‘de interesse público’”.

Os problemas pessoais tratados na esfera pública apontam para um sujeito narcisista, ou seja, exibicionista. Para se expressar e falar de si recorre a um espaço onde possa ecoar suas preferências, insatisfações ou desejos. Intimamente, como propõe Martelli (2011, p.153), o narcisista convive predominantemente com três componentes: liberdade, aparência e consumo. A liberdade está vinculada à possibilidade de se expressar sobre tudo, mas também de se exibir e se mostrar. Pela aparência reafirma seus gostos e valores e, para isso, precisa incorporar uma marca que o diferencia e o aproxima de seus pares, recorrendo ao consumo.

A ideia de *indivíduo narcísico altruísta* é potencializada pela internet, uma vez que através dela é possível seduzir e pulverizar ideias sobre quase tudo. Este homem que estabelece uma relação de *corpo desmaterializado (biocibernético)*, ou seja, em Rede, inevitavelmente estabelece trocas entre seres vivos e máquinas. Potencialmente dialoga com os pensamentos, valores e crenças. Ao mesmo tempo, relaciona-se com o corpo numérico (bits e bytes), decodificado pelo computador, a fim de interagir com outras máquinas (outras pessoas).

O jogo entre real e virtual é paralelo e fluido na medida em que o homem, embora se fabule ou (re) crie uma narrativa, dialoga com a sua vida cotidiana, deixando rastros na rede e se instrumentalizando a fim de se fazer ver e interagir com o outro. Neste contexto o corpo biocibernético na definição de Santaella (2004, p.54) é híbrido e indiscernível entre o orgânico-biológico e o maquínico-cibernético, entre a umidade do carbono e a secura do silício. Tratando de seres digitais similares aos seres carnis, mas impalpáveis.

Le Breton (1999, p.24) dialoga com o texto de Santaella (2004, p. 54) e propõe a ideia de *ciber corpo*. O autor define o *ciber corpo* como “um corpo que liga a carne do homem com procedimentos informáticos, donde o outro é afastado em proveito dos signos de sua presença. O corpo do outro – corpo à distância virtual – pode ser um disquete, um programa, um site”.

Em síntese, o que proponho neste tópico, é uma reflexão sobre o homem e seus espaços. Sendo esta uma imersão sobre o campo de pesquisa. A saber, que o *Ciberespaço* é o local desterritorializado, por onde circulam todos os arquivos da web.

No entanto, a ciência que estuda o *Ciberespaço* é a *Cibercultura*. Este espaço é compreendido através da *virtualidade*, ou seja, da vida on-line, ativa e que embora seja impalpável, é real. Essa discussão acontece sobre o palco da sociedade *hipermoderna*, caracterizada pela popularidade e exibicionismo. Tal sociedade forma um *indivíduo narcísico altruísta que*, embora individualista, busca em seus coletivos estabelecer conexões e se tornar parte de um todo. Na vida virtual, recebe a denominação de *corpo desmaterializado (biocibernético)* ou *Ciber corpo*, propondo uma conversa entre a vida on-line e off-line. Embora realize a maioria das atividades cotidianas no *ciberespaço*, o indivíduo precisa lidar com questões concretas em seu dia a dia.

### 1.3 As Redes Sociais: situando o Orkut em relação ao Facebook

Sendo o *Ciberespaço* o local por onde trafegam todas as informações referentes à internet, limitaremos nosso estudo à Rede Social Facebook, para não correremos o risco de ampliar a discussão sobre diferentes plataformas e dispersar a nossa reflexão central. As Redes Sociais são definidas como sites que tem por finalidade reunir perfis de usuários, que se conectam para estabelecer laços de amizade. Entende-se por perfil<sup>9</sup> um grupo de informações inseridas pelos usuários, tais como: nome, idade, sexo, estado civil, religião, cidade, etc., para criar sua página pessoal na rede.

A primeira Rede Social foi programada por Randy Conrads em 1995 nos Estados Unidos, com o nome de *Class Mates (colegas)*. A rede tinha por finalidade conectar usuários de escolas e universidades, cobrando uma mensalidade para o acesso. Embora o site ainda exista, está limitado a internautas da Áustria, Alemanha, Canadá, França e Suécia.

A popularização deste serviço aconteceu em 2004, com a criação de dois grandes sites: Orkut e Facebook. Neles os usuários experimentaram a possibilidade de interagir gratuitamente com outras pessoas através da divulgação de conteúdos, em seus mais diversos formatos e de maneira instantânea. O Orkut foi considerado o queridinho dos brasileiros até 2011, quando foi superado pelo gigante Facebook. Segundo pesquisa divulgada no *blog do Estado de São Paulo*<sup>10</sup>, o internauta brasileiro do Facebook passa, em média, quase sete horas por mês conectado ao site. Enquanto isso, o Orkut tem uma média de “apenas” 01h49.

Segundo a agência ‘comScore’, o Facebook cresceu 192% desde a sua criação. Entre as possíveis causas do seu sucesso estão: Layout mais organizado, possibilidade de filtrar informações e comunicação instantânea. Enquanto o Orkut tinha sua segurança em

---

<sup>9</sup> As páginas de perfil descritas neste trabalho fazem referência à página pessoal. Nela encontramos informações básicas (fotos, vídeos, recados, data de nascimento, local onde mora e onde nasceu etc) que podem ser ou não obrigatórias pela plataforma. O nível de privacidade desta página está vinculado aos interesses de seu proprietário, que por vez pode expor suas informações para todas as pessoas da rede, ou para grupos de amigos.

<sup>10</sup>Matéria publicada no site: <http://blogs.estadao.com.br/link/os-numeros-do-facebook-no-brasil/> no dia 7 de fevereiro de 2012 no *caderno Link*. Acesso em 14 de abril de 2012.

descrédito, com uma comunicação baseada em *spams*<sup>11</sup>, ou seja, mensagens encaminhadas automaticamente, responsável por propagar pragas virtuais.

Com a proposta de ser mais seguro, ter uma interface gráfica mais atraente, limpa e divertida, o Facebook entra em ascensão em relação ao Orkut. As páginas são consideradas mais dinâmicas e interativas, por possibilitarem o compartilhamento de informações com maior garantia de segurança, além de facilitar o gerenciamento dos *post*<sup>12</sup>. Em 2011, o Facebook possuía 36,1 milhões de visitantes, enquanto o Orkut possuía ‘apenas’ 34,4<sup>13</sup>.

O Orkut tentou modificações radicais em sua página e permitiu a intervenção do internauta no design (oferecendo possibilidades de trocar o tema, ou seja, a aparência da página). O usuário pode substituir as cores ou o modelo, que são divididos em oito categorias e 82 opções de tema.

Nas três ilustrações a seguir mostro as páginas nas versões originais e com as modificações. Na primeira imagem aponto para o Orkut em sua versão original, sem nenhuma intervenção do usuário. Na segunda, mostro os layouts disponibilizados, bem como suas categorias e finalizo com um exemplo da página com uma versão nova.

---

<sup>11</sup>*Spam* é uma mensagem encaminhada em massa, que na maioria das vezes possui conteúdo de cunho publicitário.

<sup>12</sup>*Post* é o acrônimo de postagem, sendo ela uma mensagem que pode conter texto, imagens e vídeos.

<sup>13</sup>Informação consultada na internet 17 de janeiro de 2012 no site <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/facebook-passa-orkut-e-vira-maior-rede-social-do-brasil-diz-pesquisa.html>.

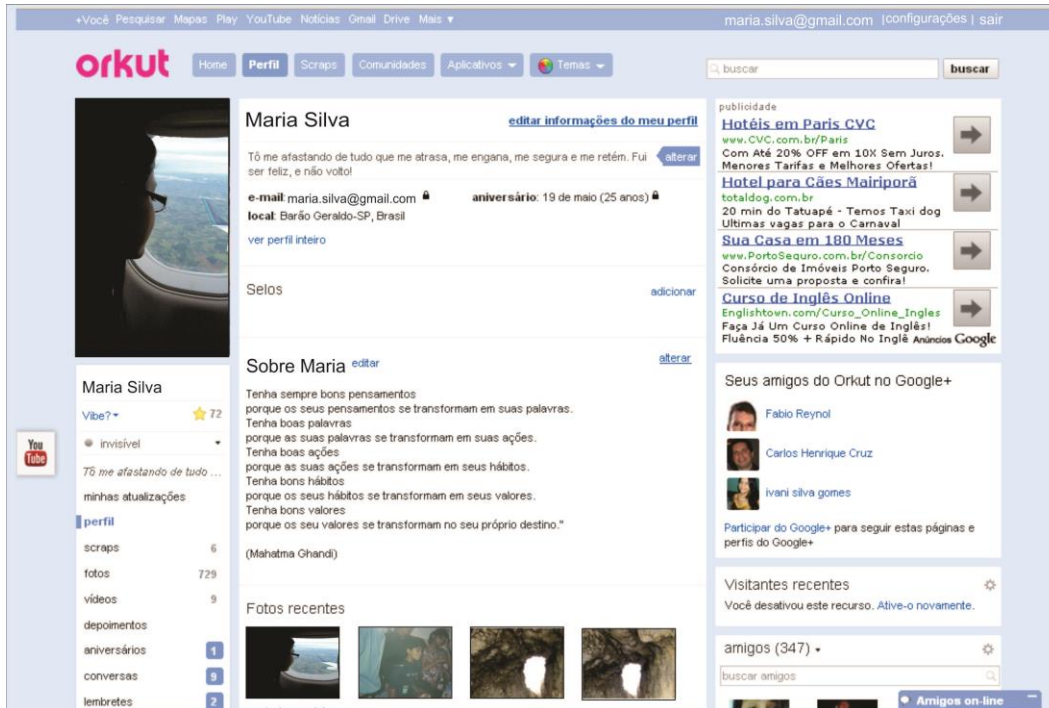


Figura 1: Orkut com tema padrão

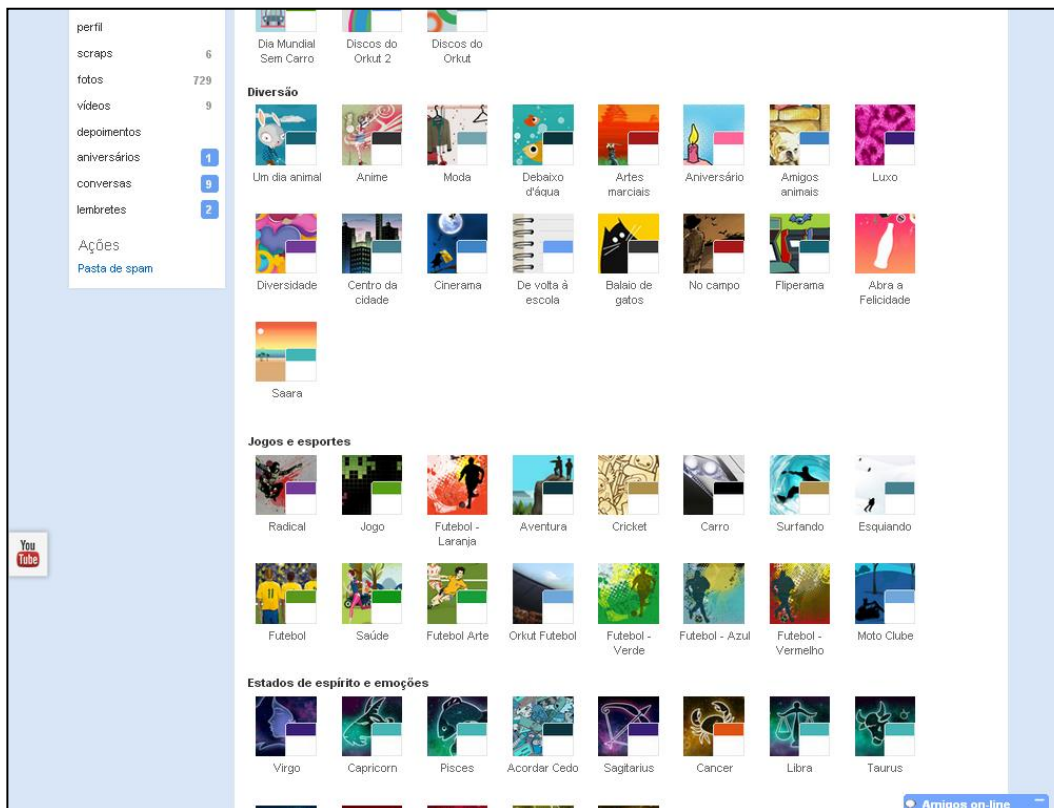


Figura 2: Com um clique os usuários do Orkut podem trocar o tema de seu perfil.



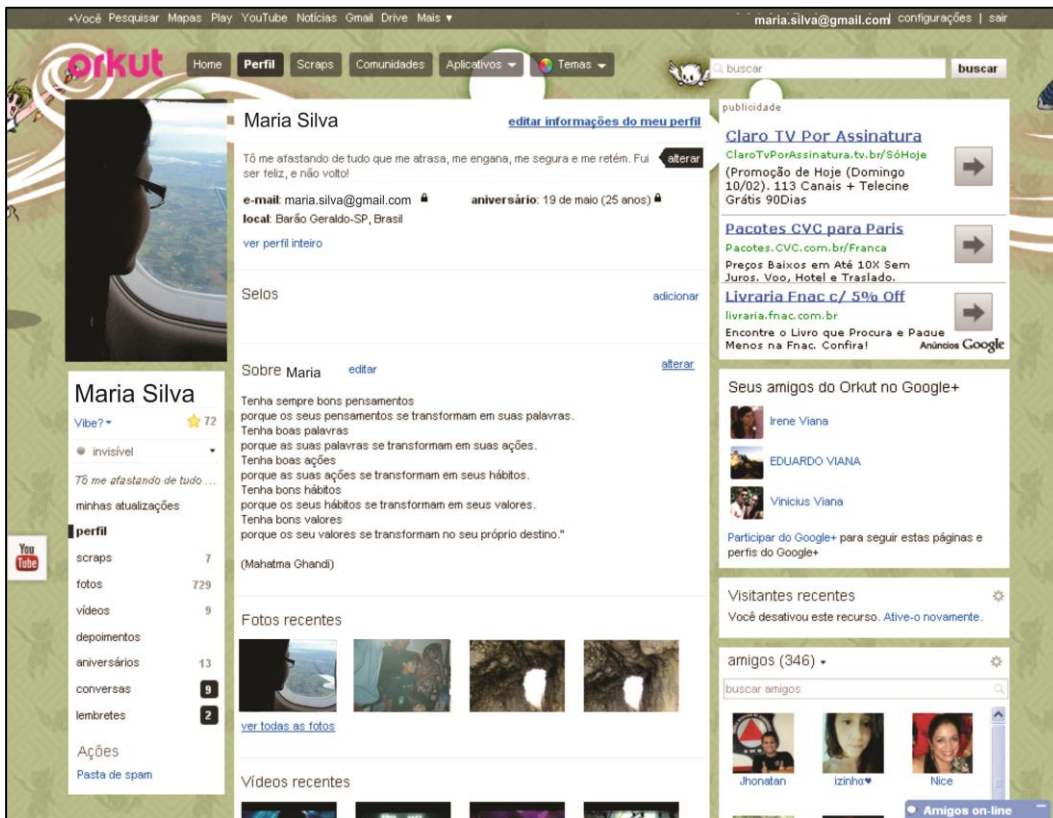


Figura 3: Orkut personalizado com o tema "anime" da seção "diversão".

Além dos temas, o Orkut introduziu o bate-papo online, espaços publicitários destinados ao marketing empresarial e aumento da capacidade de armazenamento de imagens e vídeos. No entanto, os esforços foram insuficientes e, em maio de 2011, a Google, empresa voltada para web e sócia do Orkut, comprou a plataforma, transformando-a numa extensão do *Google +*, também conhecida como *Google Plus*, uma Rede Social baseada em conceitos de círculos. O projeto baseava-se em administrar pessoas por blocos, como família, amigos e colegas de trabalho, a fim de disponibilizar informações para grupos específicos. Por exemplo, as fotos, vídeos e conversas sobre o churrasco do final de semana são encaminhadas apenas para o círculo de 'amizades' e não para a rede toda, o que possibilita o direcionamento das informações.

## 1.4 Introdução ao Facebook

A missão do Facebook é dar poder às pessoas para compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. (Definição do Facebook pela plataforma em 2005).

Concomitante ao Orkut nasceu o Facebook, que foi idealizado pelos estudantes: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, da universidade de Harvard. O site era atraente para os seus usuários, pois tinha como objetivo relatar as experiências pessoais dos estudantes na Universidade. No entanto, o Facebook se expandiu a tal ponto que rompeu os limites acadêmicos e se difundiu pelo mundo. A ambição dos jovens virou um livro *bestseller*, denominado: *Bilionário por acaso: a criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição*, e posteriormente no filme “*The social network*”<sup>14</sup> (*A rede social*).

A engenhosidade desenvolvida pelos jovens está relacionada a problemas sentimentais envolvendo o atual presidente do Facebook, Mark Zuckerberg. O programador interessado em fraternidade, ao ser rejeitado pela namorada (Erica Albright), decidiu denegrir a imagem da mesma, usando seu blog para falar sobre os defeitos dela. Concomitantemente ele desenvolvia uma plataforma de dados com informações *hackeadas*<sup>15</sup>.

Motivado a desenvolver uma rede de pessoas, em 28 de outubro de 2003, Zuckerberg criou um banco de dados composto por imagens, invadindo páginas da internet de nove apartamentos dos estudantes de Harvard, tais como: Kirkland House, Eliot House, Lowell, Adams House e Lewerton. Contudo, ficou a cargo de Eduardo Luiz Saverin<sup>16</sup> a entrega do algoritmo que adotava para calcular a possibilidade de ganhar no xadrez. O código foi empregado para classificar as garotas mais bonitas da universidade. Zuckerberg

---

<sup>14</sup>Mais informações sobre o filme podem ser encontradas no site oficial <http://www.thesocialnetwork-movie.com/> - site consultado em 14 de setembro de 2012.

<sup>15</sup>Usada originalmente no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) na década de 50 para definir pessoas interessadas pela era da informática. Essa definição diz que um “hacker” é uma pessoa que consegue *hackear*, verbo inglês *tohack*. Define que *hacké* o ato de alterar alguma coisa que já está pronta ou em desenvolvimento, deixando-a melhor. <http://www.smartsec.com.br/hacker.html>. Site consultado em 20 de dezembro de 2012.

<sup>16</sup> Eduardo Luiz Saverin (São Paulo, 19 de março de 1982) é um empresário e bilionário brasileiro. É um dos co-fundadores do Facebook, juntamente com Mark Zuckerberg e outros. Atualmente, após vender metade dos 5% das ações do Facebook que possuía, detém 2,5% das ações da rede social. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_Saverin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Saverin) consultado em 21 de maio de 2013.

usou as fotografias roubadas e enviou um e-mail para duas pessoas, que logo encaminharam para outras, formando assim uma rede.

Ao baixar um grande número de informações, Zuckerberg fez com que o banco de dados da universidade fosse tirado do ar. Foram 22 mil acessos em menos de duas horas, no site que até então era denominado “*Facemasch*” (*Rostos Misturados*). Como o próprio slogan do filme diz: *Ninguém chega a 500 milhões de amigos sem fazer alguns inimigos*. O criador do Facebook foi indiciado judicialmente pelas acusações de violação dos direitos autorais, quebra de segurança e abuso da privacidade individual. Mais tarde, ele foi expulso da universidade de Harvard. Todas as acusações foram retiradas alguns meses depois. Apenas em agosto de 2005 o domínio [facebook.com](http://facebook.com) foi registrado oficialmente.

A estrutura das páginas do Facebook mudou bastante desde seu surgimento em 2004. A mudança no Layout propõe melhor otimização e disposição das informações, tanto os dados do usuário quanto os de seus amigos. Falar sobre esta estrutura é também pensar na organização na qual o indivíduo está submerso na sociedade, por aspectos subliminares que afetam diretamente na construção de sua página e, conseqüentemente, de sua identidade. Para compreendermos melhor de que maneira esta montagem afeta a vida dos usuários, será feita uma breve explanação sobre as mudanças na estrutura da página e, também, de como foi oferecida aos seus usuários.

A princípio, a mudança mais significativa ficou a cargo da “*linha do tempo*” ou “*timeline*”, obrigatória desde janeiro de 2012 e que segundo Rick Marini<sup>17</sup>, presidente da BranchOut, possibilitou a criação de um diário virtual: “Se a *Timeline* se tornar uma parte importante das suas vidas, seu diário, o Facebook talvez tenha prendido os usuários pelos próximos 20 anos. Se é no Facebook que tudo acontece - todas as suas fotos, os seus vídeos, tudo o que você já fez, você nunca irá abandoná-lo.”

A linha do tempo permite maior fluidez na busca de informações, o usuário não depende da barra de rolagem para chegar a determinada informação. Ele recorre a uma

---

<sup>17</sup>AFP, “Para especialistas, mudança no Facebook vai prender usuários”, 30 de setembro de 2011 <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5387105-EI12884,00-Para+especialistas+mudanca+no+Facebook+vai+prender+usuarios.html>. Site consultado em 11 de setembro de 2012.

régua posicionada ao lado do perfil, que começa em ‘agora’ e termina no ‘nascimento’, ou seja, quando o indivíduo ativou sua conta.

O destaque nesta nova versão é, sem dúvida, um espaço denominado ‘capa’, inexistente na primeira versão. Este local é reservado para divulgar uma imagem maior que a foto do perfil, uma espécie de banner, que pode ser alterado de acordo com a vontade do internauta.

O novo layout tornou o sujeito um “produto”, à medida que os termos publicitários começam a dialogar com o perfil. O patrocínio está estrategicamente localizado entre o ‘bate papo’ e os demais blocos de informações e esses banners são constantemente atualizados. Tal estratégia também pode ser compreendida como um mecanismo de adaptação aos novos hábitos que são gerados na sociedade, inclusive na forma de se adquirir conhecimento.

Segundo Carr (2011, p.21), o processo pelo qual absorvemos as informações possibilita sumarizar/escanear toneladas de informações da web. Em outras palavras, o método de decorar e armazenar dezenas de conhecimentos estão sendo substituídas por mecanismos de busca, como por exemplo, o Google, que permite encontrar os mais variados tipos de informações, sem a necessidade de memorizá-las. A dinâmica para encontrar rapidamente qualquer tipo de dado, quebra a linearidade na leitura, pois ao correr os olhos pela tela somos atraídos rapidamente e precisamente para o que buscamos.

Essa agilidade no encontro de informações, se comparado ao universo das Redes Sociais, nos apontam uma produção nova de tecer as relações interpessoais, desvelando uma nova trama social. Temos em nossas mãos ferramentas multifuncionais que portam o potencial de produção de muitos discursos, dos indivíduos que dela participam, de si e do outro, através da manipulação das informações, imagens, dados disponíveis, já existentes ou produzidos pelos usuários.

## 1.5 Criando um perfil

Ao acessar a página na internet [www.facebook.com](http://www.facebook.com) temos contato com uma tela inicial, composta por duas possibilidades de acesso, sendo elas: 1- Acessar a conta, 2- cadastrar ou criar uma conta para promover uma empresa ou celebridade. Conforme apresentados na imagem abaixo:



The image shows the Facebook homepage interface. At the top left is the Facebook logo. To its right is a login section labeled '1' with input fields for 'E-mail ou telefone' and 'Senha', a 'Mantenha me conectado' checkbox, and an 'Entrar' button. Below the login section is a registration section labeled '2' titled 'Cadastre-se' with the subtext 'É gratuito e sempre será'. The registration form includes fields for 'Nome' and 'Sobrenome', 'Seu e-mail', a confirmation field 'Insira o e-mail novamente', and 'Nova senha'. It also features a birthday section with dropdowns for 'Dia', 'Mês', and 'Ano', and radio buttons for 'Feminino' and 'Masculino'. A green 'Cadastre-se' button is at the bottom of the form. A world map with user icons is on the left side of the page.

Figura 4: Página inicial do Facebook

Contudo, nossa atenção será voltada para a opção de ‘cadastro’, pois dela derivam as informações básicas disponibilizadas na rede (nome, sobrenome, e-mail, data de aniversário e gênero).

Para criar um perfil o usuário recebe cinco instruções didáticas, sintetizadas na imagem a seguir: 1º Encontrar amigos, 2º Adicionar amigos, 3º Foto do perfil, 4º Informações do perfil e 5º Adicionar pessoas conhecidas.

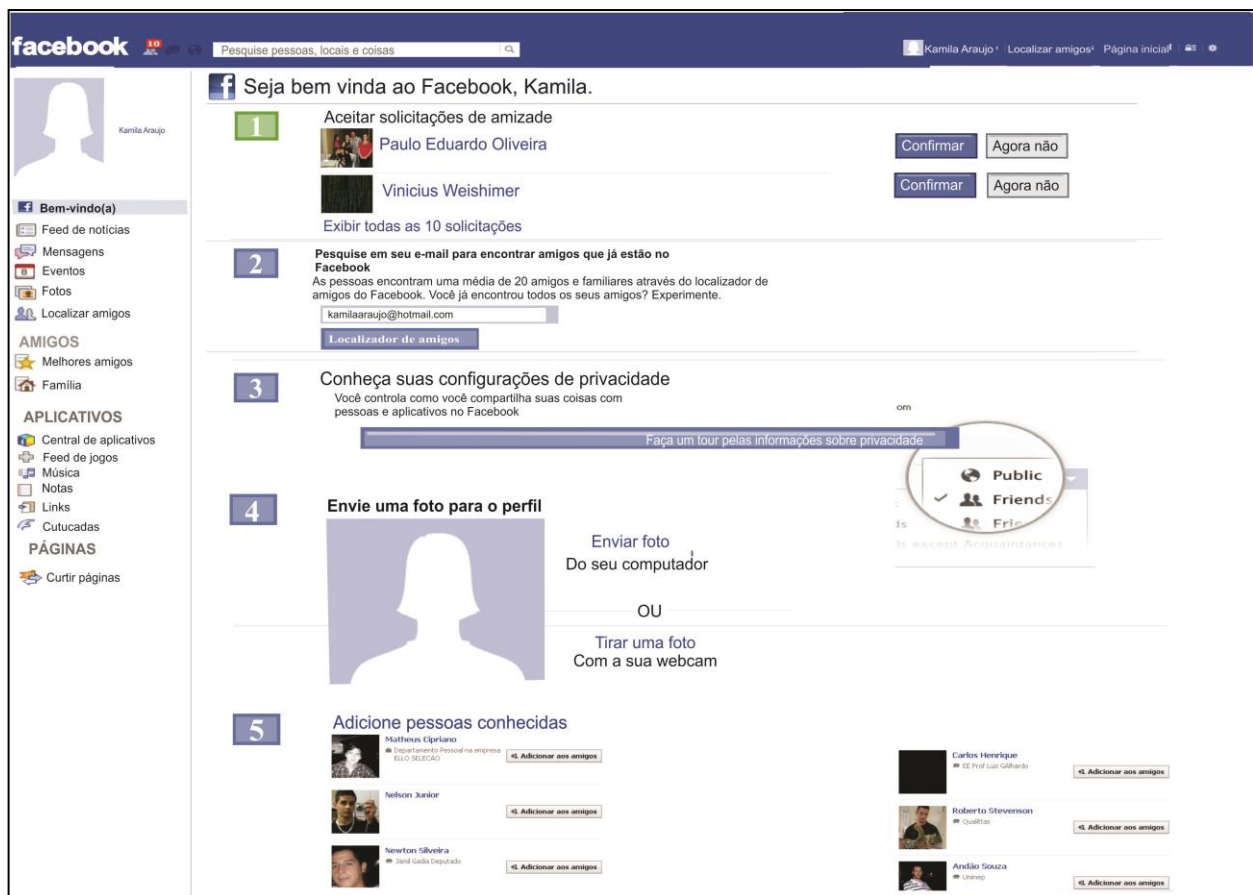


Figura 5: Cinco passos para a criação de uma página no Facebook.

**1º Aceitar Solicitações:** Nesta etapa é possível visualizar uma série de perfis. Os usuários relacionados, geralmente, são pessoas associadas aos seus contatos, ou seja, são os amigos dos seus amigos.

**2º Pesquise em seu email:** Com a inserção do email para a criação do perfil, automaticamente são detectados os contatos pré-existentes na conta. O que facilita (re) encontrar os amigos na Rede. - *“Seus amigos já podem estar aqui. Procurar em sua conta de email é o caminho mais rápido para encontrar seus amigos no Facebook.”*

**3º conheça as suas configurações de privacidade:** A fim de que o usuário compartilhe conteúdos para grupos específicos (exemplo: todos do Facebook, amigos, colegas de trabalho, faculdade etc), é dada a opção de escolher e direcionar com quem compartilhar informações, à partir das configurações de privacidade.

**4º Envie uma foto de perfil:** A imagem do perfil deve ter, no mínimo, 180 pixels de largura. É a principal foto, sendo exibida como uma miniatura ao lado dos comentários e de outras atividades no Facebook.

**5º Adicionar pessoas conhecidas:** Geralmente são pessoas relacionadas com informações em comum. Por exemplo, se estudaram na mesma escola ou trabalharam na mesma empresa, potencialmente são conhecidos.

## 1.6 Introdução aos layouts do Facebook (2011 e 2013)

A proposta deste tópico é apontar as estruturas da página de perfil no Facebook. É importante ressaltar que a escolha pelas datas estão atreladas aos períodos áureos da rede. A primeira (2011) é marcada pela popularização e migração maciça dos usuários do Orkut para o Facebook. A segunda diz respeito ao layout atual. Nas duas primeiras pranchas denominadas *visão de conjunto (2011 e 2013)*, será analisada a composição das páginas preenchidas com informações: fotos, descrições, mapas, entre outros. No tópico *Arquitetura das páginas (2011 e 2013)* mostrarei a espinha dorsal do site, ou seja, a página sem informações, constando apenas da sua estrutura (disposições dos elementos e suas denominações). Com as quatro pranchas expostas, partirei para o terceiro ponto que é esclarecer para que servem e como funcionam as ferramentas mais utilizadas. Esse tópico é importante para que mesmo os leitores que não são adeptos ao uso da rede possam compreender sua dinâmica e, também, identificar expressões próprias da rede.

Nesta trama percebemos que existem gírias próprias deste universo, não apenas aquelas que são criadas pelos usuários, mas também outras impostas pela plataforma. Entre alguns exemplos podemos apontar o *'Like'* (curtir), que, além da expressão, conta ainda com a seguinte representação gráfica:



Mas o que significa curtir alguma postagem? Esta representação gráfica possui um aspecto muito importante que é a 'popularidade'. Levando em consideração que cada usuário pode apenas curtir uma vez, e que quanto mais curtida uma postagem é, mais vista e comentada ela se torna.

O símbolo possui vários sentidos, desde o "vi", até o "não quero comentar nada". Assinala a visibilidade, mas nem sempre uma reflexão. Pode ser ainda acompanhado por um comentário. Mais descrições como estas serão apontadas no tópico: *1.9 Desmontagens e aprofundamentos sobre o Facebook*.



## 1.7 Layouts do Facebook: visão de conjunto (2011 e 2013)



Figura 6: Layout Facebook 2011

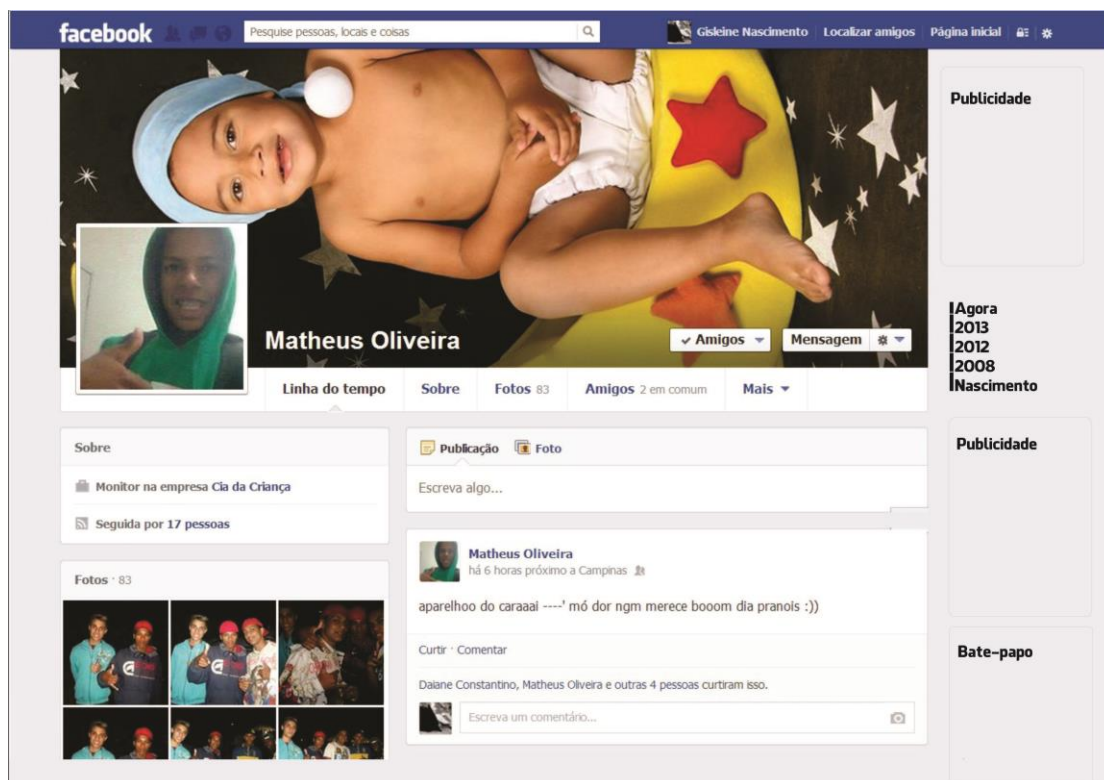


Figura 7: Layout Facebook 2013

## **1.8 Layouts do Facebook: arquiteturas das páginas (2011 e 2013)**

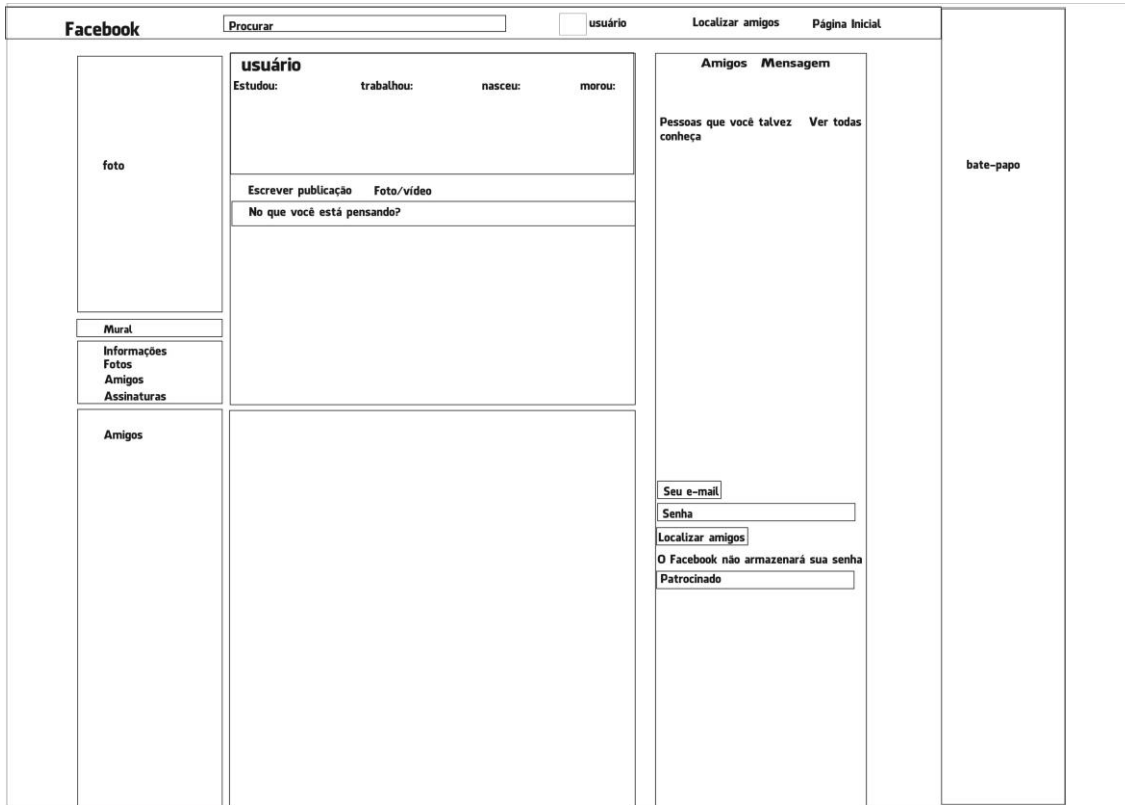
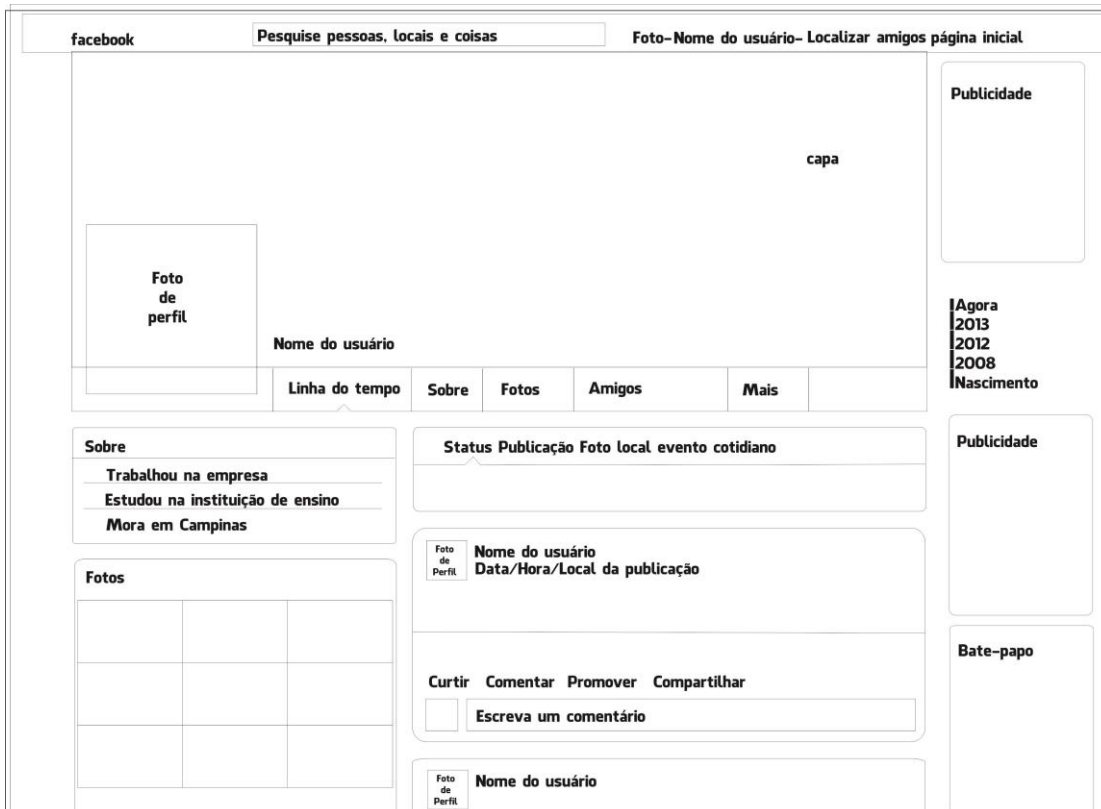


Figura 8 :Facebook versão 2011



## 1.9 Desmontagens e aprofundamentos do layout do Facebook 2013

As estruturas das páginas do Facebook foram desenvolvidas didaticamente, de maneira que, mesmo as pessoas menos entendidas em tecnologia consigam administrar seus perfis e interagir com seus amigos sem dificuldades. Todo layout envolve informações com imagem e texto contendo explicações ao serem clicadas. A dinâmica do site fica a cargo dos *hiperlinks*, que são ligações entre páginas em pontos precisos, deslocando o usuário para aonde ele queira ir.

O esquema abaixo foi utilizado para apontar a dinâmica do ‘perfil’, que é a página inicial do usuário. Desta maneira, será possível compreender a função de cada um desses blocos e quais são seus desmembramentos e importância para o usuário. Trata-se de um pequeno ‘manual’.



Figura 9 : Facebook versão 2013

Figura 10: Separando por blocos para compreensão didática

## 1º Bloco de informações – Cabeçalho

A estrutura do cabeçalho do Facebook permaneceu a mesma ao longo de suas modificações, o que assegura a familiaridade do usuário com a rede e facilita seu tráfego pelas páginas.



Figura 11: bloco de informações - Cabeçalho


faremos neste espaço é um desmembramento do cabeçalho a fim de compreendermos suas funções. Acompanhe no esquema a seguir:




A-




*Nome do site:* Facebook - Também é um *hiperlink* para retornar à página de atualizações. A página de atualizações por sua vez, traz as postagens mais recentes dos amigos e do próprio usuário. Sendo constantemente atualizada com vídeos, imagens e compartilhamento de *links*.

*Solicitações de amizade:*  Tem como função o envio e recebimento de

convites para tornar-se um contato. Em configurações de amizade, o usuário pode determinar quais categorias de pessoas do Facebook podem enviar convites, podendo ser todas as pessoas, ou apenas amigos dos amigos.

**Mensagens:**  Também conhecidas como *inbox*, são mensagens restritas, apenas o titular pode visualizar estas conversas. Por não serem públicas, oferecem privacidade aos usuários. As conversas via *chat* também são armazenadas neste espaço, sendo possível resgatar toda conversa posteriormente.

**Notificações:**  São ações que envolvem a marcação de um usuário em alguma citação, além de convite para jogos e aplicativos online.

**B-**

Pesquise pessoas, locais e coisas



**Busca:**

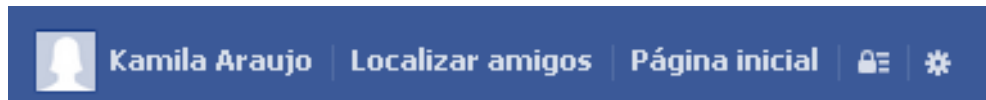
Este espaço

está relacionado à procura de qualquer tipo de informação dentro do Facebook. Envolve usuários, aplicativos (tais como jogos), comunidades, lugares, entre outros. Observe o exemplo:



**Figura 12 :Grupos que reúnem pessoas com interesses em comum**


C-





*Identificação do usuário:* Imagem e nome (*Hiperlink* para retomar a página de perfil).

*Localizar amigos:* Responsável por introduzir os iniciantes a encontrarem mais contatos através de outras redes como: MSN, Yahoo, UOL, Terra, etc. Apresenta três etapas para agregar mais pessoas: localizar amigos, adicionar amigos e convidar amigos.

*Página inicial:* Tem exatamente a mesma função do ícone do Facebook, voltar para a página de atualização dos usuários.

*Atalhos de privacidade*  :Está vinculada à privacidade da conta, ou seja, até onde outros usuários podem ter acesso a sua conta. Ex: Quem pode ver as minhas coisas; quem pode entrar em contato comigo; como faço para impedir alguém de me incomodar.

*Configurações da conta:*  Local dedicado a assuntos mais profundos, como criação de anúncios. Trata-se  de uma ferramenta cada vez mais utilizada pelo profissional do Marketing. O Facebook estima que os anúncios aumentem em 35% as vendas e em 44% as visitas no site oficial.

Além disso, ainda no mesmo espaço, estão localizadas as ‘configurações da conta’ (segurança, privacidade, linha do tempo e marcações, bloqueio, notificações, configurações de privacidade) e as opções ‘sair’ e ‘ajuda’. É importante ressaltarmos que na opção de configurações da conta do usuário, fica posicionado o passo a passo para a desativação de uma conta do Facebook. No entanto, engana-se quem acredita que o perfil seja completamente destruído. Na verdade ele fica apenas oculto de maneira que o usuário pode reativá-lo quando quiser, apenas reinserindo o nome de usuário e a senha.

## 2º Bloco de informações - perfil:

O segundo bloco de informações sofreu profundas modificações, entre 2011 e 2013 tanto no tocante ao layout quanto em relação às suas funções. Primeiramente, apontaremos um quadro comparativo das mudanças, e em seguida, apontaremos as funções da versão mais recente (2013).



②



Figura 13: bloco de informações - perfil

O segundo bloco de informações ocupa o maior e mais importante lugar da página. Além de estar estrategicamente posicionado no local de maior visualização, contém as



informações sobre o perfil do usuário, seus interesses, amigos, imagens, lugares visitados, entre outros.

*Capa:* Também chamado de banner, possui as dimensões de 315 x 851 px, na qual o usuário pode postar uma fotografia ou uma imagem sobre seu assunto de interesse. Atualmente existem sites que desenvolvem capas temáticas a fim de auxiliar o usuário a compor seu perfil.

*Foto de perfil:* É um quadrado com a dimensão de 135 x 135 px e está sobreposta à capa. Assemelha-se a uma foto 3x4 presente na maioria dos nossos documentos. No entanto, diferentemente desta imagem séria e documental, a foto do perfil é uma imagem mais agradável visualmente e pode ser modificada quantas vezes o internauta achar interessante. Não exige um plano de fundo sólido ou um rosto voltado para frente, sempre focalizado com iluminação adequada.

A foto do perfil é, em si, um ato de se dar a conhecer aos outros usuários da rede, uma assinatura personalizada para a identificação do 'eu'. A identificação está além da biometria<sup>18</sup>, que compreende impressão digital, reconhecimento facial, de íris, das mãos, caligrafia, timbre de voz ou do próprio DNA, determinados pela natureza genética. As imagens de capa e de perfil sobressaltam aos olhos dos usuários, por mostrar a singularidade de cada um dos indivíduos que, embora diluídos em uma rede gigantesca de pessoas com culturas e histórias diferentes, podem se integrar, interagir e formar a sua própria rede de amigos. Convergindo em um atlas, interconectando pessoas e histórias de vida.

As imagens da capa e de perfil são sempre públicas, ou seja, podem ser visualizadas por todos, demonstrando assim uma iniciativa da rede em catalogar os usuários por nomes e imagens, facilitando a busca. Ao clicarmos sobre as duas opções automaticamente somos redirecionados aos álbuns, onde podem ser visualizadas as antigas imagens de capa e perfil, bem como os comentários e as opções de curtir<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Biometria [bio (vida) + metria (medida)] é o estudo estatístico das características físicas ou comportamentais dos seres vivos e pode ser utilizado numa grande variedade de aplicações, pelo que é difícil defini-la de forma exclusiva. No entanto, uma das definições que nos parece mais adequada refere que a biometria é a utilização automatizada de características fisiológicas ou comportamentais para determinar ou verificar entidades. SILVA, Clevertom et al. *A segurança através da biometria*. Associação Educacional Dom Bosco – AEDB. Rio de Janeiro. 2007.

<sup>19</sup> “Curtir” é uma expressão criada pelo Facebook para sinalizar que um usuário visualizou e gostou de uma publicação. Facilita o fluxo comunicacional, pois seu significado é absorvido rapidamente, além disso,

*Sobre:* Abaixo da foto de perfil estão localizadas as informações sobre os usuários, são elas as opções de: *trabalho e educação, residência, relacionamento e família, histórico por ano, sobre você, informações básicas, informações de contato e citações favoritas*. No entanto, o usuário não tem obrigação de preencher todo perfil e, caso o faça, pode selecionar o grupo de pessoas que terão acesso a ele.

Essas informações podem ser modificadas quando o usuário julgar necessário. Cada alteração passa automaticamente a constar em atividades recentes, local onde as publicações de destaque aparecem, chamando a atenção dos demais usuários da rede para a novidade. O item relacionamento é um dos que mais se destacam, predominantemente pela possibilidade de incorporar o perfil do namorado (a), noivo (a) e esposo (a) e também a data do início do relacionamento, auxiliando inclusive no gerenciamento da união.

*Atualizar informações:* Tem a mesma função do “Sobre”, ou seja, alterar os dados do perfil.

*Registro de atividades:* Cada clique no Facebook é registrado, buscas, visitas, atualizações, publicações próprias, publicações em que foi marcado, jogos, fotos, enfim todos os rastros são armazenados neste espaço. Tal espaço funciona como uma fonte de memória, uma vez que nada é removido pela plataforma. Com a linha do tempo na lateral superior direita é possível navegar nos registros por datas, clicando sobre o mês.

A impressão é de que estamos de posse de um pequeno diário sobre a nossa rotina virtual.

*Ícones:* Abaixo das opções atualizar informações e registro de atividades, encontra-se os ícones de: *amigos, fotos, mapas, opções de curtir, seguindo, eventos, notas*. Este é um espaço importante, que permite o gerenciamento dos dados, o que exige uma explicação mais detalhada.

*Amigos:* Os contatos podem facilmente ser gerenciados a partir desta opção, podendo ser categorizados como *amigos, recém-adicionados*, ou *listas* que podem ser criadas como de colegas de trabalho, de escola, faculdade, grupos religiosos, etc. Esses blocos de informações permitem a edição dos contatos, como por exemplo, quem pode

---

é uma representação imagética sobre as preferências. O número de curtir é ainda um indício da popularidade de uma publicação, uma vez que a quantidade de “curtir” é sinalizada através de números e nomes.

visualizar a amizade, se será ou não visualizada nas atualizações, e pode ainda desfazer uma amizade.



Figura 14: Categorização dos 'amigos' do Facebook

Outra opção interessante em amizades é a navegação pelos perfis dos amigos a partir da opção *ver amizade*, onde há a possibilidade de verificar todas as conversas, fotos, vídeos e marcações com determinada pessoa, desde quando se tornaram amigos, quais são os amigos em comum, etc.

facebook  Giseine Nascimento Localizar amigos Página inicial

**Você e Matheus Oliveira** Adicionar uma capa Compartilhar amizade Mais

Amigos no Facebook desde abril de 2012  
Moram em/no/na Campinas

Amigos em comum 2 Fotos Eventos

2012

**Giseine Nascimento** ► **Matheus Oliveira**  
6 de maio de 2012

Matheus Oliveira lembrou de preencher os documentos que te passei??? Não esquece eim???  
Conto com vc!!  
Bjussssssss

Curtir · Comentar · Promover 1 2

---

**Matheus Oliveira** and **Giseine Nascimento** became friends.  
5 de abril de 2012

**Giseine Nascimento**  
Moram em Campinas

Curtir · Comentar

**Matheus Oliveira** ► **Giseine Nascimento**  
26 de abril de 2012

Giseine envolve meeu viideo noo concurso lá :D  
<http://www.youtube.com/watch?v=23TNSrBdEHk&feature=youtu.be>

**MC'S MATHEUS , CABRA , JACK E LULU RIMANDO NA RUA KKKKK !**  
Ollia noois zuuano no piçoziñ de leve kkkkkk

**Bate-papo (Desativado)**

Curtir · Comentar · Compartilhar 3

Se conheceram

**Acabou de conhecer Matheus Oliveira**  
Ver amizade

Quem

Quando

Onde

História

Escolher a partir de Fotos...

Carregar fotos...

**Bate-papo (Desativado)**

Patrocinado

**Cresça no Mercado**  
gypcc.fgv.br

**PEC FGV**

Inscriva-se no curso de Sustentabilidade e Responsabilidade Social Empresarial do PEC-FGV.

**Liquidação Redley!**

Redley com até 70% OFF! Não perca Frete e troca grátis!

**Agora**  
2012  
Se conheceram

Figura 15: Histórico de 'amizade'

*Fotos:* Todas as imagens postadas no Facebook são direcionadas automaticamente para este espaço da página. As imagens podem ser visualizadas de três maneiras. A primeira é *fotos com você*, são as imagens em que você foi marcado no álbum de outro usuário. A segunda são as fotos, onde são exibidas todas as imagens sem apontar em que álbum estão colocadas. E a última são os *álbuns* que os usuários podem criar, inserindo informações adicionais como: adicionar marcação (onde pode relacionar outra pessoa que esteja presente na fotografia) e adicionar local (onde a imagem foi registrada, bem como sua data e hora). Neste espaço estão presentes três álbuns gerados automaticamente pelo Facebook: *fotos de capa*, *fotos de linha do tempo* e *fotos do perfil*.

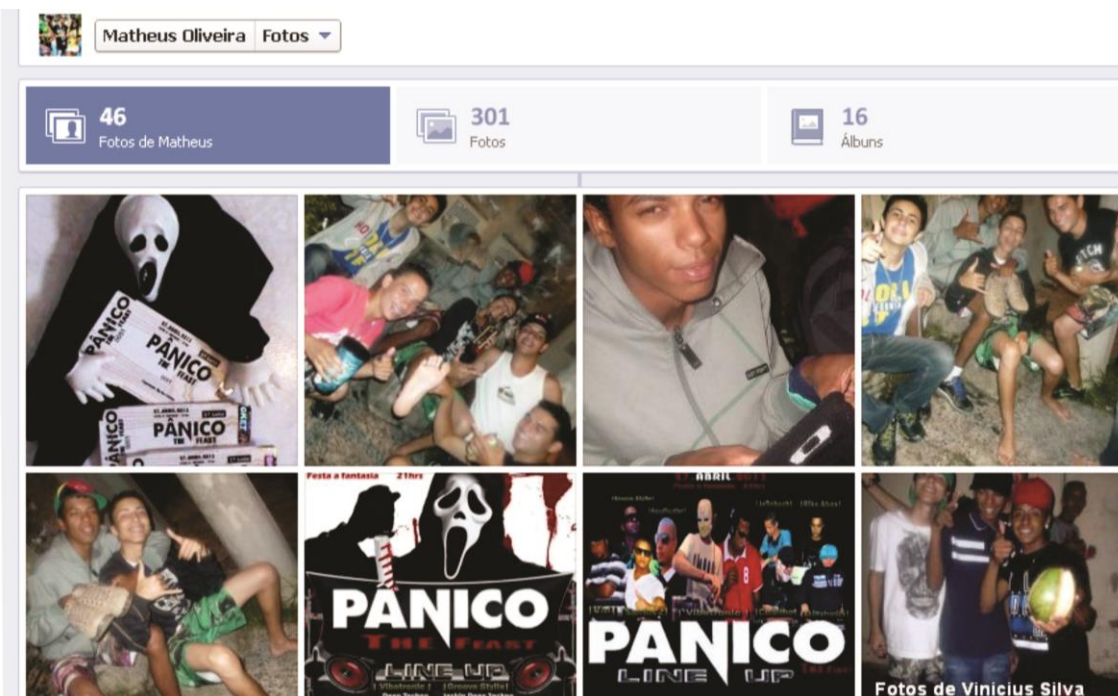


Figura 16: Opções de visualização das imagens.

*Mapas:* A plataforma oferece a possibilidade de marcar no mapa os lugares em que os usuários já estiveram, locais em que morou, viagem, eventos cotidianos e fotos. É possível navegar neste mapa a partir da linha do tempo, sempre presente na lateral direita da página. Além disso, é possível visitar o mapa de outros usuários e, ao clicarmos sobre cada uma das cidades visitadas, as nossas informações e a dos demais usuários se

interconectam em uma página personalizada. Essa nova página traz um breve histórico sobre a cidade, a quantidade de usuários do Facebook que já visitaram, que curtiram e falaram sobre o local.

Além disso, apresenta um panorama da quantidade de amigos que estiveram na cidade, moraram, nasceram e frequentaram a região e outras páginas relacionadas à localidade.

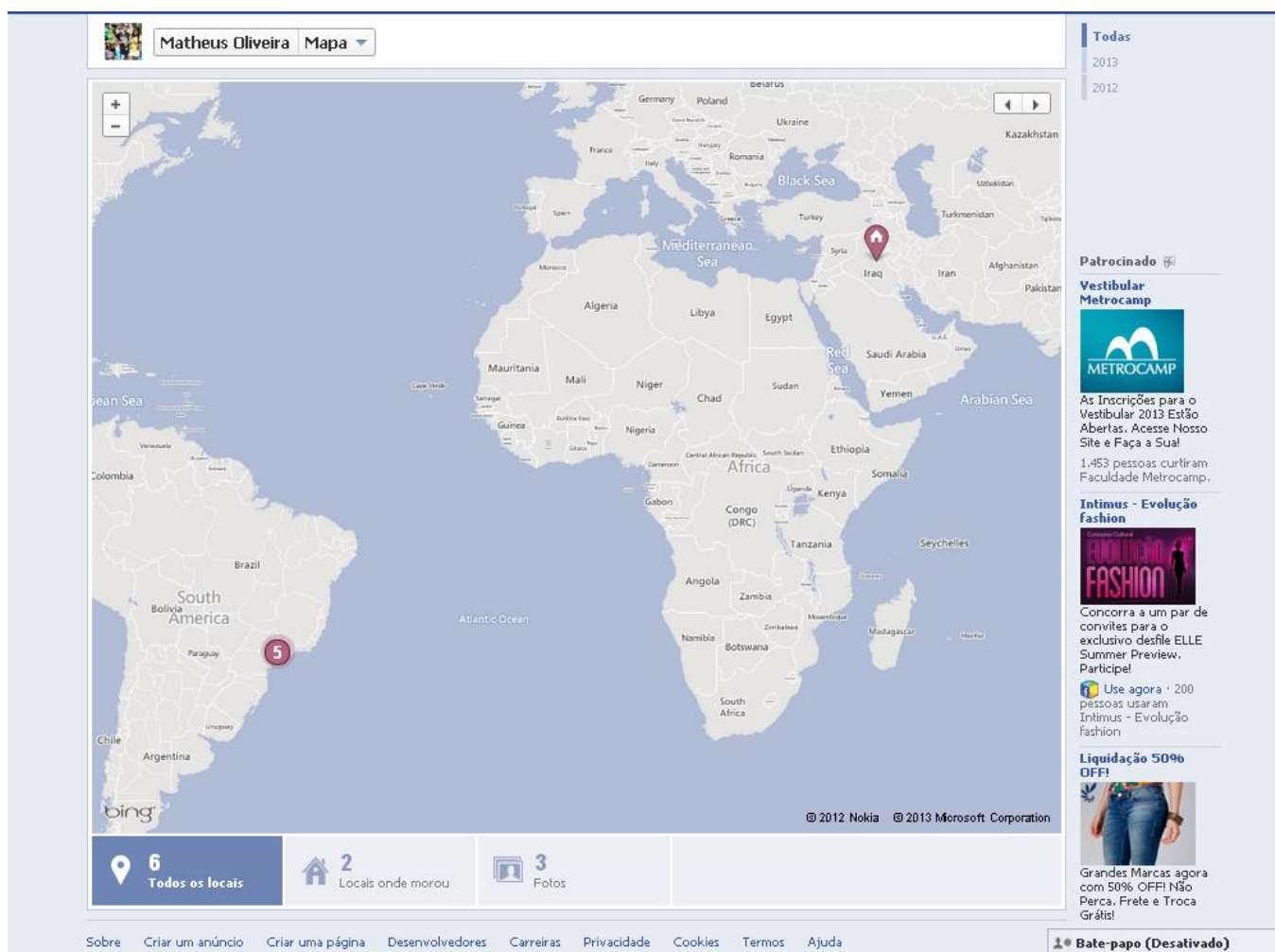


Figura 17: Mapa com os pontos onde o 'usuário' esteve.

*Opções de curtir:* Como esclarecemos anteriormente, a opção de curtir é antes de tudo um ato para apreciar algo que pode ser: músicas, livros, filmes, programas de TV,

jogos, atletas, times, esportes, atividades, interesses e pessoas que admira. Estão categorizados por ano, com demonstrativos mensais.

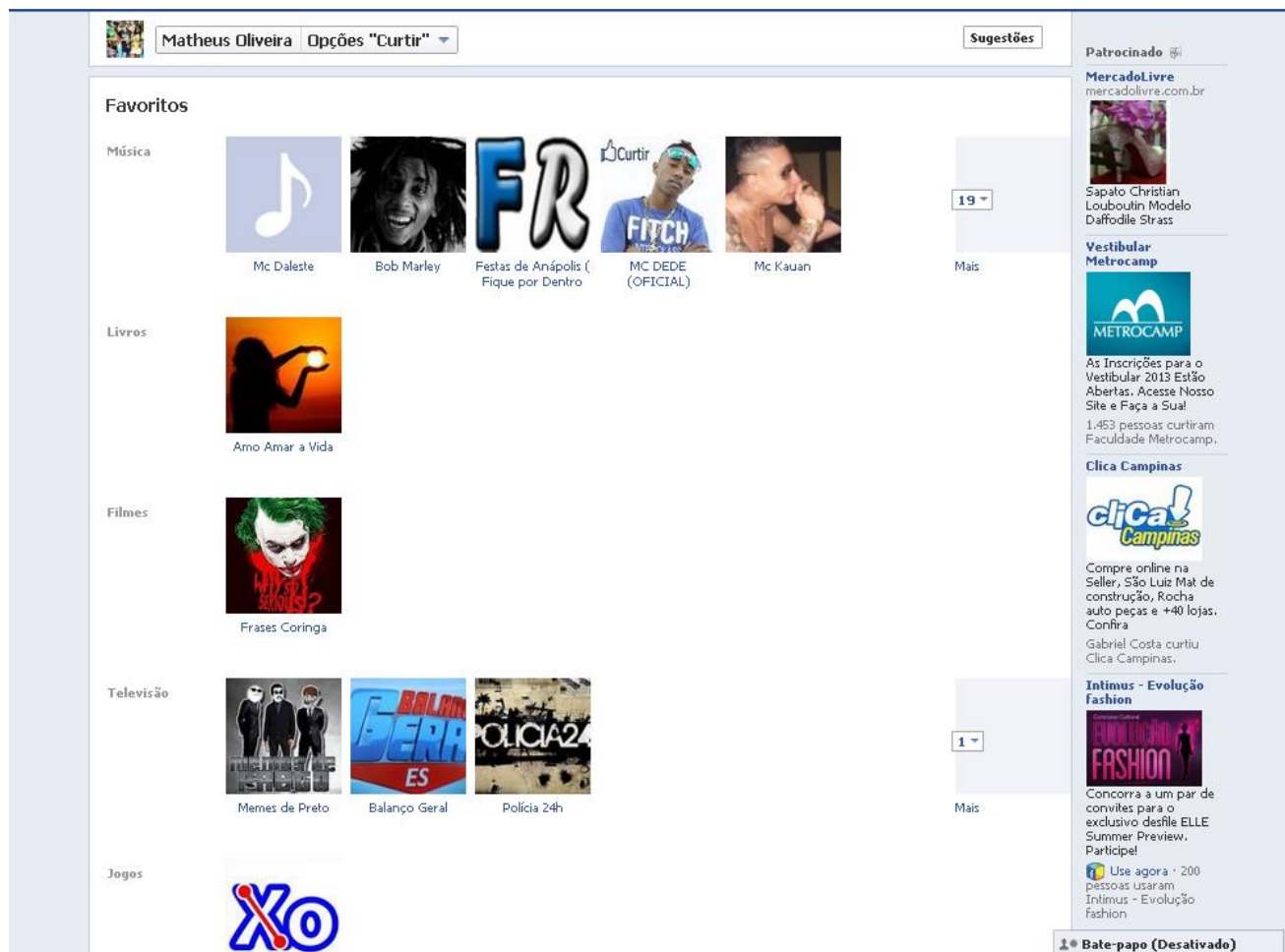


Figura 18: Páginas de 'curtir', onde o usuário demarca suas preferências com relação a músicas, livros, artistas, etc.


*Seguindo:* Esta opção é uma possibilidade de receber atualizações de uma pessoa, mesmo sem ser amigo dela e também é uma opção para acompanhar a atividade de celebridades. No entanto, é possível que os usuários sejam seguidos por outras pessoas e recebam as atualizações de todas as postagens de conteúdo público. O criador do Facebook possui a maior lista de seguidores. No primeiro semestre de 2013, eram 16.497.164 seguidores.




Mark Zuckerberg Seguidores

**Lista de seguidores**  
16.497.159 seguidores · 1.193.850 seguidores via listas Encontre pessoas para seguir


---

 **Rodrigo Piacente**  
Senac Campinas


---

 **Carol Vilasboas** (Carol) · 73 seguidores  
E. E. Elvira de Pardo Meo Muraro  
Amiga de Anderson Italia e 6 outros amigos


---

 **Patricia Giovana** · 144 seguidores  
Trabalha na empresa WR Modelos  
Amiga de Thiago Sz e 6 outros amigos


---

 **Ami Himu Bolchi**


---

 **Paretong Jaja** · 6 seguidores [Seguir](#)


---

 **Dipak Jha** (Rocco) · 3 seguidores  
President na empresa Bio (☑) (☑) ... Me & You / 📶 📶 Loading . . . . . Please wait.. 99,99% [Seguir](#)


---

 **Jade West** · 33 seguidores  
TV Show na empresa Victorious [Seguir](#)

---

 **Ana Mhrino**  
Trabalha na empresa مهندس شركة الهندسية


---

 **Pete Busby**  
Safety Inspector na empresa Springfield Nuclear Power Plant

[Bate-papo \(Desativado\)](#)


**Patrocinado**

**Cresça no Mercado**  
gyppec.fgv.br




Inscreeva-se no curso de Sustentabilidade e Responsabilidade Social Empresarial do PEC-FGV.

**QUER SER UM CLIENTE VIP?**  
mriaze.com.br



Faça lá o seu cadastro no site. Toda loja com descontos diários de até 50% OFF. Confira!

**SummerBoots em Liquidação**



Imperdível! Confira agora as Summer Boots que estão em promoção no LiquidaTudo Passarela!

Paulinha Farias curtiu Passarela Calçados.

Figura 19: Seguidores da página do fundador do Facebook Mark Zuckerberg

*Eventos:* A localização de pessoas é certamente o foco da rede. A fim de facilitar um encontro ou reunir um grupo para uma festa de aniversário, balada ou agrupamento entre os amigos, é uma opção muito utilizada. É ainda uma forma de monitoramento dos demais usuários. Para onde vão? O que irão fazer? Como? Quando? Onde? Os convidados podem responder aos eventos com as opções de: *comparecerão* (visualizando as pessoas que confirmaram sua presença), *talvez* e *convidados*.

The screenshot shows a user profile for 'Matheus Oliveira' with a dropdown menu set to 'Eventos'. The main content area lists several upcoming events:

- MAIORES EVENTOS VOCÊ ENCONTRA AQUI!** - 'Você quer fazer uma festa? =)' - Hoje às 22:00 - Participar · Maybe
- QUINTA DO PATRAD** - Eiko Lounge São Bernardo do Campo - Hoje às 23:00 - Participar · Maybe
- Promoção: KIT MONSTER BM** - Por BodyMuscle - Av. Ana Beatriz Bierrembach 499 Vila Mimosas, 13050060 Campinas - Participar · Maybe
- Grupo REVELAÇÃO - Lançamento novo DVD - 01|Março no Campinas Hall** - Campinas Hall Campinas - Sexta às 22:00 - Elis Regina estará presente. - Participar · Maybe
- FLUXO NA AVENIDA DO NOVA AMÉRICA TODAS AS SEXTA** - AV.NOVA AMERICA - Sexta às 22:00 - Participar · Maybe

On the right side, there are sponsored advertisements for MercadoLivre (red shoes), Sake Jun Daiti (sake), and Vestibular Metrocamp (university entrance exam).

The dialog box 'Criar novo evento' is overlaid on a calendar view. It contains the following fields and options:

- Nome:** Input field with the text 'por exemplo: Festa de aniversário'.
- Detalhes:** Input field with the text 'Adicionar mais informações'.
- Onde:** Input field with a location pin icon and the text 'Adicionar um local?'.
- Quando:** Date picker showing '8/3/2013' and a time picker with the text 'Adicionar horário?'.
- Privacidade:** Dropdown menu set to 'Amigos de convidados'.
- Buttons:** 'Criar' and 'Cancelar' buttons at the bottom right.

The background shows a calendar for August 2013, with the 7th highlighted.

Figura 20: Opção para criar um evento

*Notas:* São pequenos lembretes onde os usuários podem colocar compromissos diários, adicionar textos, imagens, bem como receber compartilhamentos de outras pessoas. O grande diferencial está no fato das notas serem facilmente acessadas pelo motor de busca do Google. Assim, quando os internautas buscarem uma informação, ela pode ser localizada através de outras páginas.



**Figura 21: Agenda online onde é possível compartilhar eventos, lembretes, frases etc**

### 3º Bloco de informações – Sobre

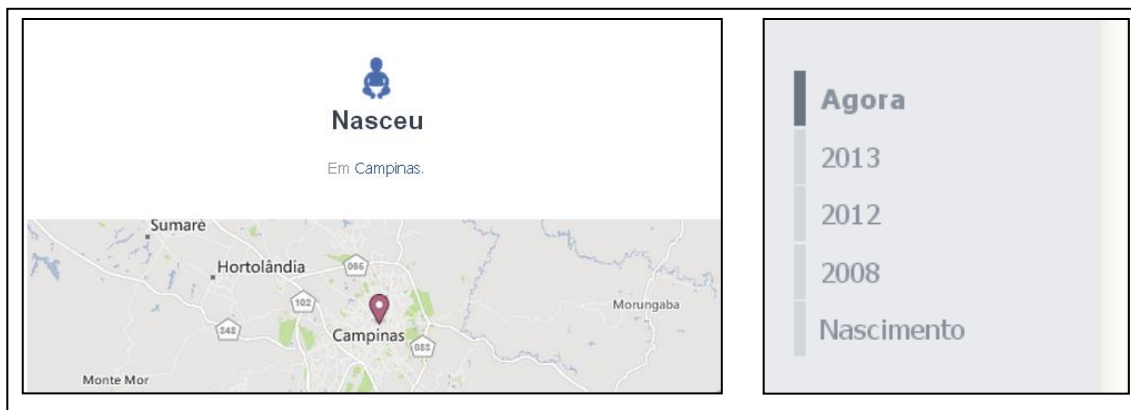
A área de status é destinada às publicações do usuário. Nela podem ser disponibilizadas: *vídeos, fotos, nome do local* de onde está se publicando ou eventos cotidianos, que, por sua vez, dizem respeito à atividades que envolvem: *trabalho e educação, família e relacionamentos, habitação, saúde e bem estar, viagens e experiências.*



facilitar o início de uma publicação, o próprio status parece dialogar com seu interlocutor, sempre iniciando com a pergunta: *Como você está, usuário?* Abaixo destas informações são diluídas publicações antigas e na lateral direita são colocadas as atividades recentes.

Figura 23: Interlocução entre a plataforma e o usuário

Outra questão interessante colocada neste espaço é o *nascimento*, representada imageticamente por um bebê, logo abaixo pode ser inserida uma imagem e posteriormente a data de aniversário. Nasce assim a linha da vida, mais conhecida como linha do tempo. A partir do nascimento na rede, o usuário poderá ter todas as suas informações organizadas em seu perfil.



A linha do t

Figura 24: Representação gráfica do "nascimento", ladeada pela "linha do tempo".

nais

informações sobre assuntos passados e alterar sua história.

A página exibida a seguir é a grade, apresentando a linha do tempo. Muitos elementos tornam-se visíveis, a partir do desenvolvimento do conteúdo. A rede começa a trabalhar por datas: desde quando nasceu, quando entrou no Facebook, até a disponibilização de amigos e espaços para relacionar as informações que ainda estão por vir e modelar o perfil.

Facebook profile page for Gisleine Nascimento, showing a timeline of events from 2008 to 2012. The events are:
 

- 2012: Casou (Got married) - 27 de fevereiro de 2012
- 2012: Entrou no Facebook (Joined Facebook) - 27 de fevereiro de 2012
- 2012: Viajou para Malta (Traveled to Malta) - 2012 em Malta
- 2008: Mudou para Campinas (Moved to Campinas) - 2008
- Nascimento: Nasceu (Born) - 2008

 The events 'Casou', 'Entrou no Facebook', and 'Viajou para Malta' are circled in red. The 'Nasceu' event features a painting of a man and a woman. The right sidebar shows a list of friends, and the bottom footer contains copyright information and a RobBanko logo.

Figura 25: Linha do tempo de uso obrigatório a partir de 2011

## 1.10 Facebook antes e depois: algumas considerações

Ao observarmos as interfaces das duas páginas (2011 e 2013), percebemos que elas são muito parecidas, mas que apresentam performances diferentes. No Facebook, algo de grande relevância é que as informações se propagam de maneira imediata, pois não é necessário buscar uma informação. Ela é automaticamente disponibilizada nas páginas, o que minimiza o esforço de se procurar por atualizações de outros internautas. Este trabalho é realizado automaticamente pela plataforma, permitindo que a navegação seja mais dinâmica.

Ao postarmos uma foto, vídeo, comentário ou fazermos pequenas alterações na página, elas passam simultaneamente a serem divulgadas na rede. Esta potencialidade faz com que o Facebook entre no ranking<sup>20</sup> da Rede Social mais acessada no mundo, entre as 205 mais conhecidas do segmento. Apenas em abril de 2010 o Orkut passou a disponibilizar os recursos já implantados pelo Facebook.

Tendo traçado os perfis destas duas Redes Sociais, optamos nesta pesquisa por focar no Facebook. Essa rede apresenta um aumento expressivo de usuários e ocupa atualmente o primeiro lugar no ranking das Redes Sociais mais utilizadas no Brasil. Constatamos também que a plataforma é a mais influente entre os informantes desta pesquisa. Apresentar o Facebook, decompor sua página, e revelar suas potencialidades enquanto plataforma de uma rede social é em si um processo ousado, visto que a cada dia são agregados novos elementos. No entanto, a base foi descrita neste trabalho com a intenção de se fazer conhecer a engenharia presente neste processo.

Um processo dinâmico, vivo e em constante transformação, cheio de histórias narradas verbal e visualmente. Pessoas imersas em um mundo com excessos de informações e que buscam o contato para compartilhar suas imagens, viagens, família e seus pensamentos, dentro de uma plataforma que oferece mecanismos de aproximação. Sobre esta necessidade de comunicação Marcondes Filho (2012) faz uma breve explanação sobre a comunicação irradiada.

---

<sup>20</sup> Informação consultada na internet em 03 de abril de 2012 no site: [http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_social\\_networking\\_websites](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_social_networking_websites)

Na magia das múltiplas linguagens, que Bateson chamava de “jogo da comunicação”, ocorre a arte de desvendar a fala do outro não pelas palavras propriamente ditas, mas pelo ar, pelo jeito, pela postura, pela situação, pelo contexto, por sinais invisíveis e meramente sensoriais, pela intuição, pelo “sexto sentido”. Na comunicação irradiada (jornais, TV, publicidade, jornal, rádio etc) tudo isso é convertido em um sinal técnico, registrado, fixado, eternizado. Para dar conta da necessidade comunicacional das pessoas é preciso, então, que a difusão em massa crie um substituto do face a face para a cena comunicacional. (MARCONDES FILHO, 2012, p. 30)

Neste oceano composto por amigos, fotos, mapas, preferências, jogos, e notas há um ser humano em um processo constante de transformação, seja pelo meio ambiente, pela história, pelo meio social, sistema econômico, enfim, há um ser humano passando por uma vertigem nesta viagem da vida. As Redes Sociais funcionam como uma guardiã de nossas memórias. Aproximam-nos uns dos outros, nos conectam, nos perguntam sobre como estamos ou sobre o que está acontecendo. Depois armazenam tudo isto para que possamos resgatar.

Mas este processo não é tão romântico quanto parece. O Facebook antes de tudo é uma empresa avaliada em US\$ 48 bilhões<sup>21</sup>. Possui acionistas, opera na bolsa de valores, ou seja, é um negócio. Segundo Graham Cluley<sup>22</sup>, consultor da empresa Sophos (responsável por interceptar vírus), o Facebook não foi feito com amor e não é de graça. “Você pode achar que não paga nada, mas paga com seus dados. Você dá informações pessoais que o Facebook pode vender para os outros. Você é o produto vendido pelo Facebook”.

Há sempre problemas maiores por trás das tecnologias e das relações estabelecidas. Faço um parênteses aqui para dados importantes como a própria nomenclatura oferecida pelo Facebook, muitas vezes de ordem publicitária. Fotos de perfil e de capa são também conhecidas como banner, se por um lado cataloga informações e facilita a busca, por outro está diluída em uma página cheia de anúncios publicitários.

Esses anúncios são denominados de patrocínios e ocupam uma coluna inteira, o que nos leva a refletir também sobre os usuários como um produto, em busca de popularidade,

---

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.tecmundo.com.br/facebook/27461-facebook-ja-vale-menos-de-us-50-bilhoes.htm>>. Acesso em 10 de janeiro de 2013

<sup>22</sup> Disponível em <<http://globov.globo.com/gnt/gntdoc/v/vitimas-do-facebook/2053709/>> Acesso em 02 de janeiro de 2012



conectividade e interatividade. Temos a construção do perfil como uma mercadoria e nossas informações são os produtos. A respeito desta assertiva Lasch (1986) faz uma reflexão interessante:

A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais insubstituíveis da realidade. O efeito espetacular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. (LASCH,1986. p. 22)

Lasch (1986) nos conduz a pensar sobre a projeção e a percepção que as demais pessoas têm sobre nós. Em observação constante dos perfis do Facebook, conseguimos visualizar claramente que as publicações são formas de caminhar onisciente sobre as páginas dos demais usuários. Embasados em conteúdos exteriores, é possível formular um posicionamento.

Sob a aparência de publicações ideológicas, o que se percebe é uma multiplicação de conteúdos. As comunidades, páginas criadas para defender determinadas ideias, geram postagens que podem ser compartilhadas, tudo em um clique. Desta forma, são criadas as identidades nas Redes Sociais, os perfis e a popularidade dos usuários. O tráfego por onde caminham estas informações é denominado *ciberespaço*.



## **CAPÍTULO II. DO AUTORRETRATO NA MITOLOGIA ÀS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DE SI NO FACEBOOK**

Na primeira parte desta pesquisa oferecemos um panorama sobre a internet no contexto mundial e brasileiro, a fim de tecer um pano de fundo que apontasse indícios de como a rede foi desenvolvida e quais as suas finalidades e mudanças ao longo da história. Sendo assim, entende-se que a internet foi elaborada como uma estratégia militar responsável por armazenar informações que resguardariam a soberania tecnológica dos países, mas que logo adquiriu um caráter comercial.

A utilização da rede no contexto da pós-segunda guerra mundial foi marcada por uma série de mudanças, a fim de que o conteúdo fosse tratado pelos usuários como uma atividade participativa, na qual seria possível uma ampla interatividade. Foi assim que surgiram as primeiras redes sociais, entre as quais destacamos as mais conhecidas, sendo elas o Orkut e o Facebook.

Concentramos a nossa atenção em descobrir como funcionavam estas plataformas e de que elementos eram constituídos. Sendo assim esvaziamos as estruturas, evidenciando apenas a arquitetura da página. Sobressaltavam imagetivamente uma série de retângulos que abrigariam as informações dos usuários, tais como dados a respeito de si e suas publicações, que poderiam ser feitas em forma de texto, vídeo ou imagens.

Após o desenvolvimento desta visão da página de perfil nos atemos a estudar o funcionamento das engrenagens entre uma página e outra, entre um usuário e outro. Desvendamos assim que diferentemente de outras mídias, o Facebook se adaptou em novas formas de estreitamento das relações sociais.

Ao entender que a plataforma viabiliza as interações humanas, fica evidente que os sujeitos também se adaptam à rede, criando novas formas de se apresentar para o 'outro'. Essa fachada pública é carregada de valores simbólicos que os internautas se utilizam a fim de se fazerem conhecer. Nos autorretratos, por exemplo, nota-se uma ação individualista, onde o fotógrafo/fotografado são a mesma pessoa, evidenciando a construção de uma identidade narcisista em constante mudança.

A construção do autorretrato como forma de interagir com as esferas públicas e privadas não é fruto da atual sociedade. Na verdade, já era uma preocupação dos povos antigos. Na mitologia e nas artes encontramos indícios de uma articulação entre os sujeitos e sua auto imagem no intuito de se metamorfosear e se adaptar às expectativas dos coletivos que frequentavam.

Ao longo da história percebe-se que o homem está fortemente relacionado às imagens. O cristianismo, por exemplo, pregou incisivamente que somos todos à imagem e à semelhança de Deus. Adão seria o primeiro autorretrato – talvez o primeiro autorretrato da humanidade –, sendo sucedido por Eva. A cada nascimento procura-se semelhanças que comprovem que o outro é parte de nós, o quanto carregam de nossas características genéticas e quais traços de nossa personalidade são refletidos.

Estamos em busca dos nossos iguais segundo Caetano Veloso, no trecho da música Sampa (1978), “quando eu te encarei frente a frente e não vi o seu rosto chamei de mal gosto o que vi de mau gosto, mau gosto é que Narciso acha feio o que não é espelho”. Em outras palavras, em meio à banalização das fotografias, sempre se sobressaltam aos nossos olhares as imagens que tecem relações de proximidade ou afinidade com a nossa realidade de vida, quando nos reconhecemos e gostamos do que vemos, traçamos um diálogo interno com nossas emoções.

Essas aproximações possibilitam compreender que os questionamentos eminentemente humanos estão condicionados às decisões que tomamos em relação aos coletivos e ao universo em que estamos inseridos. Tais posturas diante da vida caminham em um tempo anacrônico, que diz respeito a um progresso a que todos estão fadados desde o nascimento. Certamente, as relações que tecemos durante a vida dizem muito sobre nós. Em nossa esfera individual e particular, nos mobilizamos a fim de encontrar nossos pares e através do olhar e da aprovação/reprovação do outro, estaremos aptos ou não a constituir determinado grupo.

O sentimento de pertencimento e a apropriação de ideias nos tiram do isolamento e norteiam novos horizontes. Cada ser se utiliza da prótese que lhe é mais familiar a fim de dar cabo a sua solidão, como ao se encontrar no outro, pudesse encontrar a si mesmo.

A literatura, a fotografia, a música e a arte são alguns elementos que permitem retomar um olhar íntimo sobre os nossos sentimentos. Esse movimento introspectivo nos

permite vasculhar nossos repertórios e nossas preferências, a fim de dialogar com o mundo em que estamos inseridos. Dizem respeito a nossas particularidades e escolhas, estando vinculadas às emoções. Na atualidade percebemos que as postagens (públicas e privadas) estão sendo veiculadas instantaneamente pelas mídias digitais. Tomando, por exemplo, a fotografia, nota-se uma quebra de paradigmas. As imagens não são feitas apenas para serem recordadas, reveladas e guardadas; elas mostram-se vivas, ousadas e dinâmicas, são feitas para serem consumidas instantaneamente. Sendo assim as redes sociais são responsáveis por conduzir essas mensagens carregadas de emoções e todo tipo de subjetividade. A técnica para movimentar as redes sociais é igual para todos os usuários. No entanto, o conteúdo é o diferencial e o atrativo para mobilizar a rede e chamar a atenção dos demais usuários.

Toda performance que é realizada por meio de uma imagem nos leva a (re) pensar sobre as representações sociais, onde o homem busca mecanismos para se inteirar socialmente com o outro. Para sincronizar estas engrenagens estamos aprendendo e criando novos símbolos para nos incluirmos na esfera virtual.

Embasados nos conceitos sociológicos de representação social de Erving Goffman, percebemos que a construção de um personagem identitário sempre foi uma realidade na dinâmica da vida cotidiana. O que nota-se é que elas estão sendo expandidas para outros espaços. O 'eu' é apenas o cabide que sustenta uma pluralidade de máscaras que utilizamos para interagir com o outro. No entanto, o que temos agora é um novo palco com uma plateia globalizada. O Facebook tornou-se o folhetim da vida real. Nele, é possível criar uma identidade virtual a fim de nos relacionarmos com diferentes coletivos, assumindo um posicionamento frente a estes grupos.

Voluntariamente são disponibilizadas postagens sobre os sentimentos, lugares frequentados, tipo de comida e relacionamentos amorosos. Essa necessidade de informar a rede, espontaneamente, sobre a nossa vida off-line, nos faz pelo menos repensar sobre o desejo de sermos conhecidos e reconhecidos através daquilo que achamos ser o melhor de nós.

## 2.1 O autorretrato na mitologia

Por meio dos mitos percebe-se o interesse do homem em perpetuar a sua imagem para ser lembrado. A imagem é um amuleto da memória que possibilita uma conexão com as emoções, mas é também um atestado, uma prova, um registro do que se foi.

No que tange ao autorretrato, a aproximação com as emoções é ainda mais evidente, sendo um rastro, índice e ligação com os nossos próprios sentimentos. Torna-se uma narrativa imagética, contada pelo próprio protagonista.

Escolhemos dois mitos para pensar a relação do homem com a auto-imagem, o mito de Ni-ankh-Phtah e o de Narciso. Essa escolha aconteceu mediante aos traços de contemporaneidade dos mitos que são recorrentes no autorretrato: questões identitárias, dilemas entre o público e o privado, a busca pela própria imagem, a juventude e a encenação.

O primeiro mito sobre o autorretrato se passa no Antigo Império Egípcio. Conta-se que foi realizado por um homem chamado Ni-ankh-Phtah. Segundo a lenda, este jovem teria se encantado com a projeção da própria imagem que era refletida e que foi gravada em monumento. A fim de aprisionar e imortalizar este reflexo, ele teria desenhado sua imagem com um carvão.

Ver a imagem desdobrada em outro suporte causou êxtase em Ni-ankh-Phtah. O fenômeno só poderia ser visto à noite e sobre a luz da fogueira. Durante o dia, Ni-ankh-Phtah somente poderia narrar o que aconteceu, mas, ao desenhar ele registra o que ele foi.

A imagem como um sistema enigmático e metafísico também é potencializado no mito de Narciso que foi privado de contemplar a própria imagem desde seu nascimento, sob o risco de uma morte precoce. O jovem era filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. A beleza de Narciso era marcada por um encantamento alucinante, o que levou seus pais, advertidos pelo oráculo Tirésias, a esconder Narciso da contemplação de seu próprio rosto, a fim de que este tivesse uma vida longa.

Vários rapazes e moças se apaixonaram por Narciso, mas este nunca se interessou por ninguém. As pessoas imploravam pelo seu castigo, predominantemente a ninfa Eco que, certa vez, tentado trapacear para seduzi-lo, acabou sendo enviada para as profundezas da floresta, onde definhou e, como castigo, apenas sussurrava as últimas palavras que lhe era dita.

Foi então, que o deus Nêmesis permitiu (por ‘descuido’, ou por atender ao pedido de vingança dos apaixonados) que o jovem, visse sua imagem refletida na água de uma fonte. “Possa Narciso / Amar um dia, de modo que ele próprio não consiga ganhar / A criatura que ama!” (Ovídio, 2003, p. 63, apud Silva, 2009, p.14). Entorpecido e apaixonado por si mesmo, morreu, tragado pela água e posteriormente transformou-se em uma flor.

Em outra versão apontada por Kina (2013), narra-se que Narciso apaixonou-se por sua irmã gêmea, uma jovem que estaria o tempo todo com ele, sendo sua versão feminina. Ambos se vestiam e se comportavam da mesma maneira. No entanto, quando a irmã de Narciso morreu, ele entrou em uma profunda tristeza. “Narciso consumiu-se de desgosto. Um dia, fingiu que o reflexo que via na água era sua irmã, e desde então se apaixonou loucamente por sua própria imagem”. Kina (2013, p.131).

No auge da trama, quando Narciso se apaixona por seu reflexo, ele passa a ter grande interesse sobre si e sobre aquilo que lhe era proibido, predominando problemas de ordem identitária. Narciso é incompleto e limitado, embora enxergue não pode se ver. Ele se reconhece no outro e através do discurso do outro, é sempre um movimento de fora para dentro, do público para o privado. Então, quando Narciso rompe e entra em contato consigo mesmo através do seu reflexo, fica extasiado.

A narrativa (áudio) de Eco entra em contato com o imagético (visual) de Narciso. O mito nos oferece pistas de como o audiovisual já era pensado antes mesmo de sua concepção. E de como um, ao completar o outro, facilita os fluxos comunicacionais e dinamizam as relações humanas. Através desta relação multimídia Narciso acessa o seu interior, suas informações que somente poderiam ser (re) conhecidas através de si mesmo, a partir de suas constatações sensoriais.

Narciso se apaixona pelo desconhecido e o desconhecido é ele mesmo. Embora exista ressonância de vozes exteriores sobre o quão belo e poderoso ele é, a constatação decorre da revelação e do reconhecimento de si mesmo nos reflexos das águas. A imagem permite um deslocamento do olhar. É possível que uma imagem produzida instantaneamente congele um momento e aponte índices de como ‘eu me vejo’, de ‘como eu acho que sou visto’ e de ‘como sou visto’. Nela estão submersas diversas subjetividades, perspectivas e buscas. A imagem transforma-se em bússola, com apontamentos internos.

Curiosamente, Narciso morre aos 16 anos, em plena adolescência, período de conturbação e de modificações corporais e emocionais. Não raramente percebemos na atualidade a reprodução de imagens narcisistas, predominantemente entre os jovens. A justificativa para estas questões está atrelada ao processo de puberdade, pela transição do corpo infantil para o corpo adulto, bem como pelo novo papel que este jovem assume socialmente. Sua busca, seus anseios, suas dúvidas, todas refletem nas incertezas do ‘o que você vai ser quando crescer?’. Quando na verdade a questão que está posta é o que fazer enquanto se cresce.

O corpo é a escala primeira e referencial para perceber o espaço. Elemento essencial que expressa a materialização da identidade. Para o adolescente o corpo representa um campo de batalha, onde vive o luto da infância e, conseqüentemente, de seu corpo infantil, afinal, o corpo se transforma, e passa por um processo em que o adolescente não tem controle das formas e da velocidade destas transformações. Por outro lado, o corpo também é o um refúgio para a identidade, pois sua materialidade permanece, embora esteja em constante mutação. Nesse sentido o corpo não é mais uma tela protetora, mas, ao contrário, torna-se palco, que expõe as emoções externas. O grande pavor do adolescente é a perda de controle de suas emoções e de tudo o que é exterior. O que se construiu até então acerca do corpo como limite entre eu e o outro, entre o seu eu e o mundo exterior é abalado, pois não se consegue mais definir os contornos e limites das ações (e reações) do corpo. (LEIRIAS, 2007, p. 4).

O movimento do adolescente é de transição entre o infantil e o adulto, formado de ciclos naturais e assustadores. Além das mudanças corporais, o jovem assume novas posições sociais. Começa a ser incluído nas discussões familiares, cuida dos mais jovens, precisa escolher uma profissão, e se deter sobre responsabilidades que são novas em seu repertório.

Outro ponto de reflexão são as inúmeras dialéticas impostas ao longo da vida de Narciso. Primeiramente o jovem não pode se ver, seu rosto é ocultado, uma vez que a sua beleza era comparada a de deuses como Apolo. O reconhecimento desta perfeição levaria o jovem à morte precoce, em oposição à vida e ao amor de outras ninfas. A morte também se mostra como um fator de transformação, pois ao se apaixonar por si mesmo Narciso torna-se flor, flor de Narciso. O processo de vida não é concluído, e o ciclo humano/divindade é encerrado para que o ciclo flor comece. Narciso não morreu na ‘flor da idade’, ele ‘transformou-se em flor’.

Seu processo de inclusão no meio social estava baseado no invisível, predominantemente no seu desconhecimento. O encontro consigo mesmo faz com que ele



se desperte, paralise e entre em estado de autocontemplação. Os narcisos da geração digital estão instrumentalizados a interagir e se dar a conhecer e, diferente de Narciso, podem aprisionar a imagem. O reflexo das águas foi substituído por uma infinidade de fotografias que são explodidas diariamente. Seus estilhaços se propagam pela rede e nos atingem, suscitam pensamentos e emoções e, às vezes, desfilam despercebidamente, dentro da banalização em que se propõe.

Os *seres biocibernéticos* são multifuncionais, têm capacidade de executar várias tarefas ao mesmo tempo, enquanto Narciso era um ser com os sentidos aguçados. Ele enxerga, ouve, sente, toca e escuta, mas continua impossibilitado de se conhecer.

Era assim que a voz da apaixonada ninfa Eco envolvia Narciso em um jogo de sedução. Embora o jovem não cedesse a seus encantos, estava envolto a verbalizações exteriores. Sua incompletude acerca de si mesmo inviabilizava o desenvolvimento de relações com outras pessoas, notadamente pelo seu ego inflado.

Narciso preferia a morte ao amor da ninfa. Rejeitada e envergonhada, Eco se retirou para cavernas solitárias onde permaneceu escondida, sem dormir, sem comer. À medida que crescia seu sofrimento, seu corpo desfalecia e secava. Seus ossos se tornaram pedra até restar apenas sua voz. “Ela se escondeu nas florestas / E ninguém mais a viu andando pelas montanhas, / Mas todos conseguiram ouvi-la, porque sua voz ainda vive. (OVÍDIO, 2003, p. 63).

Segundo Bachelard (1989, p. 24), Eco era o próprio fascínio de Narciso: “Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele”. Ao pensarmos na palavra ‘eco’, compreendemos que se trata da síntese da causa e efeito. Ao enviar uma sonoridade para uma cavidade obteremos o fenômeno da repetição ou propagação do som. A ninfa Eco é o ego de Narciso.



Figura 2: John William Waterhouse. Eco e Narciso (1903)

## 2.2 O autorretrato nas artes

Na mitologia, a ideia de contemplação da autoimagem suscita pensamentos dialéticos, como: homem e deus, vida e morte, real e imaginário. As questões eram postas com o intuito de apresentar os conflitos entre o homem e o mundo, entre o profano e o sagrado. As dimensões do registro e dos aspectos espirituais estavam sempre presentes, e refletiam a preocupação de manter viva uma narrativa.

Esta narrativa torna-se visível pela arte, através da sensibilidade do artista em dar vida a uma obra a partir de técnicas que canalizam suas emoções. A encenação que o artista propõe no autorretrato evidencia a busca do autoconhecimento e também das relações da sociedade com a sacralização das imagens.

Na *antiguidade*, o teocentrismo colocava Deus como centro das preocupações humanas, o que reflete nos primeiros autorretratos. As moedas gregas utilizadas pelos fenícios, por exemplo, eram cunhadas de um lado com retratos dos imperadores e de outro com a imagem de alguma divindade, reforçando que aos governantes eram concebidas algumas regalias, como ser retratado e comparado com entidades espirituais.

Os povos romanos acreditavam que as esculturas seriam os substitutos do corpo para a alma. Seriam um elo entre deuses e homens, uma forma de sacralização, divinização e preservação do espírito. Lopes (2008, p.17) afirma que essa visão mística entre a imagem e a alma era tão forte que os homens se preocupavam com uma conexão entre ambos.

Sendo assim “as esculturas eram sempre feitas com os olhos fechados e cercadas, para que não houvesse a possibilidade de criarem vida e caminharem”.

No *renascimento*, com fortes transformações sociais, o teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo, ou seja, o homem foi colocado como o centro das preocupações humanas. E a imagem é a semelhança de seu criador. A partir de então começou a efervescência da produção de autorretrato.

O autorretrato foi uma prática recorrente na produção artística de artistas renomados como: Albrecht Dürer, Rembrandt Van Rijn, Michelangelo Merisi da Caravaggio, Diego Velázquez, Peter Paul Rubens, Pierre-Auguste Renoir, Claude Monet, Edgar Degas, Vincent van Gogh, Paul Gauguin, Eliseu Visconti, etc.

A imagem refletida é o mais próximo de ‘como nos vemos’, por isso o espelho sempre foi um objeto muito presente na construção do autorretrato. Através dele, os artistas se concentravam em sua fisionomia e traçavam não somente o que viam, mas o que idealizavam. A exemplo disso temos: Caravaggio (1571-1610), que se retratou como o Deus do vinho Baco; Rembrandt (1606 -1669) que se pintou como o apóstolo Paulo e Albrecht Dürer (1471-1528) que incorporou a imagem de Jesus Cristo.



**Figura 2: Michelangelo Merisi da Caravaggio. O Pequeno Baco Doente (1593/1594).**



**Figura 3: Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Auto-Retrato como Apóstolo Paulo (1661).**



**Figura 4: Albrecht Dürer. Auto-retrato (1500).**

Nestes três artistas detectamos traços recorrentes de comunhão, onde o profano e o sagrado tornam-se um jogo, ora o que se olha é o artista, ora uma representação espiritual. Sobre essa questão, Olivares (2009) descreve:

Efetivamente, estamos sempre, todos, falando sobre nós mesmos. Mas somente ao artista é permitido expressar sem ser taxado como egoísta ou narcisista. Parece que estes dois adjetivos são intrínsecos à figura do artista, do autor. Ao artista se permite tudo, porque de alguma maneira, representa todos nós, e nele nos projetamos e nos reconhecemos. (OLIVARES, 2009, p.11)

As imagens são tomadas para retratar, para lembrar, memorizar e compartilhar. Aquele que diz de si, através da imagem, antes de qualquer coisa, traça um diálogo interno. Portanto, pensar o tema autorretrato não é novidade para o campo das artes, uma vez que foi através da pintura que vários artistas eternizaram sua fisionomia e se autobiografaram, por meio de traços próprios.

Neste sentido, acredito que ao produzirmos um autorretrato estamos tecendo uma fabulação, entre o que somos e o que gostaríamos de ser naquele momento. A teatralização e a encenação em torno da imagem apontam para a construção de uma narrativa com múltiplas interpretações.

O ideal de beleza no renascimento perpassa pela simetria, alinhado ao pensamento antropocentrismo da época. Leonardo da Vinci desenha o homem vitruviano, baseado na obra *Os dez livros da Arquitetura*, escrito pelo arquiteto romano Marco Vitruvio Polião. O desenho bidimensional de um homem sobreposto a um círculo e um quadrado aponta para uma proporção perfeita.

O ideal de perfeição não é abandonado completamente na *modernidade*, mas os aspectos reais e as emoções passam a ser ressaltadas. A artista expressionista alemã Käthe Kollwitz (1867-1945), por exemplo, produziu 100 diferentes autorretratos. Paralelamente recriou cenas cotidianas, reflexos de seus questionamentos, predominantemente com relação às pacientes de seu marido, sempre afligidas com a perda de um ente na guerra.

O modo pelo qual um artista pensa sua arte manifesta-se em toda sua obra. No caso de Kollwitz, a preocupação em transmitir uma mensagem ao povo estende-se também aos seus auto-retratos. O auto-retrato de uma artista ultrapassa sua

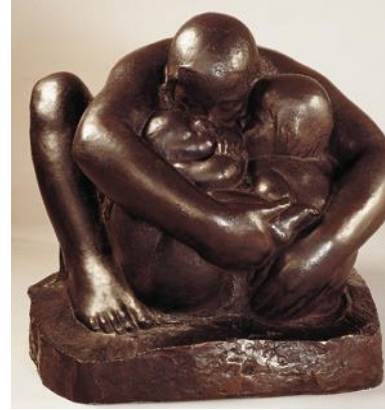
vaidade pessoal para lidar com as questões humanas comuns a todos os indivíduos. (LOPES, 2008, p.28)



**Figura 5: Kathe Kollwitz. Auto-retrato da face, rindo (1888/1889).**



**Figura 6: Auto-retrato da face (1904).**



**Figura 7: Mãe de dois filhos, 1932 – 1936**

Fazendo uma breve análise sobre os autorretratos da artista e também de seus demais trabalhos, percebemos o quanto as questões de identidade estão arraigadas. A artista muda, suas técnicas mudam, a forma como enxerga os problemas sociais amadurecem:

Ao pintar a si mesmo, a pessoa está se plasmando. O que pinta são fantasias ativas, aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo. Numa série de quadros, há um esforço para se representar o que está mobilizado dentro de si, para descobrir finalmente que é o eterno desconhecido, o eternamente outro, o fundo mais fundo de sua alma. O meu corpo é ao mesmo tempo vidente e invisível, ele não está na ignorância de si, não é cego para si. Ele que olha todas as coisas, pode também olhar-se, e reconhecer então naquilo que vê “o outro lado”. Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é invisível e sensível para si mesmo. (MERLEAU-PONTY 1984, p. 27-28)

Diversas questões estão implícitas no processo de autorretrato, gerando interpretações polissêmicas. Neste sentido, as articulações de algumas críticas tendem a pastorear em campos afetivos e facetados, como o reconhecimento do ego e mesmo da própria identidade. Os diálogos propostos entre o sujeito e sua obra conversam constantemente com o consciente e o inconsciente. Eis que este seria, para Jung, um perigo de invasão dos conteúdos, entre o criativo e o mundo objetivo.

Quem olha no espelho vê primeiramente a própria imagem que vai de encontro a si mesmo. O espelho mostra fielmente aquele que nele se reflete, muitas vezes, o vulto que não expomos ao mundo, pois o vemos por meio da persona. Atrás dela está o verdadeiro vulto que é exposto pelo espelho. (JUNG, 1934, p. 43 - 44)

A fotografia quebrou paradigmas ao possibilitar a “transposição direta do referente para o suporte” (Dubois, 2004 p. 129). O status de real e do grau mais verossímil do homem pode ser percebido na fotografia. Este aspecto de profunda semelhança levou um amigo de Nadar (1971), chamado Balzac a acreditar que “as exposições repetidas acarretavam na inevitável perda de camadas espectrais, ou seja, da própria essência da vida”. A proposição de Balzac nos parece engraçada e inocente.

Afinal, a fotografia é a reprodução e multiplicação da imagem, e não do indivíduo. Na era pós-moderna, o que se percebe é que um homem sem fotografia (sem suas memórias) poderia sim desaparecer. A respeito disso, Raymond Bellour (1997), em seu livro *Entre imagens: foto, cinema e vídeo*, afirma que o autorretrato: 1- nasce do ócio, 2-

apresenta um sujeito do tipo enciclopédico, 3- representa uma pesquisa de si mesmo, 4- é definido pelo que tem de mais pessoal, 5- é trans-histórico (varia, repete e reproduz).

1. O auto-retrato nasce do ócio, do retiro, ele é o “signo da culpa da escrita numa cultura em que a retórica já não ocupa o lugar que ocupava”. À escrita como ação, intervenção, diálogo, ele opõe a escrita como inação, divagação, monólogo. Ele é uma deriva solitária da retórica cuja herança perverte.

2. O sujeito do auto-retrato é um sujeito do tipo enciclopédico. Ele opera um percurso de lugares (no sentido próprio e figurado) em que se constitui a cultura e por meio das quais ele mesmo é constituído. Ele é herdeiro do *Speculum* medieval e de todas as tópicos das Mnemônicas retóricas. Tais tópicos são constituídas por um conjunto de lugares nos quais passam imagens. Os lugares são permanentes, as imagens, provisórias. O auto-retrato que restringe o efeito social da mnemônica retórica ao espaço privado, “seria antes de mais nada um passeio imaginário por um sistema de lugares, depositário de imagens-lembranças”.

3. O auto-retratista é o herói do livro proposto como absoluto na busca de uma memória e de uma pesquisa de si mesmo. O livro se torna, então, ao mesmo tempo, uma utopia (sem a clausura, o caráter fechado), um corpo (que metamorfoseia em corpo glorioso, o corpo do escritor, ao tratar um *corpus* do qual esse corpo participa) e uma sepultura (que o escritor constrói para si mesmo a fim de conhecer e transfigurar a morte). Seus modelos privilegiados são Sócrates e Cristo, apanhados no instante de suas mortes.

4. O auto-retrato, definido pelo que tem de mais pessoal, torna-se o livro do impessoal. Ele transforma o singular em geral, oscilando entre uma antropologia e uma tanatografia. Ele se assemelha aos exercícios espirituais e à meditação religiosa da qual a meditação cartesiana produzira a versão laica. Mas o auto-retrato não recebe garantias nem de Deus, nem do seu próprio pensamento. Tanto aquém quanto além do *cogito* cartesiano, ele se mantém na tensão entre *eu penso e eu escrevo*: ele é um “*cogito* das instâncias deslocadas”.

5. Por fim, ele é trans-histórico. Sua exigência se conserva praticamente inalterada a partir do momento em que ela surge nas ruínas da cultura oral como um dos indícios de uma cultura da tipografia e da biblioteca. Ele varia, repetindo-se e reproduzindo-se, embora sua história acompanhe, a partir do Renascimento, as flutuações próprias à formação do sujeito moderno. (BELLOUR, 1997, p. 331-332)

Os autorretratos produzidos por câmeras digitais amadoras podem até não serem classificados como arte, o que parece bem resolvido para os usuários do *ciberespaço*. Nele não há uma preocupação sobre uma reflexão profunda dos processos de individuação. O que temos são pessoas circulando informações na rede, para quem o importante é ser visto. Como a construção de uma identidade no ciberespaço, ainda é um assunto em desenvolvimento, onde a cada dia o internauta compõe seu personagem, é possível compreender que a internet é considerada uma vitrine, onde se estabelecem trocas. Avançando na importância da imagem como elemento propulsor da comunicação, Samain (2008) explica que a imagem é dinâmica e portadora de pelo menos três diferentes olhares:

O primeiro é que toda imagem nos faz pensar, ainda que isto possa soar banal. Outro, mais importante, é que a imagem veicula pensamento. E o terceiro, visto por muitos como uma provocação, é que a imagem possui vida própria, ou seja, independentemente do autor e do espectador, é capaz de se associar com outras imagens ou textos e compor seu próprio pensamento. (SAMAIN, 2008, p. 12)

Com estes apontamentos o autor nos abre portas para pensar a imagem de forma menos tecnicista. Na verdade permite olhar para os aspectos intrínsecos à imagem, ou seja, a fotografia não é vista como algo acabado, ou um tesouro a ser enterrado. As imagens são dotadas de vida, são participativas, podem ser reproduzidas e multiplicadas. Com a difusão das mídias digitais, as imagens são ferramentas para a interação com o outro elas fomentam o imaginário, permitem um posicionamento diante do mundo. Elas estimulam o raciocínio, ao mesmo tempo em que nos sensibilizam para a presença do outro.

Toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar. (SAMAIN, 2012, p.22)

Esse fascínio que a imagem desperta, em ‘quem eu sou’, em ‘quem eu acho que sou’ e no como ‘gostaria de ser visto’, traça conexões e participações externas. As nossas relações com as imagens tornam-se um diálogo constante. No autorretrato essa conversa é ainda mais evidente, mostra-se como uma investigação, uma procura, que passa pela autoafirmação, pela autobiografia, pelas lacunas que procuramos preencher em nossa existência. Nesse gênero artístico ecoam rastros do que fomos, do que vivemos, do que passamos. É uma oportunidade de produzir um ‘relato visual’. Neste aspecto o barateamento e compactação das câmeras fotográficas foram elementos fundamentais para que artistas ou não experimentassem a produção de fotografias e predominantemente de autorretratos.

Quando o sujeito experimenta se fotografar, experimenta também ganhar visibilidade, ativar sua criatividade, inovar em cenários e produções. Para além de se metamorfosear, experimenta um registro, ou seja, a captura de uma imagem. Essa autoimagem faz parte das nossas idealizações e expectativas com relação à recepção da nossa presença. A questão da imagem é tão importante que é notória a necessidade de espelhos em espaços públicos para agradar a clientela. Não é difícil perceber o quanto as pessoas passam boa parte do tempo em banheiros, seja para retocar a maquiagem e o



cabelo, seja para se olharem e fazer caras e bocas a fim de fantasiar as expectativas do outro.

Em verdade o autorretrato permite uma organização das emoções, uma articulação entre o real e o imaginário. É um despertar para si e posteriormente um despertar para o outro. É um desdobramento interno que tenta se resolver, são pontes entre o público e o privado. Em suma é um ser humano tentando se encontrar e assim tecer uma narrativa de vida sobre uma encenação a que se propôs. Com o surgimento das redes sociais e possibilidades de compartilhamento destas fotografias, os sujeitos experimentam uma nova perspectiva sobre a imagem. Ela se torna um símbolo da velocidade e do desejo de reconhecimento. Uma fotografia em orbita, por outro lado, não está sozinha, ela dialoga com o espaço e com o tempo, é articulada a um perfil, a uma ideia, a uma identidade que tenta se firmar e parecer sincera, o mais próximo à vida off-line.

## 2.3 O conceito sociológico de identidade

Tendo caminhado em algumas das representações míticas e artísticas do autorretrato, podemos apresentar outras reflexões sobre o conceito de ‘identidade’ e de ‘representação’: É o que faremos a seguir.

Segundo Stuart Hall (2006, p. 10-13), no seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, o conceito de identidade é complexo e pouco compreendido, tendo sofrido transformações ao longo do tempo. O autor sintetizou três concepções de identidade, a saber: (a) o *sujeito do iluminismo*, (b) o *sujeito sociológico* e (c) o *sujeito pós-moderno*.

O *sujeito do iluminismo* é marcado como um ‘ser’ que já nasceria com todas as suas características pré-estabelecidas e que ao longo de sua vida teria estas peculiaridades afloradas. Hall (2006) reforça que se trata de uma ideia muito individualista, uma vez que exclui os elementos externos para a criação de uma personalidade.

O intermediário é o *sujeito sociológico* uma continuação da primeira teoria. O homem, ao nascer, traria empiricamente traços de sua identidade, mas esta, por sua vez, poderia ser moldada a partir da ‘interação’ com o ambiente externo, tal como: os núcleos familiares, as entidades religiosas, os amigos e a sociedade. O ajustamento da personalidade aos valores possibilitaria a adaptação do homem ao mundo.

Enquanto isso, o *sujeito pós-moderno* não seria portador de uma identidade fixa, mas estaria em um constante processo de transformação, em função de questões históricas e não biológicas. Nesta linha de raciocínio, Hall (2006) define a identidade pós-moderna como:

Algo realmente formado, ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como processo em andamento. A identidade que surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p. 38-39)

Partindo da perspectiva de que a identidade está em constante transformação e que os ambientes dos quais participamos, as pessoas com as quais nos relacionamos e os assuntos que nos interessam formam as características da nossa personalidade, encontramos

no *Ciberespaço* um reflexo das questões identitárias. Nas redes sociais, por exemplo, o usuário se serve dos assuntos que mais lhe interessam, interage com seus coletivos, compartilha pensamentos e postagens referentes a suas emoções, num constante processo de transformações.

De acordo com Bauman, no seu livro *identidade na pós modernidade* (2005), o sujeito tem oportunidades, gosta da liberdade de escolha, e é visto como um ser sem limites, mas que também anseia por segurança, estando sempre em uma situação conflituosa:

As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas. O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, "nem-um-nem-outro", torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, "estar fixo" - ser "identificado" de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p. 35)

Dialogando com Bauman (2005), compreendemos que os conflitos na construção da identidade estão atrelados ao 'diferente', ou seja, dentro da ideia de um mosaico, ou de uma colcha de retalho. Cada peça é dessemelhante, em tamanho, cor e textura, e por isso produz uma peça única, exclusiva, reunindo diversas peculiaridades. A homogeneidade é antagônica à ideia de particularidades das subjetividades da vida diária.

Os pesquisadores Couto e Rocha (2010, p. 15), no livro *A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais* afirmam que a identidade é a existência de diversos 'eus'. Não é possível observar o homem através de uma perspectiva rígida e plana, mas sim por meio de seus pares e coletivos, que estão em constante modificação, ruptura e reconstrução. Os microambientes pelos quais o homem pós-moderno transita não são percebidos dentro de uma estrutura linear, haja visto, que tudo pode ser modificado.

## 2.4 O conceito sociológico de ‘representação’

Como procuramos mostrar no capítulo anterior, o Facebook é uma plataforma que nos permite mostrar aspectos pessoais sobre a nossa própria vida. Moldado e editado a partir de nossas preferências, o Facebook é uma rede social que torna possível o compartilhamento de imagens, vídeos, mensagens e também de informações básicas, como: nome, local de nascimento, cidade atual, escolaridade, emprego, etc. As informações que disponibilizamos fazem parte de um recorte, cujo intuito é nos tornar conhecidos pela forma com que representamos e dialogamos com nossos coletivos.

A respeito da representação, o sociólogo e antropólogo Erving Goffman (1922-1982) no seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* (1989), estudou a interação social e comparou as relações humanas a um teatro, utilizando elementos lúdicos, como *ator, público, palco e bastidor* para compreender como são estabelecidas as comunicações entre os sujeitos. Goffman considera que todas as pessoas são *atores* uma vez que se encontram em estado de representação:

(...) venho usando o termo representação para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. (GOFFMAN, Erving. 1989, p. 29).

Os atores conhecem a regra do jogo e por isso conseguem se relacionar com diferentes sujeitos, por meio de diversos roteiros para cada público. Sendo assim, os atores comportam-se de maneira singular ao dialogar com amigos, colegas de trabalho e familiares. Embora existam improvisações, o ator sabe, através da experiência, como deve se comportar em determinadas situações e quais os códigos estão implícitos nestas representações. Por exemplo, um estudante pode parecer aplicado na escola por portar vários livros, usar óculos, fazer perguntas e prestar atenção nas aulas, despertando a simpatia da professora. No entanto, este mesmo aluno pode ser considerado um aluno desatento frente às aspirações de outros professores. O ator em estado de representação faz uso de máscaras e roteiros que podem ser trocados de acordo com cada público. No

exemplo do aluno, percebemos que através da empatia, uma relação harmônica se estabeleceu, o que não funcionou com os demais professores.

As máscaras são entendidas como adequações frente a cada situação que o ator é colocado no cotidiano. Robert Park, em 1950, afirmou que a origem da palavra *pessoa* está associada à ideia de máscara, uma vez que, conscientemente ou não, os sujeitos estão em estado de representação, “é nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos.” (PARK, 1950, p. 249).

Os papéis são desdobramentos das expectativas do *público* frente à atuação do ator. A dinâmica entre os sujeitos se concretiza a partir da fala e das ações que devem lhes parecer verdadeiras. O ator pode ser do tipo sincero ou cínico. Os sujeitos sinceros acreditam completamente no que estão apresentando, enquanto os cínicos tem consciência de sua atuação e agem para obterem lucros pessoais. A respeito disso, Goffman cita alguns exemplos:

Os médicos que são levados a receitar medicamentos inócuos para tranquilizar os doentes; os empregados dos postos de gasolina que resignadamente verificam e tornam a verificar a pressão dos pneus das ansiosas senhoras; os vendedores de calçados que vendem um sapato de nº diferente, mas que dá no pé da freguesa e dizem a ela que é do tamanho pedido, todos estes são profissionais cínicos, cujo público não lhe permitirá ser sinceros. (GOFFMAN, 1989, p. 26).

A mediação entre ator e o público ocorre através do *palco*, ambiente preparado para que a atuação aconteça de maneira mais convincente possível. O palco é de fato uma estrutura física. Pode ser uma casa, um escritório, uma igreja, uma escola, um consultório, enfim, são os espaços geográficos que permitem uma troca simbólica entre as pessoas. Tomando a igreja católica como exemplo, podemos dizer que a nave é o palco. Nela, alguns elementos estão dispostos a fim de que a reconheçamos e que a identifiquemos. Notamos a presença da cruz, da bíblia, de velas, do altar, do padre, dos folhetos, da disposição dos músicos, dos bancos e das pinturas. Os fiéis podem ser reconhecidos a partir da repetição de práticas religiosas como: fazer o sinal da cruz ao entrar na igreja, conhecer os cantos, ofertar o dízimo, tomar a hóstia sagrada ou portar um terço. Nessas trocas simbólicas, o padre e a comunidade estão em um estado de comunhão, onde o ator é reconhecido através de sua representação ‘padre’ e também através do palco o seu ‘altar’. O público de

‘católicos’ acredita na comunicação estabelecida, uma vez que o cenário está preparado para que sejam convencidos do discurso que será ministrado.

No entanto, é preciso considerar o *bastidor* ou a ‘zona de fundo’, onde os indivíduos podem tirar suas máscaras e viverem momentos de intimidade que não poderiam ser compartilhados com o público. Retomando o exemplo da igreja, podemos dizer que o bastidor é a sacristia, lugar onde o padre se despe de sua ‘batina’, para usar uma roupa de um homem comum. No bastidor, o padre pode ter um momento de relaxamento, enquanto conversa com um paroquiano. O mesmo comportamento não poderia ser aceito no palco, onde o vinho e a batina possuem significados sagrados.

Goffman não reduziu sua análise apenas ao ator, mas também observou a dinâmica entre o ator e seus coletivos, que ele denominou de equipe. Para ele, os componentes básicos entre os indivíduos e os membros da mesma equipe são a *parceria* e a *cumplicidade*. A parceria seria a obrigação em confiar na boa conduta e comportamento dos companheiros, enquanto a cumplicidade seria uma dependência mútua, inclusive de se manter uma fachada coletiva. Um grupo de empresários enfrentando uma crise precisa manter a aparência de que detém o controle sobre a situação de maneira que, ao apresentarem o problema aos demais funcionários, possam manter uma unidade de discurso visando à cooperação de todos os membros daquela empresa.

Os membros das equipes, ao se ausentarem da presença do público, ou seja, da fachada coletiva, encontram-se nos bastidores onde prestam contas da atuação do grupo e criam táticas de convencimento frente ao público. Nos bastidores, os atores podem depreciar a plateia e expressar profundo desrespeito por ela, ou elogiá-la, apreço este que não seria permitido em algumas outras situações. Uma vendedora pode realmente se encantar com a beleza de um cliente, no entanto, o gesto de elogiá-lo poderia ser considerado inapropriado para a sua atuação.

Sendo assim, Goffman conclui que o modelo de teatro abarca a maioria das relações cotidianas e marca as interações humanas em ambientes naturais. As pessoas são dadas a se conhecer através da impressão e da expressão, entendendo que a impressão está vinculada a aspectos subjetivos, onde se sobressaltam as sensações e a expressão como a ação e o ato comunicativo em si. Segundo o autor, “o quadro de referência está em conformidade com

questões dinâmicas, criadas pela necessidade de sustentar uma definição que foi projetada diante de outras pessoas.” (Goffman, 1989, p. 219).

Nosso objetivo é deslocar as metáforas de teatralização da vida cotidiana para observar como estes conceitos estão presentes nas representações dos sujeitos e em suas articulações no mundo virtual. Em outras palavras, traçaremos um breve paralelo entre a teoria de Goffman e as representações que se passam no ciberespaço.

Tomando a plataforma Facebook como um teatro onde cada página de perfil (ver capítulo I, pág 31) é um palco e as publicações podem ser compreendidas como um ato simbólico para que o usuário teça diálogos com a sua plateia. Entendendo que a plateia são os demais usuários que tem acesso a página deste ator. Um autorretrato, por exemplo, pode ser compreendido como uma cena cujos elementos estão implícitos num roteiro pré-concebido pelo ator, que ativa uma ideia sobre como ele gostaria de ser conhecido.

Entendendo o autorretrato enquanto elemento simbólico que veicula um pensamento, temos que esse internauta pode se metamorfosear, incorporando um personagem de maneira a convencer seu público sobre sua atuação. Isso será reforçado por outros elementos de fachada como as publicações de textos, vídeos, páginas seguidas e os tipos de grupos que frequenta. Tomando por modelo um jovem palmeirense que se fotografou com a bandeira do Palmeiras, superficialmente podemos fazer várias asserções sobre essa imagem, sobressaltando que a ideia central seria o fanatismo pelo time. No entanto, a recepção deste autorretrato pode despertar em outros palmeirenses um olhar de admiração e um sentimento de pertencimento a este grupo.

Para outros torcedores pode parecer uma forma de provocação e para um terceiro grupo pode se tratar de uma informação irrelevante. A reação que o público terá diante da atuação do personagem pode ser conhecida através da quantidade de ‘curtir’, das mensagens deixadas abaixo das fotografias, ou mesmo o seu compartilhamento. O objetivo não é levantar hipóteses sobre a recepção destas imagens, mas sim compreender como os sujeitos se apropriam destes mecanismos para se fazerem conhecer.

A interpretação do personagem frente ao público é o reflexo das articulações que se passam pelos bastidores, ou seja, um personagem é criado e nutrido por informações que estão além da própria atuação. No exemplo do jovem palmeirense, podemos dizer que ele é um torcedor fanático. No entanto, o entorno deste sujeito é constituído por várias outras

informações que não são acessíveis aos espectadores. Mesmo o status de palmeirense advém de subsídios que são dados a conhecer apenas pelo bastidor. O torcedor pode nem mesmo nutrir toda a paixão que é aparentada. Quando o time perde uma partida ou faz uma má jogada, ele almeja interferir, dar a sua opinião, demitir o jogador, o técnico ou o juiz, não importando as pessoas que diretamente estão ligadas ao time, mas a ideia de que toda nação palmeirense perdeu, e que as expectativas foram frustradas. Quando o time não vai bem o torcedor também não fica bem, e esse sentimento escapa ao controle. O fato é que, satisfeito ou não, o palmeirense não abandonará seu time. Os jogadores, os árbitros, os técnicos, o uniforme, o mascote e o emblema podem ser substituídos, mas não a indumentária que este torcedor veste para se mostrar parte do grupo. Integrar esta equipe é comungar de uma irmandade e de um sentimento que está além dos campos e que só pode ser compreendido por quem conhece o bastidor.

Na coxia, podemos descobrir, por exemplo, que este mesmo jovem, tornou-se palmeirense aos seis anos, quando teve seu rosto pintado de verde e branco. Um momento que ficou registrado em sua memória, como se fosse um rito de iniciação. Na lembrança, ele carrega o orgulho e o incentivo do pai que o engajou neste grupo e fez com que as relações familiares ficassem mais divertidas, inclusive com a participação em festas. Facilitou a este jovem um encontro com seus pares, com os quais ele pode dialogar sobre o time, sobre a política e as mazelas sociais. Nos bastidores, descobrimos que poderia ser qualquer time, desde que despertasse uma dinâmica que articulasse uma aproximação do eu aos outros, neste caso, de um palmeirense a um grupo de pessoas que comungam da mesma ideia.

Sendo assim, o ator em estado de representação está revestido por um personagem e através da sua fachada, ou seja, daquilo que coloca em evidência, interage com uma diversidade de pessoas e tenta convencê-las de uma autoimagem positiva a respeito de si. O ator se utiliza de uma série de elementos simbólicos para reforçar ideias que estão além da retórica, idealizando uma melhor apresentação. O público, por sua vez, pode desconfiar ou não dessa atuação, o que fará com que a engrenagem das relações humanas funcione, uma vez que nos reconhecemos a partir de como somos vistos pelos outros. Nos bastidores, onde o ator está invisível para o público, o personagem pode ser desconstruído e aproveitar momentos de relaxamento, e pode ainda avaliar e aperfeiçoar as características de seus



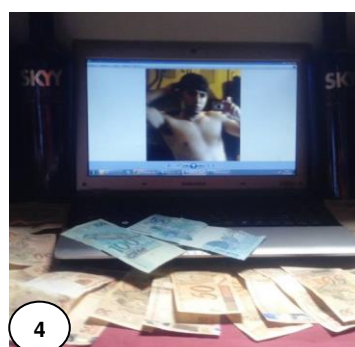
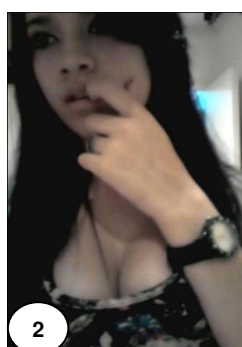
personagens. Essa dramaturgia do cotidiano está implícita nas relações que tecemos diariamente e é tão aceita que não é vista como uma dissimulação ou esquizofrenia. Mostra-se com certa naturalidade e como elemento propulsor de um desejo em nos tornarmos parte das engrenagens humanas.

## 2.5 O autorretrato no *ciberespaço*

Como percebemos anteriormente, foi na modernidade que o homem, através da fotografia e do cinema, conseguiu ampliar a reprodutibilidade das imagens e, com elas, tecer novas narrativas e fabular outras histórias. Contudo, pensar o autorretrato na pós-modernidade exige um esforço ainda maior, dado os abusos de imagens com as quais nos deparamos diariamente.

Na atual conjuntura, participamos de um processo de proliferação e, por vezes, de banalização das imagens. Os excessos confundem nossa visão, fazendo com que a sensibilidade visual entre no estágio de ‘piloto automático’, ou seja, olhamos, mas não vemos. Impossibilitados de ver, através dessa cegueira que nos protege dos abusos visuais, criamos o hábito de enxergar apenas o que é bizarro. E com isso os estereótipos sociais são reforçados através de imagens cada vez mais perfeitas, onde manchas, rugas, cicatrizes e infelicidades desertam o mundo dos simples mortais.

Nas fotografias publicadas no perfil do Facebook, todos querem ser belos e perfeitos e as imagens são performáticas, permitindo externar o desejo do internauta. Os truques para esconder os quilos a mais ou torná-los sensuais são algumas das formas para atrair a atenção do outro. O destaque está sempre no que é considerado próximo aos padrões ideais de beleza. Homens e mulheres se metamorfoseiam diante da sua própria câmera de formas diferentes. Nota-se que o gênero feminino (ver foto 1 e 2) se apresenta com decotes e poses sensuais. Seguram o ar, estufam os seios e contraem o abdômen. Os rapazes (ver foto 3 e 4) importam-se mais com a aparência dos músculos e dos seus objetos de valor, expõem roupas, carros, imagens de time, da academia, dos amigos. Em parte, a ideia do exibicionismo está vinculada aos rappers norte americanos e agora aos funks de ostentação que pregam e exaltam os valores dos bens materiais.



Essa exibição espelha uma pretensa autoestima e instiga o interesse do outro, facilitando as relações entre os usuários. Conseqüentemente, como o limiar entre a vida real e a vida virtual é muito tênue, os participantes se conhecem dentro e fora da rede, no palco e nos bastidores e por isso dão ou não credibilidade às publicações que veem.

As desconexões entre aquilo que se mostra e aquilo que se é ficam mais evidentes nas relações off-line, uma vez que os sujeitos se relacionam e percebem discrepâncias entre o real e o imaginário. Por exemplo, pessoas acima do peso (ver foto 5) tendem a se fotografar de cima para baixo, e fazendo ‘bico’ a fim de afinarem o rosto e parecerem mais magras. A insatisfação com o tom da pele ou tipo de cabelo (ver foto 6 e 7) é um problema resolvido com o clareamento da imagem e com recortes do que não agrada.



A popularidade da imagem somente é considerada eficaz quando nota-se o *feedback*, que acontece por meio de comentários e da quantidade de ‘curtir’. Assim, as imagens mais curtidas possuem vida longa na rede, enquanto aquelas que não receberam atenção tendem a sair de órbita, sendo logo deletadas. Geralmente a popularidade de um internauta está vinculada ao seu envolvimento com boa parte dos usuários, na vida online e off-line, como se a vida virtual fosse a extensão da vida real.

O sucesso da foto é tão importante que segundo informações da assessoria de comunicação do Facebook, até o final de 2012 foram postadas 219 bilhões de fotografias, e se fossem consideradas as imagens excluídas o número subiria para 265 bilhões. Temos 46 bilhões de fotografias sucumbidas da rede, possivelmente não foram populares o suficiente.

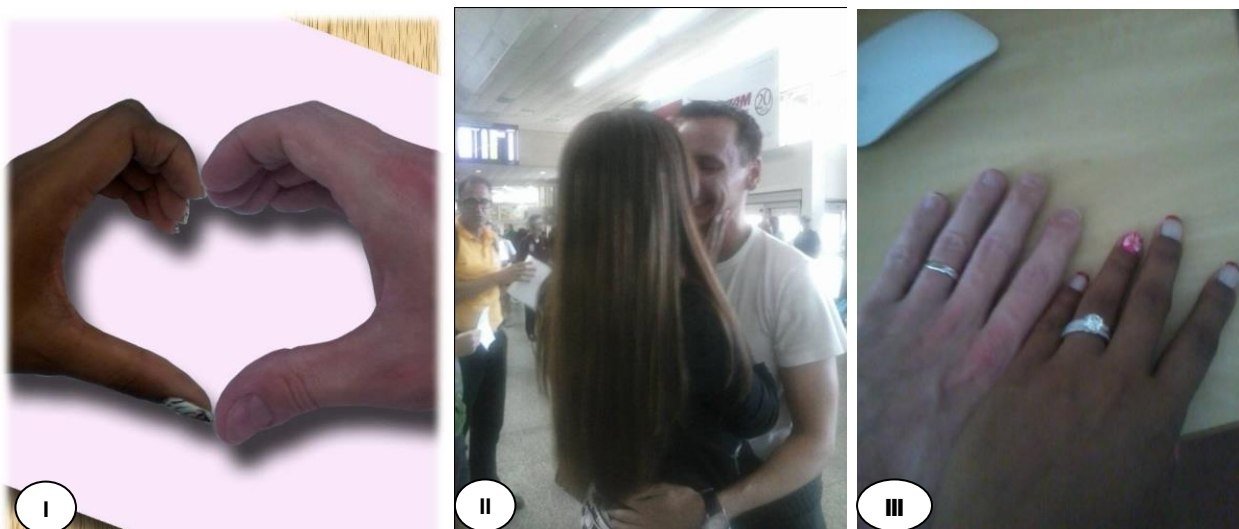
A fotografia no *ciberespaço* adquire um caráter imediatista, uma vez que ela é feita para ser consumida voraz e ferozmente. A partir do momento de sua postagem espera-se que a rede reaja o mais rápido possível. Percebe-se que os amigos mais próximos são os primeiros a fazer comentários e curtir.



**Figura 8: Perfil de Thácila Lima. Na fotografia ela recebeu 222 ‘curtir’ e 25 ‘comentários’. Números que reforçam sua popularidade na rede.**

Ao lado das fotos são tecidos elogios, sarcasmos e brincadeiras das quais os usuários se utilizam para interagir. O internauta pressupõe que a vida virtual é a extensão da sua vida real e que ele pode manipular as informações de acordo com a sua própria vontade. Por exemplo, quando um casal rompe um relacionamento na vida real, também rompe virtualmente. Para “mostrar-se” bem resolvido com a separação, o casal elimina a imagem do outro e o status de relacionamento. As fotografias que serão publicadas após o rompimento, tentam dar conta de uma superação, atingindo não somente a rede, mas principalmente o namorado (a), como se tudo estivesse bem. É uma teatralização da realidade para se ver a partir do interesse do outro. Solteiros poderão se utilizar do Facebook para encontrar outro parceiro ou estreitar relações com uma ‘aparente felicidade’.

Em outro exemplo, podemos acompanhar uma história de amor que começou através do Facebook, manteve-se virtual por seis meses, até que o casal, após várias juras de amor pela rede decidiu se conhecer pessoalmente. Ele vive na Flórida e ela no Rio de Janeiro, mas através da internet puderam compartilhar capítulo a capítulo o romance. Neste aspecto, o Facebook torna-se um diário da vida real. Ao revistarem a linha do tempo, este casal poderá se lembrar e reviver a história do relacionamento, através das declarações e das imagens. A divulgação do relacionamento na rede torna público o novo status (de solteiro para namorado) e visa afastar possíveis afetos com outras pessoas, como se fosse um ‘jornal da vida real’.



**Figura 9: Fotos do casal em três momentos. A primeira imagem é uma montagem, feita quando se conheceram na rede. A segunda foi o encontro pessoal e a terceira a oficialização do compromisso.**

Em outros momentos, essas mesmas imagens evocam sentimentos de inveja, paixão, revolta, reivindicação ou humor. Percebe-se que o usuário, conhecendo seus pares, direciona imagens que abarquem peculiaridades específicas de seus coletivos. Góticos, roqueiros, funkeiros, *nerds*, fanáticos por futebol, por moda, por comida, enfim, cada indivíduo posta imagens que mais se aproximam de suas idealizações.

Sendo assim, podemos traçar um paralelo com a história do autorretrato, a busca pela identidade. Neste ponto, encontramos elementos que nos fazem pensar na dramaturgia dos internautas ao compartilhar uma imagem.

Não é qualquer imagem que está na rede, nem é a mais banal, ou despreziosa. Primeiramente, o usuário, em posse de uma câmera fotográfica, seleciona um espaço, um cenário, cria sua pequena *mise-en-scène*, para então começar a narrar uma história. Em frente ao espelho, inverte a posição da câmera fotográfica, ou programa automaticamente o dispositivo. Inicia-se um pequeno processo de encenação, após vários cliques, poses e acessórios, realiza-se a edição.

Nem tudo o que foi produzido exaustivamente será distribuído na rede. As fotografias passam por um processo de transferência para um computador, onde serão multiplicadas e, em seguida, realocadas e manipuladas por softwares de edição. Entre os programas mais conhecidos estão: Inkscape, Gimp, Picasa, Adobe Photoshop, CorelDraw ou mesmo os filtros do Instagram. Em outras palavras, reforçamos a ideia de que as imagens expostas na rede são pensadas e trabalhadas exaustivamente para atingir o ideal de perfeição imaginado.

A possibilidade de editar a imagem através da mudança de cores, do equilíbrio dos tons e da desfocagem em pontos específicos da fotografia, além das ideias inovadoras, com recortes e enfoques diferentes, pressupõe um diferencial para o perfil do Facebook, pois atrai a atenção e movimenta a engrenagem da rede, uma vez que a imagem é um elemento de interação.

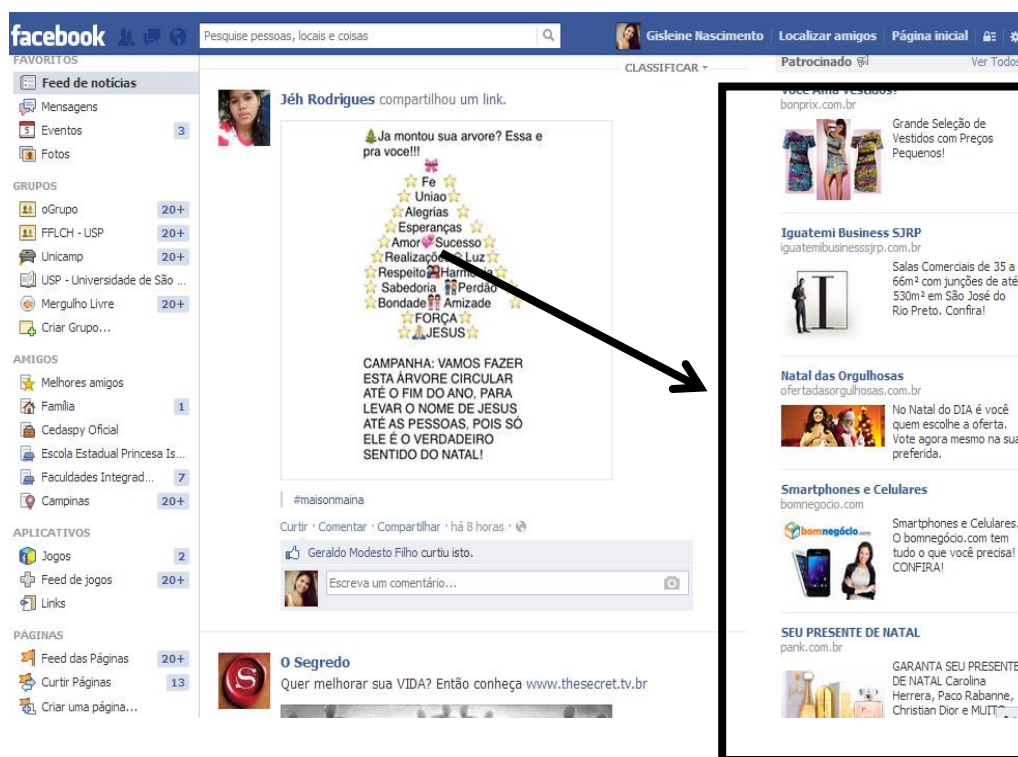


## 2.6 O autorretrato com apelo publicitário

Dentro deste emaranhado de fotografias que foram selecionadas, trabalhadas e montadas, surge ainda mais um passo, que está atrelado às narrativas particulares, ou ao momento de vida deste usuário. A imagem eleita conta uma história e nasce ao ser disponibilizada na rede. Digo ‘nascer’, pois a partir deste momento de decisão e divulgação, o internauta torna-se conhecido, conseguindo visibilidade. No entanto, seu êxito está atrelado à popularidade que esta imagem alcançará.

A fotografia ganha status de publicidade e reforça o marketing pessoal, com expressões próprias de merchandising ou material promocional, seja por meio de capa, banner, foto de perfil, publicações, locais, filmes, livros, preferências. Como se a rede fosse um grande supermercado, onde cada internauta lança sua embalagem, seu rótulo e diante destas apropriações se liga a seus iguais.

Outro reforço publicitário é apresentado pela própria plataforma, que mediante a efervescência de público, dilui uma série de divulgações: “Verão 2014 lançamentos”, “Recarregue seu celular online”, “Eliana perdeu 17kg”, “Outlet Feminino”, esses são apenas exemplos de propagandas encontradas no *corpus*.



The image is a screenshot of a Facebook profile page. The top navigation bar includes the Facebook logo, a search bar, and the user's name 'Giseine Nascimento'. The main content area shows a post by 'Jéh Rodrigues' with a Christmas tree graphic and text: 'Já montou sua árvore? Essa é pra você!!' followed by a list of words: 'Fe', 'União', 'Alegrias', 'Esperanças', 'Amor', 'Sucesso', 'Realização', 'Luz', 'Respeito', 'Harmonia', 'Sabedoria', 'Perdão', 'Bondade', 'Amizade', 'FORÇA', 'JESUS'. Below the post is a comment by 'Geraldo Modesto Filho' and a link to 'O Segredo'. On the right side, there is a sidebar with several advertisements: 'Você ama vestidos?', 'Iguatemi Business SJRP', 'Natal das Orgulhosas', 'Smartphones e Celulares', and 'SEU PRESENTE DE NATAL'. A black arrow points from the Christmas tree graphic in the post to the advertisement sidebar.

Figura 10: As publicidades sugeridas nas páginas dos usuários podem ser distribuídas aleatoriamente no perfil do Facebook.

Nesta estrutura, percebe-se claramente as engrenagens das quais o internauta participa, insere-se e de que torna-se multiplicador. A imagem surge como resposta para um público ávido por novidade e instantaneidade e garante a popularidade imediata do usuário, uma vez que ao se exibir na rede, o internauta inicia um processo de interlocução com seus pares. A partir destas imagens, uma narrativa ou fabulação de vida começa a ser tecida.

Utilizo o termo fabulação, pois, o usuário não tem obrigação com a verdade. Ele pode assumir diversas facetas: ‘ser’ uma pessoa *online* e se ‘representar de outras formas na vida *offline*. Pode dizer uma coisa e ser outra, assumir diferentes posicionamentos e papéis frente às publicações e às postagens de amigos. Imerso na rede, o sujeito fala para todos, ecoando nos seus diversos grupos. Produzem-se muitas imagens e algumas delas serão editadas, classificadas e eleitas a terem um espaço de destaque na página.

Essa grande quantidade de fotografias, postagens, compartilhamentos e amigos nas redes sociais são reflexo da sociedade *hipermoderna*, caracterizada pelo consumo exagerado e pelo desejo do sempre mais. Nesse ‘folhetim da vida real’ impressiona a quantidade de conteúdo produzido. Por menos ativo que um indivíduo seja na rede, ele sempre estará imerso em conteúdos de terceiros.

Diante deste panorama, parece que o centro das preocupações humanas na hipermodernidade é a representação e reprodução dos desejos. O usuário é o arquiteto e projeta a sua página baseado naquilo que lhe falta, ou ainda o coreógrafo colocando a sua vida em movimento. O internauta pode não ser o jogador de futebol e a internauta pode não ser a cantora famosa, mas ao compartilharem assuntos referentes ao tema, passam a fazer parte deste universo.

O sentimento de pertencimento e de apropriação movimenta a máquina do Facebook, gerando dependência em seus usuários que, desprovidos de uma realidade satisfatória, recorrem à rede a fim de se informar sobre as encenações do outro para tentar superá-las, ora publicando mais imagens, ora se conectando a novos amigos, ou testando novas ferramentas, para que a sua presença possa ser ecoada no site. A concorrência também é um elemento presente no compartilhamento das imagens, uma vez que é através delas que os usuários podem se mostrar em uma situação mais confortável e superior a de seus contatos.



O autorretrato no *Ciberespaço* é a representação dos sentimentos dos usuários. São imagens afetivas, que dão luz ao que se idealiza. Trata-se de um jogo entre o privado e o público, uma mobilização interna e um desejo de tornar-se parte de um universo. A questão não é mais pensar em deuses ou em homens, como propunham os movimentos teocentristas e antropocentristas, mas pensar em universos particulares que convivem paralelamente e que reverberam questões da contemporaneidade, no seu movimento acelerado, desordenado e instável.

Ler o autorretrato é ter um panorama da atual sociedade, onde são pregados os conceitos de perfeição estética, atomização das famílias, liberdade de escolha, representação de ideais e interlocução com seus coletivos. O homem biocibernético se apropria das mídias digitais para se tornar sociável. Ele está no espaço virtual e se utiliza dele para se relacionar com o outro, blindado por uma tela que o separa e o aproxima do mundo. Este é um movimento confortável porque a mediação entre os computadores e o homem exige cada vez menos esforços técnicos. No entanto, torna-se uma relação dialética, porque ao mesmo tempo em que o homem deseja ser aceito e participar de um grupo, ele ambiciona a sua individualidade.

Tendo por pano de fundo a ideia de que os sujeitos estão em busca de autonomia e interação social e de que se utilizam da internet para mediar essas relações, aproximaremos no próximo capítulo o discurso do real e do virtual de cinco informantes. Neste caminho, serão apresentadas as etapas de nossa pesquisa de campo, bem como uma súmula contendo o perfil dos entrevistados. Essas fichas serão abastecidas por imagens de RG e do Facebook, e também pelas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Ofereceremos assim subsídios para pensar as identidades que são construídas dentro e fora do ciberespaço.



### **CAPÍTULO III. CINCO INFORMANTES A PROCURA DE IDENTIDADE: ANÁLISE DE CAPA E DE PERFIL**

No capítulo anterior, abordamos o autorretrato através da mitologia e das artes, e encontramos nas entrelinhas dos discursos imagéticos a questão da representação e da articulação dos sujeitos com o universo interno e externo. Descobrimos, assim, que as imagens permitem uma metamorfose, através da melhor atuação dos indivíduos. O autorretrato surge como uma resposta às questões identitárias, uma vez que a motivação para a realização de uma fotografia é atestar uma realidade e apontar para singularidades que somente poderiam ser captadas pelo próprio fotografado.

Esse sujeito multifuncional, em uma dinâmica com as redes sociais, está em constante contato com outros internautas, ora se revelando, ora se escondendo. É um indivíduo que tece sua identidade virtual a partir de signos próprios que ele, em contato com os demais usuários, criam para se identificarem. Esses ‘perfis<sup>23</sup>’ estão em constante construção. Além dos autorretratos, detectamos nas postagens e compartilhamentos, rastros da vida real. Digo rastros, pois a própria plataforma permite uma fabulação. As pessoas podem criar uma identidade que se assemelhe com a sua realidade ou podem narrar uma ficção, tendo a si mesmo como protagonista.

O jogo que é construído entre os sujeitos na plataforma é sustentado a partir das expectativas dos demais usuários. Sendo assim, percebemos que as relações sociais se assemelham a um teatro, como propôs o sociólogo Erving Goffman (1989). Para ele, a interação entre o ator e o público é mediada por uma atuação e por um roteiro que cria um diálogo convincente. Essa relação perpassa pelo palco, ou seja, pelo local físico onde ficam explícitas as encenações. No entanto, não podem ser desconsiderados os bastidores, a parte oculta dos holofotes, onde são idealizados os personagens.

No capítulo III mostraremos nossos cinco informantes, que auxiliarão a pensar na elaboração das identidades *online* no ‘palco’ do ciberespaço. Nessa súmula, os entrevistados serão apresentados a partir do discurso real e virtual, divulgando as

---

<sup>23</sup> Conjunto de informações acerca de um usuário, tais como: nome, fotos, postagens, etc.

fotografias do RG (imagem padrão) e as imagens disponibilizadas no Facebook (autorretratos).

Essa pesquisa será dividida em duas etapas. Na primeira, apresentarei uma síntese das respostas dos cinco jovens a uma primeira enquete (composta por 11 perguntas), que será sintetizada em oito pontos. Posteriormente, apresentarei a íntegra do segundo questionário, composto por 18 perguntas.

Ao conhecer um pouco mais deste universo virtual, onde encontram-se inseridos nossos informantes, faremos um confronto com a teoria das gerações, que tem por finalidade estudar grupos de pessoas como uma massa uniforme. Nossos esforços serão direcionados para as três gerações, sendo elas: X, Y e Z.

Ao encerrar o terceiro capítulo teceremos um diálogo com o filósofo alemão Axel Honneth. Percebendo nos escritos deste importante autor uma discussão sobre a ideia do reconhecimento, como substrato para a realização humana. Axel percebe um movimento dos sujeitos em se reconhecerem em seus semelhantes, deixando assim pistas para pensar o homem a partir das interações humanas.

### 3.1 O que se vê jamais se aloja no que se diz?

Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aqueles que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 1995, p. 25).

A pergunta/provocação deste tópico diz respeito à aproximação de meus alunos. Embora eu os enxergasse, não os via, e não os percebia em meio a centenas de outros estudantes. Os comportamentos, as singularidades, as falas e suas oscilações se reestruturavam quando as relações se estreitavam. E mesmo quando a relação aluno/professor se transformava na relação informante/entrevistador, outras imagens permeavam minha imaginação e quando estávamos na esfera virtual, outras imagens eram dadas a conhecer. Quando estabelecíamos uma relação de amizade na esfera real e virtual, ainda assim tínhamos mais um vasto campo de possibilidades. Entendi, então, que os seres humanos são dotados de uma complexidade que jamais poderia ser esgotada.

Escolhi ou fui escolhida por cinco informantes, que caminharam comigo por pelo menos dois anos e contribuíram sem hesitar com esta pesquisa. Durante o trabalho pude experimentar e estabelecer laços de companheirismo com meus informantes, que logo se transformou em uma relação de amizade. Como nossa aproximação aconteceu nas dependências do *Centro Profissionalizante em Informática* (Cedaspy), havia uma relação de subordinação, na qual me era delegada a autoridade em sala de aula.

Diante desta hierarquia, os pronomes de tratamento dirigidos a mim eram: “senhora”, “dona”, “professora” e os alunos mais espevitados me chamavam de “tia Gi”, e até mesmo de “mãe”. Tudo para me agradar e terem uma familiaridade que, de fato, não existia, mas que poderia me comover com certos pedidos, como sair mais cedo da aula (o que nunca aconteceu, sendo proibido pela ética da instituição), melhorar a nota da prova ou para ficarem mais uns minutinhos na internet.

A relação oficial era permeada, ainda, por uma série de burocracias, como reunião de pais, notas, provas, listas de presença e trabalhos, protocolos comuns assumidos neste

espaço. A forma de falar e de me vestir também era muito formal. É importante ressaltar que isso se fazia necessário na medida em que a minha idade era muito próxima a dos estudantes e a confusão de papéis poderia ocasionar na perda da minha autoridade ou se emaranhar por outros tipos de relações afetivas.

Nesta posição, tentei captar as subjetividades dos estudantes e sondar quais estavam mais engajados na rede e que potencialmente poderiam me auxiliar com a pesquisa. Conversando com alguns deles, senti certa resistência que se justificava entre os burburinhos pelos corredores da escola. Eles temiam serem denunciados às suas famílias pelas publicações no Facebook, ou de que eu os punisse por não fazerem as atividades. Pensavam que eu pudesse me utilizar de alguma manobra para conseguir a senha deles. Supunham, ainda, que eu estivesse ligada a algum tipo de organização criminosa<sup>24</sup>. A imaginação era fértil, o que levou alguns alunos a se distanciarem da proposta inicial.

Percebi que a pesquisa se tornaria inviável se a relação aluno/professora continuasse, foi assim que optei por deixar o meu cargo. Na minha nova condição, retomei o contato com alguns estudantes a fim de estreitar os laços de confiança. Passei a conhecê-los em outra esfera e a me engajar na realidade em que eles viviam, permitindo que me introduzisse na realidade a qual pertenciam.

Semanas depois, falei sobre a pesquisa e ao amadurecer o nosso contato, solicitei que eles preenchessem um documento de ‘autorização de uso de imagem e conteúdo’, por meio do qual eles me confiariam o uso das fotografias e das postagens disponibilizadas no Facebook. Somente após a preparação e aproximação destes cinco jovens, parti para uma primeira entrevista, de que logo falarei. Paralelamente, comecei a tomar notas em um ‘caderno de campo’, a fim de assimilar as particularidades que eram apresentadas formal e informalmente.

O fato de tentar deixá-los mais a vontade na minha presença, também os desarmava. Foi assim que até mesmo os pronomes de tratamento foram transformados (“senhora”, “dona” por “você” ou “Gi”), tornando-se mais informais. Me transformei em confidente deste grupo.

---

<sup>24</sup>No período em que estávamos convocando nossos informantes, a mídia trouxe a tona vários casos de crimes no ciberespaço. O mais preocupante para nós foi de uma professora da USP, que juntamente com o namorado aliciou uma jovem de 14 anos a participar de uma sessão de sadomasoquismo. Além de gravar tudo, havia centenas de fotos eróticas de outros jovens.

Apontar estas sutilezas em nossa aproximação é importante para conhecer o “repertório comunicativo” destes jovens. Durante o período de convivência com os informantes, busquei me manter aberta a compreender o universo em que estavam imersos. Deixei os entrevistados a vontade na minha presença até que, em algum instante, as nossas relações se estreitaram, a ponto de nossas conversas serem vistas como um encontro entre bons amigos.

Somente após a criação desta relação de confiança e o estabelecimento de um profundo respeito, pudemos caminhar entre conversas, anotações, imagens e gravações. As contribuições passaram a ser mais efetivas e reflexivas, e ao nos comunicarmos frequentemente, solidificamos laços de amizade. Neste percurso, notamos que os espaços físicos (escola, universidade, shopping, etc) também colaboraram para que nos aproximássemos, uma vez que estávamos em sintonia e à vontade para prosseguirmos com o nosso trabalho.

## 3.2 Gênese de uma pesquisa

Os lugares físicos e virtuais em que transitamos foram norteados pelos gostos e preferências dos usuários. É interessante notar que cada espaço visitado nos trouxe elementos pertinentes para conhecer melhor cada um dos informantes. Quando eles escolhiam um lugar para nos encontrarmos, optavam por ambientes nos quais eles eram familiarizados e gostavam.

O centro técnico de informática Cedaspy é composto por quatro laboratórios. No primeiro estágio, os alunos frequentam o ‘curso de digitação’ e aprendem como se sentar, posicionar os dedos no teclado, e atentar para que os olhos estejam sempre voltados para a tela e o corpo em postura correta. Essas noções básicas lembram os cursos de datilografia de outrora. São exercícios cansativos, com a repetição de sequências de números, acentos e pontuações, que dura uma hora. O espaço reunia até seis alunos monitorados por um professor que passava as instruções das atividades e sanava as dúvidas individualmente.

Neste ambiente, existe pouca ou nenhuma interação entre os alunos devido à concentração necessária para desenvolver as atividades. O que se percebia era certa frustração, já que os computadores não continham outra forma de dispersão. Diante da situação, os alunos recorriam aos celulares para ouvirem música enquanto digitavam.

O segundo laboratório, denominado ‘Audiovisual’, é o maior e se encontra na área central da escola. Neste local, provido de uma lousa digital *touchscreen*, o professor passa as instruções do dia, alternando teoria e prática. O curso conta com uma didática própria denominada EDAA (explicação, demonstração, aplicação, acompanhamento).

A sala, com capacidade para 40 alunos, chegava a números superiores aos sábados. Para prender a atenção dos jovens, as aulas eram desenvolvidas de maneira mais dinâmica possível, contando com vídeos e jogos.

Este local foi o primeiro espaço no qual conheci meus alunos, e onde estive por três anos, convivendo com pessoas de vários lugares da região de Campinas. Após meia hora nesta sala, os alunos trocavam de sala e se dirigiam ao ‘laboratório prático’, ou ao ‘laboratório de manutenção de micros’, dependendo do módulo da turma. Ali, se sentam lado a lado, e começam a desenvolver atividades propostas. A primeira coisa que eles



faziam era acessar as redes sociais e teclar entre si. No entanto, quando percebiam minha presença por trás dos micros, sentiam-se inibidos ao notarem que eu os observava.

Aproveitei várias oportunidades para conversar com eles, sobre as redes sociais, o que faziam por lá, por que gostavam destas conexões, tentando me aproximar deste universo.

Ao fim destes diálogos, eles sempre me perguntavam se eu tinha um perfil no Facebook e se poderiam me adicionar. Percebi então que eles estavam me convidando a entrar na vida deles e a participar dos conteúdos que eram próprios para a rede de amigos. Embora eu já tivesse um perfil na rede, achei interessante criar outro, para que se estreitassem as nossas relações e de certa forma, também para preservar a minha vida particular.

No novo perfil, rapidamente conquistei 160 amigos e desde então passei por várias experiências, de professora a confidente. Dei conselhos que variavam de dor de dente a namoro. Consolei, apoiei, conversei. Fiz vários experimentos, alterei a minha idade, meu status de relacionamento, postei fotos, fabulei uma nova pessoa, depois desconstruí tudo. Neste lugar não físico também, criei as minhas pequenas histórias. Desenvolvi um roteiro, editei, atuei e fiz várias peripécias, como alterar meu perfil para casada e alterar a minha idade. Algumas vezes essas brincadeiras eram percebidas, outras vezes não. Tudo ficou registrado na minha 'linha do tempo'. Em contrapartida, recebi um grande apoio para esta pesquisa, uma vez que pude compreender o que eram assuntos populares ou não.

Há um termômetro invisível na rede para mensurar se os internautas aceitam e apoiam as postagens, os assuntos e as pessoas, que demanda carisma e atenção. Depois de certo tempo administrando dois perfis no Facebook, estava esgotada. Até que em certo momento acabei excluindo o meu primeiro perfil.

Meus alunos passaram a se fotografar comigo, com outros professores e com os colegas e acabaram nos marcando em suas postagens. Por vezes, as meninas iam para o banheiro se fotografar no espelho ou nos corredores. As imagens eram rapidamente postadas, compartilhadas e comentadas, tornando-se o pequeno tesouro de todo mundo.



Figura 1: Fotografia tirada por um aluno durante a aula de manutenção de micros.



Figura 2: Turma de sábado no último mês de aula.

Mais tarde os encontros com os meus cinco informantes aconteceram em diferentes lugares. Sempre os deixei a vontade para escolherem os lugares de fácil acesso para que pudéssemos nos reencontrar. Os primeiros contatos foram feitos com Anderson e Cleyton, e por duas vezes estivemos nas dependências da Unicamp, aos finais de semana, uma vez que os dois trabalhavam. Eles conheceram a universidade e ficaram fascinados.

Giovanni e Thássila preferiram o Shopping D. Pedro, o que foi de grande importância, pois sempre visitávamos lojas de preferências deles, o que me aproximava ainda mais. Recebi vários conselhos de filmes, games, maquiagem e moda. Daiane também preferiu me encontrar no Shopping, contudo no Iguatemi, local em que trabalha em uma loja de café (Starbucks). Lá conversamos por horas e ela me apresentou ao seu grupo de amigos e companheiros de trabalhos. Na medida em que me envolvia como grupo, conversávamos, fazia anotações, gravava, fotografava e fazia pequenas incursões em seu universo particular.

Conhecer o entorno dos informantes me auxiliou a compreender melhor o universo do autorretrato no *Ciberespaço*, predominantemente no tocante ao que pensam e sentem e como gostariam de tornarem-se conhecidos. Possibilitou-me caminhar por cinco diferentes histórias das quais retirarei substratos para se pensar o homem hipermoderno.

Tendo situado a minha aproximação com os informantes e o contexto em que elas aconteceram, apresentarei no tópico a seguir meus entrevistados a partir de subsídios retirados da plataforma Facebook, das nossas entrevistas e também das sensações que eles me despertavam.

### **3.3 Os cinco informantes e seus perfis no Facebook**

Neste tópicó apresentarei os cinco informantes a partir das entrevistas e das análises que realizamos das fotos de capa e de perfil. Lembrando que as imagens de ‘capa’ ou ‘banner’ são aquelas de maior destaque na página. E a foto de ‘perfil’ é a menor que se sobrepõe a ela. Esse conjunto de imagens é sempre público para todos os usuários da rede.

A proposta do Facebook é catalogar pessoas a partir de suas fotografias, a fim de que os demais usuários possam se reconhecer e assim iniciar um novo contato, uma nova amizade. Somente depois de estabelecidos estes vínculos, os internautas têm acesso a todas as informações disponibilizadas na página de perfil.

Essa apresentação personalizada que o Facebook permite é muito diferente do processo de cadastro realizado por autarquias. Nos documentos todos são identificados a partir de uma estrutura rígida, através de uma série de números, e também por um modelo de fotografia 3x4 evidenciando um ângulo padrão. Essa classificação unifica todas as pessoas como uma grande massa e não aponta para as peculiaridades de cada sujeito. O que percebemos nas redes sociais são possibilidades de individuação, ou seja, o homem pode se mostrar a partir de suas singularidades, dentro da sua melhor performance.

Optei por utilizar as imagens de RG dos nossos informantes nas súmulas para fazer um contraponto com suas imagens de perfil. Pois quando pedia para que os entrevistados me cedessem os documentos eles sempre se mostravam arredios, não gostavam das imagens. No entanto, as fotografias disponibilizadas na rede pareciam mais adequadas para serem mostradas, eram contemporâneas, bonitas, e os apresentava a partir de sua melhor perspectiva.

## Anderson de Jesus Souza

**É** filho único de Edilson dos Santos Souza (49 anos, vidraceiro) e de Claudenice de Jesus Souza (46 anos, cozinheira). Nasceu em 10 de maio de 1993 em Campinas, interior de São Paulo. Mora no Jardim do Lago. É solteiro e trabalha de segunda a sábado na loja de peças para motociclistas “Casa do motoqueiro”.

Junto com a família, morou em Campinas (São Paulo) e em Jequié (Bahia). Em 1996 os pais se divorciaram e em 2000, Anderson começou a morar com o pai em Campinas. O pai é classificado pelo nosso informante como um ‘cigano’, pelo espírito itinerante de sempre mudar de cidade.



Em 2004, pai e filho se mudam para Porto Seguro, onde viveram por quatro anos. Em 2010, retornam a Campinas, onde o entrevistado reside até hoje. Ao atingir a maioridade, se emancipou dos cuidados paternos para morar sozinho e ‘criar raízes’. Concluiu o ensino médio, cursou técnico em informática e começou a faculdade de administração, mas parou por falta de tempo. Com 20 anos comprou uma moto e se prepara para tirar habilitação.

Sonha em voltar para a faculdade e constituir sua família. Não sabe se continuará a viver em Campinas, nem tem certeza sobre qual carreira seguir. Ele ainda tem contato com os pais, mas nada se compara ao carinho da tia que o criou. Sabe da existência de vários irmãos (por parte de pai), mas não conhece todos.

Percebemos que Anderson busca comunicar algumas informações sobre si que sempre giram em torno de amizades que fez em outros estados, dos novos colegas e predominantemente, sobre o time pelo qual ele é fanático: o Palmeiras. Em toda sua narrativa mostrou-se engajado no Facebook, checando, sempre que possível a repercussão de suas postagens e tomando conhecimento sobre a vida de seus contatos.

Ao longo da entrevista descobrimos que ele sempre partia da vida real para falar da vida virtual, ou seja, a identidade que ele estava construindo para se comunicar com os demais internautas continha as marcas de sua realidade e assuntos dos quais ele se sentia

confortável em falar. Ao expressar sua opinião ele inicia um processo de escolha das pessoas com as quais manter contato, ou seja, a partir da afinidade por determinados assuntos.

Outra forte característica de nosso entrevistado é o desejo de encontrar uma namorada e mudar o status de relacionamento de solteiro para ‘em um relacionamento sério’. Nesse sentido o Facebook exerce uma importante função: informar sobre a vida sentimental do outro. Percebemos que nenhuma atualização é tão impactante quanto à do status de relacionamento, pois nele encontra-se implícita a situação do outro e até que ponto se pode ou não investir em determinada pessoa. O próprio entrevistado nos dizia que não bastava assumir um compromisso com a amada; era preciso efetivar e comunicar a nova situação no Facebook.

Como estratégia para se apresentar na plataforma ele se utiliza de fotografias que valorizem seu melhor ângulo, e que também comunique a sua preferência futebolística. A foto de perfil e de capa sempre apresentam elementos que remetam ao Palmeiras. Para evidenciar o seu fanatismo, inseriu o sobrenome Itália em analogia ao antigo estádio do time: o Palestra Itália.



Figura 3: Conjunto de imagens de *capa* e de *perfil*.

Anderson relembra sua vida sem a internet com saudosismo. Para ele, a vida antes do advento das mídias sociais, permitia um tipo de interação com outras pessoas que ele não consegue mais desenvolver. Os passeios na praça, por exemplo, possibilitavam a

criação de novos círculos de amizade que aumentavam na medida em que os membros daquele grupo introduziam outros colegas. Essa dinâmica, segundo Anderson, infelizmente não funciona mais. O Facebook, no ponto de vista dele, serve para aproximar as pessoas que já se conhecem. No entanto, inviabiliza que os amigos dos amigos passem a se conhecer, uma vez que não há a mediação no espaço físico, como as praças.

Nosso informante mostra-se muito otimista com relação ao seu futuro. Deseja retomar o cursinho e tentar a faculdade de administração, bem como fixar moradia e constituir uma família. Segundo Anderson sua vontade é fazer tudo de uma forma moralmente aceita, diferente dos modelos que vivenciou na família, construindo uma nova história. Para ele tanto no Facebook quanto na vida real houve amadurecimento e aprendizado com relação ao seu posicionamento diante do mundo. Atualmente ele se diz mais reservado com relação à exposição de seus projetos e de seus sentimentos, como uma forma de resguardar sua vida pessoal.

Com as suas imagens de capa, Anderson expressa o amor pelo time e nas de perfil se mostra sempre a partir de autorretratos que embora o apresente, o deixa em segundo plano. Para ele o importante é o conteúdo, é dizer o essencial sobre si, uma vez que as demais informações serão passadas nas relações cotidianas.



Figura 4: Fotos de capa de Anderson, sempre exibindo informações sobre o Palmeiras.

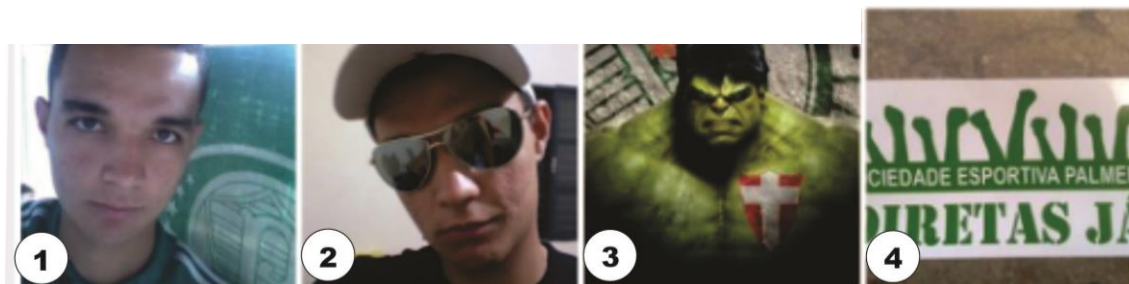


Figura 5: Fotos de perfil, apenas duas fotos de todo o conteúdo do álbum é do próprio informante.

## Cleyton de Oliveira Rodrigues

**É** filho mais velho de Antônio Rodrigues Filho (falecido em 2000) e de Maria Aparecida Soares de Oliveira Rodrigues (39 anos, ajudante de cozinha). Nasceu em 02 de setembro de 1991, em Governador Valadares, interior de Minas Gerais. Tem três irmãos: Victor, 20, Davidson, 18 e Patrícia, 14. Cleyton mudou-se sozinho para Campinas há três anos, mas em 2013 toda família se instalou na cidade, onde moram juntos no bairro Satélite.



Desde que começamos a analisar a página de Cleyton com a sua respectiva entrevista, notamos se tratar de uma pessoa muito sentimental. Sua história de vida começou no interior de Minas Gerais, onde viveu a maior parte de sua juventude. No campo tinha muito contato com a natureza e com a família, no entanto, com a morte do pai, precisou se mudar para Campinas.

Ao chegar a cidade seu objetivo era retomar seus estudos para conquistar um emprego melhor, então ele fez um curso de informática no centro técnico Cedaspy e outro de desenhista industrial no Senai. Concluiu os dois e pensa em continuar estudando.

Para manter contato com os amigos que ficaram em Minas Gerais e informar sobre suas novas conquistas, ele começou a utilizar o Facebook e se ocupou em preencher a página com suas novidades e sensações com relação à mudança da zona rural para a zona urbana. Adotou um posicionamento neutro na rede, uma vez que sua grande preocupação é manter um perfil que canalize os seus sentimentos sem ofender a opinião das outras pessoas.



**Figura 6:** Fotos de *perfil*, apenas duas fotos de todo o conteúdo do álbum é do próprio informante.

Como não tinha um computador com acesso à internet em sua residência, começou a utilizar a rede no curso de informática, em lanhouses e na casa de alguns amigos. Através desses contatos ele desenvolveu um círculo de amizade de 138 pessoas. Atualmente sua página conta com 18 álbuns e 48 fotografias. Os temas das imagens giram em torno das confraternizações entre familiares e amigos. Tratam de passeios de paisagismo, e apresentam autorretratos. Entre as seis fotografias de perfil, apenas uma evidencia nosso entrevistado sozinho, duas são desenhos, e nas demais, ele está acompanhado por crianças. Questionado sobre o porquê de sempre estar acompanhado nas imagens de perfil, ele diz que essas imagens o fazem lembrar a inocência de uma criança e relembrar a figura paterna da qual ele sente muita saudade. Sobre os dois desenhos ele disse que o primeiro (Bart Simpson) foi colocado aleatoriamente porque ele não tinha um bom autorretrato. Já o segundo desenho foi adicionado ‘sem querer’, pois estava aprendendo a utilizar a internet pelo Ipad da prima.



**Figura 7:** Fotos de *perfil*. Na maioria das fotos se apresenta com alguma criança.



O álbum de capa apresenta três fotos. A primeira de uma cachoeira, outra com a mãe e o irmão, e uma terceira que é a imagem mais recente do nosso entrevistado, deitado na copa de uma árvore. Segundo Cleyton a atual capa representa a essência de sua personalidade, estando seus pés em evidência. Para ele esta parte do corpo representa o membro mais bonito e importante do ser humano uma vez que sustenta a estrutura do próprio corpo e permite sua mobilidade.



**Figura 8: Fotos de capa. Entre os informantes Cleyton é o que publica menos imagens**

Em cada conversa que temos com nosso entrevistado percebemos uma tendência em revelar e esconder certas informações em suas conexões, os aspectos subjetivos que encontramos nestas imagens, por exemplo, só puderam ser acessadas através de um contato pessoal. Somente através dos ‘olhos nos olhos’, da convivência e de uma constante atualização das páginas de perfil detectamos qual é o personagem que está incorporado naquele espaço e visualizamos assim a identidade que está sendo construída neste espaço.

Ao descobirmos a história do entrevistado temos a impressão de conhecê-lo inteiramente, quando na verdade, o que ele nos oferece é um recorte sobre seu melhor ângulo, sobre a sua melhor performance.

Entre as palavras que Cleyton, hoje com 22 anos mais utiliza, destacamos: amizade, saudade e gratidão. Para ele a rede funciona como uma forma de aproximar pensamentos, enquanto a sociedade o controla e o condiciona a um sistema de encarceramento que embora traga ordem, não permite a plena liberdade de expressão. A conexão nas redes sociais é uma alternativa para fazer parte da sociedade e poder mostrar, para além de uma identificação numérica, como o número do CPF, uma apresentação de si, através de uma narrativa em primeira pessoa, conjugada entre o verbal e o visual.



## **Daiane Constantino dos Reis**

**É**a segunda filha de Edineide Constantino Bernardo (46 anos, do lar) e de João dos Reis (50 anos, motorista). Nasceu em 03 de junho de 1991 em São Gabriel, Bahia, mas se mudou para Campinas antes de completar seu primeiro ano de vida. Ela tem mais três irmãos. A mais velha Ednusia de 29 anos (filha do primeiro casamento da mãe com seu ex companheiro ‘Edmilson’). Denise, 24 anos e Matheus, 17 anos. Tem dois sobrinhos Alan, 10 e João Otavio, 5. Mora no bairro Jardim Novo Campos Elíseos. Embora tenha uma família grande, Daiane não pensa em constituir a sua, pois acredita que sua maior realização será a profissional.



Há oito meses trabalha na cafeteria Starbucks no shopping Iguatemi e recentemente foi promovida de atendente a supervisora. Diz amar o trabalho, que para ela é um refugio, um lugar para encontrar os amigos, conhecer novas pessoas e ganhar seu sustento. Não pensa em procurar outro trabalho, mas se diz muito interessada em conhecer outros países, outras culturas e outros idiomas.

Nossa informante possui quatro tatuagens espalhadas pelo corpo sendo elas: ‘love my life’, notas musicais, símbolo do infinito e um filtro dos sonhos. A primeira feita aos 18 anos está localizada no pé direito e tem os dizeres ‘love my life’ contornado por flores. Essa imagem foi feita juntamente com uma amiga, quando ambas tinham 18 anos e serve para representar os laços de amizade entre as duas. As notas musicais desenhadas atrás da orelha destacam sua paixão pela música. No ombro ela exhibe o símbolo do infinito envolto pelas imagens do sol e da lua, representando o amor pela vida. A mais recente esta localizada nas costelas e é chamada filtro dos sonhos, um símbolo indígena de uma tribo norte americana que atrai e canaliza as boas energias. De acordo com Daiane, ela pretende fazer outras tatuagens, no entanto, isso dependerá das experiências de vida que tiver. Para ela cada uma dessas imagens narram parte de sua história e a diferencia de outras pessoas.

Os rastros de sua história estão impressos em seu corpo e também em sua página pessoal no Facebook. Nela encontramos fragmentos de textos e imagens que refletem seus pensamentos e emoções diante das situações cotidianas da vida. Digo fragmentos, pois

nossa entrevistada fez questão de ressaltar que não expressa tudo o que pensa nas redes sociais, primeiramente para não gerar conflitos e segundo para não ofender os demais internautas.



**Figura 9:** Conjunto de imagens de *capa* e de *perfil* de Daiane

Antes de postar uma fotografia ela pensa no que as pessoas vão comentar sobre a imagem em exposição. Por isso as fotos passam por um processo de edição e as imagens sensuais, com a exibição do colo dos seios, por exemplo, são deixadas fora. Além disso ela faz considerações sobre o cenário, a luz e a composição. Para ajudar no arranjo de uma postagem ela inclui uma legenda reflexiva, que pode ser escrita por ela ou por autores com os quais se identifique. Em sua página encontramos 26 álbuns e 116 fotografias.

O álbum de fotos de perfil conta com 39 imagens sendo que cinco delas são desenhos e as demais são autorretratos. Predominam as imagens com foco no rosto com um grande sorriso, evidenciando os aparelhos nos dentes e uma cicatriz na parte superior dos lábios (aos seis anos uma garrafa de vidro se estilhaçou sobre sua face, causando uma grande cicatriz). Em cinco imagens visualizamos o corpo inteiro três delas foram feitas em frente ao espelho, deixando evidente a presença da câmera.

No álbum de ‘capa’ encontramos 14 imagens, sendo que apenas uma é um autorretrato. Em outra imagem ela posa com um grupo de amigas, e em outras quatro visualizamos sua tatuagem (apenas a que representa o infinito com o sol e com a lua). Nos dá a descobrir a fachada de seu local de trabalho, e as demais são paisagens.



**Figura 10: Fotos de capa. Imperam os interesses da informante em comunicar uma nova situação.**

Dentro do grupo de entrevistados, Daiane, 22 anos, mostra-se a mais falante. Ela procura nos mostrar seu crescimento profissional e intelectual como uma conquista importante em sua vida. O fato de trabalhar, se sustentar e ajudar a família é algo que ela aponta como um admirável amadurecimento, uma vez que ela passa a ocupar diferentes espaços na sociedade.



**Figura 11: Fotos de perfil. Apresentam um padrão onde a informante aparece sorridente e enquadra a imagem, na maioria das vezes, no rosto.**

## Giovanne Alexsander Vicente Costa

**É** filho único de Otavínio Moreira costa (47 anos, autônomo) e de Cássia Regina Vicente (40 anos, caixa de supermercado). Nasceu em 08 de novembro de 1994 em Campinas. Atualmente mora com a família materna: o avô, um tio, uma tia e uma prima, na Vila Padre Anchieta.

O pai mudou-se para São Paulo depois do divórcio, mas este ano voltou para Campinas. Mantém pouco contato com o filho. A mãe começou a namorar e mudou-se para a casa do seu cônjuge e Giovanne preferiu ficar com o avô, pois não se adaptou ao padrasto.



Devido a problemas pessoais, incluindo o Bullying, abandonou a escola, retomando dois anos mais tarde ao projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA), também conhecido como supletivo. Sente dificuldade em interagir com os colegas de sala, pois a maioria está em uma faixa etária maior que a dele. Giovanne almeja, até o próximo ano, terminar o ensino médio.

Como não trabalha, divide o tempo entre o curso de informática (em período de conclusão), jogos no computador e aos animes<sup>25</sup>. Sempre que pode, frequenta feiras de tecnologia, do qual ele se diz fã número 1. Sonha ingressar em uma faculdade de designer ou de ciência da informática e está tirando a carteira de trabalho para em breve ingressar no mercado.

Entre os amigos de bairro e das redes sociais é conhecido como ‘Fowlkz’, apelido criado por ele mesmo. Trata-se do nome do seu avatar nos jogos *online* em que interagia com os amigos da *lanhouse* que frequentava. Somente após as manifestações ocorridas no Brasil no segundo semestre de 2013, nosso informante tomou conhecimento sobre o filme V de vingança onde percebeu uma semelhança do seu apelido com a máscara chamada Guy Fawkes<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> São desenhos animados produzidos no Japão e popularizados mundialmente.

<sup>26</sup> Guido Fawkes ficou conhecido por Conspiração da Pólvora, que planejava explodir o Parlamento durante um discurso do rei James I. “Em 2006, V de Vingança foi adaptado para o cinema. Dois anos depois, o movimento hacker Anonymous adotou a máscara para protestar contra a Igreja da Cientologia nos Estados Unidos. O acessório se tornou um símbolo de 2011, quando foi visto em protestos por todo o mundo, como nos movimentos Occupy. Mesmo sendo um ícone anticorporações, a venda da máscara dá dinheiro a uma

---

grande empresa. A Time Warner detém seus direitos autorais”. Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/mascara-guy-fawkes-680697.shtml>. Acesso em 29 novembro 2013.



Figura 12: Giovane se apresenta sobre o nome Fow Lkz em alusão ao seu nome nos jogos.

Giovane tem 19 anos e é o mais tímido do grupo em análise. Fala pouco, sempre se veste de preto e seus assuntos giram em torno do seu universo particular: os jogos. Em alguns momentos nos parece que a identidade online é muito mais densa do que a sua identidade real. Quando inquirido sobre sonhos, amigos e família, as respostas são curtas e vagas. No entanto quando abordamos assuntos referentes ao universo online, a conversa flui.

Quando perguntamos qual seu jogo preferido, ele prontamente responde que é o P.S. um tipo game online, onde o participante pode matar os seus inimigos para avançar de fase. Nele é possível jogar com outras pessoas ou com a máquina: É online e gratuito. Conta com três avatares. São eles: fuzileiro, médico, engenheiro. Nosso informante sempre se utiliza do fuzileiro, porque ele tem um arsenal maior de balas. Enquanto o médico usa a arma de calibre 12 que pode matar e também ressuscitar as pessoas, e o engenheiro pode consertar os coletes a prova de balas dos outros usuários. Segundo o entrevistado o game não influencia em nada a sua vida, ou seja, ele não vê relação entre o jogo e sua vida pessoal. Para ele é apenas uma distração, um momento de entretenimento.

Outro interesse de Giovane é a música, predominantemente o rock heavy metal, nesse estilo predominam os gritos, letras depressivas e uma performance teatral. Geralmente os membros das bandas usam máscaras, maquiagem e unhas pretas. Entre os favoritos do entrevistado estão: Slipknot, Bullet for My Valentine, AC/DC, Metallica e Disturbed. A influência por este gosto musical começou quando Giovane frequentava a lanhouse de seu bairro. Seu interesse por esses grupos ficam evidentes nas camisetas



temáticas. Nosso informante sempre se veste com roupas que tem a estampa dessas bandas, também utiliza pingentes e carteiras com o motivo de suas bandas favoritas.

Suas fotos de perfil no Facebook sempre estão nos tons de preto e branco, sendo que apenas três são autorretratos. Quatro são imagens da máscara de Guy Fawkes, uma do Ghost Call of Duty<sup>27</sup>, um ponto de interrogação e um bichinho de pelúcia.



Suas imagens de capa são montagens feitas no Photoshop sempre em torno de suas bandas e jogos favoritos. As imagens suscitam tristeza e depressão. São carregadas de cores fortes que contrastam com a imagem de perfil, reflexo da carga emocional do informante.



Figura 14: As capas, criadas pelo informante, tem temas de jogos e bandas com as quais se identifica.

---

<sup>27</sup> Call of Duty: Ghosts é um videogame de tiro em primeira pessoa. É o décimo jogo da série Call of Duty e foi produzido pela Infinity Ward. Ghosts foi lançado para a PlayStation 3, Xbox 360, Wii U 2 6 e Microsoft Windows em 5 de Novembro de 2013. Decorre numa cronologia alternativa e segue os eventos de uma destruição nuclear do Médio Oriente. Disponível em

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Call\\_of\\_Duty:\\_Ghosts](http://pt.wikipedia.org/wiki/Call_of_Duty:_Ghosts). Acesso em 29 de novembro 2013

## Thácila de Lima Pelayo

**É** filha mais velha de Rodolpho Ernesto Pelayo (38 anos, representante comercial) e de Vanessa Florindo de Lima (36 anos, costureira). Nasceu em Campinas em 24 de fevereiro de 1997. Tem uma irmã mais nova chamada de Thabada de 10 anos. A família mora no Parque São Jorge.



Thácila estuda na escola *Culto a Ciência* e está no segundo ano do ensino médio. Já pensa em trabalhar e foi convidada para três entrevistas de emprego, mas recusou, pois temia que pudesse atrapalhar os estudos. Foi aceita no processo seletivo da ‘Formare Bosch<sup>28</sup>’, onde em 2014 trabalhará e estudará na empresa a fim de ter uma formação profissional e educacional melhor. Além de receber uma ajuda financeira para custear seus gastos.

Pensa em fazer faculdade de direito e seguir na carreira como juíza, ou perita. Seu grande sonho é ser reconhecida nacionalmente e internacionalmente pela profissão. Ela se considera curiosa e competitiva, sempre deseja ter as melhores notas, ler vários livros ao mesmo tempo e quebrar seus próprios recordes. Na vida afetiva, mostra-se relutante em ter uma família, pois, segundo ela, atrapalharia na concretização de seus sonhos. Ela se imagina morando em Massachusetts nos Estados Unidos, a exemplo de uma vlogueira<sup>29</sup> brasileira de 30 anos que lançou uma coleção de roupas femininas e se tornou referência no Brasil e no mundo. Como o desejo de mudar de país é uma constante em sua vida, nossa informante começou a investir em cursos de inglês como uma forma de se preparar para a vida no exterior.

Seu lugar preferido é a biblioteca municipal, localizada ao lado da prefeitura de Campinas. Sua melhor amiga é a mãe Vanessa com a qual ela sai para se divertir, fazer compras ou apenas para jantar. Embora seja filha de evangélicos da igreja Congregação Cristã do Brasil, ela preferiu se afastar, pois tinha ideias divergentes à doutrina. Com

---

<sup>28</sup> O *formare* é um curso profissionalizante oferecido pela empresa Bosch. É um ambiente de aprendizagem profissional que desenvolve, por meio da ação voluntária, a potencialidade de jovens de populações de baixa renda para integrá-los à sociedade como cidadãos e profissionais. Disponível em <http://www.formare.org.br/formare/o-que-e-o-formare/proposta-pedagogica> Acesso em: 09 de dezembro 2013.

<sup>29</sup>Vlog são páginas pessoais na internet onde o conteúdo é disponibilizado através de vídeos.

relação ao batismo na igreja ela mostra-se relutante, pois com essa atitude ela precisaria se adequar aos padrões da igreja, ou seja, não poderia usar calça, cortar o cabelo além de precisar se sujeitar as disciplinas da religião. Os pais acreditam que a filha aceitará o chamado de Deus na hora certa.

Com relação ao Facebook, ela se diz reservada. Pensa antes de compartilhar alguma fotografia ou mensagem, sempre tendo em mente uma ética que visa prever o que seus amigos e os pais pensarão sobre o assunto.



Figura 15: O gosto musical de Thácila fica explícito em suas capas.

Na rede ela descobriu o poder de sua comunicação e da influência que pode exercer sobre os demais usuários, sendo popular e tendo boa aceitação por parte dos demais internautas. Suas publicações têm em média 100 curtidas e diversos comentários. No entanto, ela também descobriu aspectos negativos, como a vaidade. Ao tornar-se popular no Facebook e na escola, nossa informante começou a desprezar os amigos, tratando-os grosseiramente e mudando completamente seu perfil de menina meiga para uma pessoa ‘esnobe’, se achando melhor que as outras pessoas. Apenas após conversas com os pais e com amigos ela pode perceber que seu status de popular começava a torná-la uma pessoa diferente daquilo que ela era. Influenciada por essas conversas reverteu à situação e diz que agora tenta ser uma filha e amiga melhor dentro e fora da rede.

Do nosso grupo de informantes, Thácila é a usuária que mais posta fotografias, são seis álbuns e 131 imagens. A maioria são autorretratos. Ela gosta de postar fotografias com

os looks para sair de casa, mostrando-se muito interessada em moda. Além disso, evidencia o cabelo, pois para ela é a parte do corpo que mais gosta.



Figura 16: No processo de escolha das fotos de *perfil*, a informante sempre opta por fotos em que o cabelo e a roupa estejam em destaque.

Entre as coisas que ela não conseguiu ainda esclarecer no Facebook ela sinaliza para seu gosto musical. Embora ela deixe claro qual é o seu estilo, o rock, as pessoas ainda confundem associando o seu rosto e corpo ao funk. Essa confusão a entristece uma vez que, embora respeite outros gêneros musicais, ela é grande admiradora de um rock clássico, considerado por ela como um gosto mais refinado.



Figura 17: No conjunto de *capas* percebemos que as imagens que mais se sobressaltam são a de bandas e também imagens cômicas.

Com quase 17 anos, ela se considera muito madura tanto em sua aparência física, quanto intelectual. Para ela traçar metas futuras, como emprego e estabilidade emocional, são coisas normais em seu cotidiano, reflexos de uma criação familiar presente e participativa. Os pais são considerados seus melhores amigos, e para responder às expectativas da família, ela se posiciona diante do mundo de uma forma responsável e segura, sabendo que em cada passo que ela der, terá o suporte dos pais.

### **3.4 As duas etapas da pesquisa**

Desde o início da pesquisa acreditávamos na importância de conhecer os nossos informantes para além de seus registros no Facebook. A nossa tentativa era encontrar substratos que potencializassem esse estudo e que apontassem para reflexões inerentes ao grupo em análise.

Realizamos assim, três entrevistas, sendo que a primeira se deu via chat (online) e as demais presencialmente. Os resultados da enquete via internet mostrou-se extremamente superficial. Percebíamos que as respostas eram curtas, frágeis e por vezes o entrevistado não conseguia dissertar sobre a questão.

Então, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário com 11 perguntas. Posteriormente, as respostas foram analisadas e sintetizadas em oito tópicos. Mais tarde, realizamos a segunda etapa da pesquisa, propondo um questionário com 18 interrogações, cujas respostas serão apresentadas para os informantes na sua íntegra.

Após a conclusão destas etapas será estabelecido um diálogo crítico com a ‘Teoria das Gerações’, abrindo um parêntese para refletir acerca das generalizações com relação aos grupos estudados. E, posteriormente, com Axel Honneth (2009), faremos uma incursão sobre a busca pelo ‘reconhecimento’. Será que os jovens buscam sua identidade e se utilizam da internet para responder uma questão que não é formulada? Uma inquietação não dita? Ao oferecer uma imagem de si, mesmo que falsa, como entender este movimento que perpassa toda humanidade? - Nessa sociedade onde cada pessoa vive em uma ilha e tem a necessidade de não ser ignorado, diante de uma globalização onde ‘ninguém’ se reconhece, Axel Honneth explicita o que está implícito: um mal estar e um sofrimento que conduzem a uma nova experiência com a própria solidão.

## **A) Primeira etapa**

Nosso primeiro encontro, presencial, aconteceu no final do segundo semestre de 2012. Anderson e Cleyton elegeram a Unicamp como o melhor local. Thácila e Giovanne preferiram o Shopping Dom Pedro. Daiane optou pelo seu local de trabalho, no Shopping Iguatemi.

Na oportunidade, os informantes receberam um termo de utilização das imagens e do conteúdo do Facebook. Após a documentação devidamente assinada, aplicamos um questionário com 11 perguntas. Foram elas:

- 1- Qual a primeira atitude que você toma ao acessar o Facebook?**
- 2- Quantas vezes por semana você acessa a Rede?**
- 3- Você costuma deixar o Facebook aberto enquanto navega em outros sites?**
- 4- Qual o seu critério para postar uma foto, vídeo, ou compartilhar uma imagem?**
- 5- Sobre a sua foto de perfil, quantas vezes mudou e qual o critério de escolha?**
- 6- Ao receber um convite de um desconhecido, qual a sua atitude?**
- 7- Quando você decide compartilhar um texto escrito por você, isso na maioria das vezes é motivado por quê?**
- 8- Quais são as pessoas com as quais você tem mais contato na rede?**
- 9- O que mais te interessa no Facebook?**
- 10- A linha do tempo é um item importante para você? Por quê?**
- 11- Como você analisa o seu perfil na internet? O que você gostaria de expressar?**

Nosso primeiro questionário foi uma incursão sobre os hábitos na utilização do Facebook. Não tínhamos um roteiro preciso sobre quais informações requerer, nem mesmo sabíamos se as perguntas eram as melhores, mas foi um passo importante para acessarmos os informantes, para além dos contatos virtuais.

Sendo assim, podemos dizer que o maior ganho em termos deste contato foi perceber as peculiaridades de cada informante e de como se portavam diante de questões simples como seu acesso à rede. Após este encontro, estávamos mais a vontade com a presença uns dos outros. Percebi que os jovens se sentiam confortáveis com a minha presença e que também dividiam comigo as particularidades de seu dia a dia, suas dúvidas e ansiedades.

Estabelecidos estes laços de respeito e confiança, continuei a acompanhá-los nas redes sociais, com enfoque no Facebook. A cada postagem, fazia anotações e guardava as fotografias, uma vez que elas poderiam ser deletadas, o que por vezes aconteceu.

Não transcrevi na íntegra as respostas de nossos informantes, levando em conta que esse poderia ser um trabalho extremamente exaustivo para nossos leitores. Oferecerei uma síntese das respostas organizadas em oito blocos. Nelas tentei capturar as informações que eram mais consistentes e que permeavam o discurso dos entrevistados. Seguem abaixo as informações extraídas das narrativas de nossos informantes.

1- Toda publicação é sempre um sistema de **causa e efeito** na medida em que os internautas são conduzidos para as interações que ocorrem em um espaço chamado atualizações, composto pelas opções: solicitação de amizade, mensagens e notificações. Quanto mais ativo na rede, mais popular ele é, pois tende a se expor mais, seja publicando, curtindo ou comentando. No entanto, a relação entre o que se publica e o impacto que sofrerá na rede, nem sempre pode ser mensurado. Por exemplo, uma postagem pode ser entendida por alguns amigos, criticada por outros e em alguns casos serem neutras. Assemelha-se à uma mesa de sinuca: na primeira tacada o jogador mira em uma bola central; no entanto, com o impacto, as demais bolas se movimentam. São destes pequenos deslocamentos que o Facebook assegura a sua existência e promove a sensação de aceitação. Esse status nutre a estima do internauta, criando uma dependência das mídias digitais.

2- Por promover a sensação de bem estar, as mídias digitais tendem a gerar **dependência**, uma vez que os internautas acessam a rede ‘todos os dias’ e, na maioria das vezes ‘o dia todo’, estando cada vez mais conectados. Além disso, as facilidades tecnológicas, a acessibilidade aos dispositivos e a internet móvel estimulam um comportamento repetitivo

de sempre checar e postar as novidades. Torna-se crescente o número de pessoas que, mesmo em uma mesa de bar com amigos, estão dispersos no celular. Em frente à tela o usuário está em uma posição confortável e segura, ele fica blindado e não necessariamente precisa tocar a realidade, pode sim, com ela, criar um ambiente harmônico com suas idealizações. O objetivo de ‘mostrar quem eu sou’ está ligado à ideia de exhibir a vida cotidiana ilustrada com imagens e legendas que sincronizem a realidade com a fantasia. Nessa mesma mesa de bar ele tira uma foto, compartilha com a legenda: ‘me divertindo muito com meus amigos’, quando na verdade está dividido entre o real e o imaginário.

3-As **emoções** são evocadas em todas as entrevistas (amizade, solidariedade, raiva, amor, etc). Há uma preocupação com o que os outros vão pensar e quais sentimentos serão despertados nos ‘amigos’. Espera-se ser engraçado, ou enviar uma indireta para os ‘contatos’ e os ‘namorados’. É sempre uma construção, um jogo, onde cada um tem a sua vez. Esse jogo faz parte da interatividade proposta pela plataforma, mas também é embasada em subjetividades. É uma construção para alguém ou para alguma situação. Quando um dos nossos informantes estava vivendo uma paixão platônica por sua melhor amiga, postava constantemente letras de musicas como: Amigo apaixonado. Percebia-se que os internautas cientes da situação teciam comentários como: ‘você ainda não se declarou?’ ou ‘está apaixonado mesmo parceiro’. Toda essa mobilização dizia respeito à solução daquele dilema, ou seja, fazer com que o casal se formasse ou que, pelo menos, a ‘melhor amiga’ fosse informada.

4-As **mudanças são abruptas**, os amores tornam-se rancores e as amizades começam e terminam. As ideologias também. Por exemplo, as duas alunas Dayane e Thácila, ao longo das entrevistas, diziam não ter o interesse de se casarem ou de se relacionarem. A questão ‘namoro’ era visto como algo futuro e incerto. No entanto, passados três meses da entrevista, Dayane publicou uma foto com um par de alianças com a legenda: ‘Para muitos é um símbolo, para mim é um sonho’. Dias antes tinha alterado o perfil de solteira para um relacionamento sério. Enquanto isso Thácila passou a expor mais o corpo e constantemente se fotografa de maneira sensual.



Mesmo a movimentação que ocorreram no segundo semestre de 2013 e que levou brasileiros de todos os estados a irem para as ruas pedindo melhorias no país, ganhou e perdeu força rapidamente. Os textos de cunho político logo surgiram e sumiram da plataforma, priorizando, novamente, as fabulações e as situações cotidianas.

5- **A foto** de perfil, geralmente autorretratos, é o mais próximo de como eles se veem, é sempre o seu melhor lado. É o mais sincero e bonito e que deve causar boa impressão. É uma foto biográfica que resume o que eles mais gostam. É a foto que ‘mostra a personalidade’ e a foto ‘perfeita’ que auxilia no ‘reconhecimento’. Para entender a importância das fotos de capa e de perfil, é necessário ressaltar que são as únicas que são visíveis para todos os usuários da rede. São fotografias de portfólio e que precisam passar uma mensagem rápida. Por isso o foco no rosto é tão importante, pois facilita o reconhecimento e atrai o interesse dos demais usuários.

Esse interesse é despertado mediante a uma boa fotografia, espontânea e relaxada. Estas duas qualidades são obtidas através de um movimento isolado do usuário, que vai até um lugar tranquilo da casa e inicia uma sequência de imagens até escolher a melhor. Eleita, a foto passará por um processo de pós-produção, onde será editada e finalmente compartilhada.

6- **A rede** de amigos é uma estrutura importante para o usuário. Nela, espera-se que os contatos sejam pelo menos confiáveis e conhecidos. Esta seleção diz respeito ao receio que os internautas sentem com relação aos Fakes, que nada mais são do que pessoas que criam perfis falsos, com várias finalidades, entre as mais comuns estão: vasculhar, monitorar e invadir a vida real e virtual do internauta. -‘Isso aqui não é o Orkut. É um perigo que eu não quero correr’.

As pessoas com as quais eles têm mais contato no Facebook são as mesmas pessoas que convivem no dia a dia (em sua maioria). Quando o usuário tem relações com pessoas de outro estado, entende-se que a maioria começou a partir de contatos anteriores ao virtual. No entanto, quando algum ideal muito forte é ferido, não pensam duas vezes antes de desfazer a amizade. – ‘Esculhambou Jesus, eu não gostei e aí... tchau’. Uma outra citação que reforça a assertiva, é ‘o que eu tinha comentado com ela, contou para todo mundo um assunto que era particular’. Em ambas as situações os usuários desfizeram sua amizade.

7- Os **momentos marcantes** da vida dos sujeitos estão atrelados a sua rede social, aos seus vínculos e desdobramentos. Quando pedi para que eles escolhessem um fato positivo e um negativo, eles se reportavam facilmente aos momentos de aceitação: sua integração a um

grupo religioso, a mudança para outro estado, ou bairro ou um passeio, sempre citando o quanto este momento ainda reflete em suas vidas. No tocante às amizades que fizeram nestas oportunidades, elas permanecem e são presentes em sua memória.

Quando falam sobre os pontos negativos de suas vidas, logo vinculam a ideia de desligamento ou ruptura. Falam sobre a morte de algum familiar, sobre ficar longe de alguém, trair a confiança, ou mesmo a transição do corpo infantil para o corpo adulto.

8- Quando **falam de si mesmos**, tendem a trabalhar com um discurso de oposição, usando adjetivos e críticas. - ‘Eu sou alegre e meio bipolar, gosto de tudo um pouco’. – ‘Às vezes sou fechada e calada, e às vezes eu surpreendo’. – ‘Sou dedicada e desligada, uma pessoa normal’. Eles acham importante falar sobre o que as pessoas querem saber e são receptivos a novos amigos, porque tendem a usar de sua simpatia para agregar mais pessoas a sua rede. Essa abertura permite-lhes ter um número maior de amigos e conhecê-los mais profundamente através de seus perfis, traçando com eles relações de afinidade, encontrando no outro um suporte para reforçar ideias em comum.

Com base nestes elementos percebemos que, para cada postagem lançada na rede, existem diferentes respostas de diferentes públicos. Embora o conteúdo seja pensado para um coletivo, não existe uma precisão em acertar apenas um alvo. Por exemplo, ao divulgar uma fotografia na rede, podemos prever que os amigos irão curtir e até mesmo elaborar um comentário. No entanto, essa mesma imagem pode ter uma repercussão inesperada, tanto de ser ignorada, quanto de se tornar extremamente popular. Comparo as incertezas das respostas ao que seria a primeira tacada em um jogo de sinuca. Ao começar o jogo, todas as bolas estão inanimadas e alinhadas em uma forma triangular. Na primeira tacada o jogador gera um atrito, um incômodo, um deslocamento e, a partir destas incursões, o jogo ganha uma dinâmica. Embora a primeira tacada seja feita, o jogador nunca saberá exatamente o comportamento de cada uma das oito bolas. No entanto o jogo se faz destas imprecisões, das respostas e dos lugares onde cada bola se posiciona. Essas incertezas instigam e viciam a relação entre os sujeitos e a plataforma.

## **B) Segunda etapa**

O novo questionário, com 18 indagações, foi construído na companhia do meu orientador. Dividimos as perguntas em temáticas, sendo elas: “A vida antes e depois do Facebook. A importância da rede para as relações socioafetivas. Ética na plataforma e critérios para postagens”. Sentimos nesta oportunidade uma postura mais crítica dos entrevistados em relação ao posicionamento deles ao abordar o tema Facebook. As falas estavam cheias de exemplos e de reflexões sobre o comportamento dos amigos na rede. Na oportunidade divagaram sobre o amadurecimento dentro e fora da plataforma, assim tivemos muito ganho com relação aos recursos que eles mobilizavam.

Nas páginas que se seguirão, apresentarei:

- 1- As cinco entrevistas (texto integral)
- 2- Síntese das entrevistas seguida de breves conclusões.

## **1- As cinco entrevistas (texto integral)**

**Anderson de Jesus Souza (01/12/2013 - 16hs -Shopping D. Pedro)**

### **1- Como você conheceu Facebook? Quem te apresentou? Você tinha qual idade? Já tinha um computador pessoal?**

No meu caso foi traumático. Só comecei a usar o Facebook porque no meu Orkut não encontrava mais os meus amigos, ninguém deixava mensagem, não encontrava ninguém no bate-papo. Só depois que alguém foi me mostrar o que era essa nova rede. Eu não lembro exatamente da pessoa que me apresentou, mas eu criei uma conta. Na época, eu já tinha um computador em casa. Desde à primeira semana que criei meu perfil não entrei mais no Orkut. Eu já estava com 15 ou 16 anos.

### **2- O que você pensou em fazer quando descobriu as possibilidades do Facebook de te colocar em contato com outras pessoas?**

Na época, eu fiz o Face pra ficar conversando e não para ficar compartilhando nada. Não era tão comum como é hoje, essa coisa de fotografar e depois já postar na rede.

Eu, também, nunca gostei de fazer qualquer coisa e publicar no Facebook. Por exemplo, tem pessoas que vão almoçar e tem que mostrar a comida para todo mundo. Eu nunca gostei disso.

A linha de raciocínio que eu uso para publicar alguma coisa é sempre a mesma, chamo a atenção para o meu Palmeiras. E, dependendo da semana e das inspirações, vou escrevendo coisas sobre os sentimentos.

*Você posta indiretas para outros usuários no Facebook?*

Sim, e, no meu caso, sempre dá certo. As pessoas entendem as indiretas e sabem que são para elas. Antes eu postava muitas coisas, se eu estava magoado ou se eu estava querendo conhecer uma menina, eu colocava lá uma indiretazinha e na maioria das vezes eu saía beneficiado.

### **3- Na época, você se lembra daquilo que fazia, fora a Internet, com a sua família e com os seus amigos? Conte-me um pouco com detalhes.**

A minha vida era mais social, eu sempre estava do lado de alguém, pelo menos dois ou três amigos. Depois do Facebook todo mundo se acomodou, ainda mais com a internet

em casa. Por exemplo, antes a gente se reunia para dar uma volta na praça. Hoje as pessoas não saem tanto. O que a gente tinha para conversar na praça, hoje podemos conversar pelo Face. Mas isso nos impossibilitou de conhecer outras pessoas, porque estamos presos só com determinados amigos, ou com os amigos de outros amigos, às vezes. Quando você esta na praça, é possível conhecer alguém que você nunca imaginou que iria aparecer, ou que passaria na sua vida.

*Você acha que as pessoas são as mesmas dentro e fora do Facebook? E você é a mesma pessoa online e offline?*

Eu acho que não, quando você não tem o contato direto com a pessoa, olho no olho, acho que tenho mais coragem para falar alguma coisa. Pessoalmente eu não falaria para as pessoas o que eu falo pela internet, porque eu sou muito tímido. O Facebook me dá coragem, quando estou lá converso com a pessoa o dia todo, já pessoalmente seria inviável – e se acabar o assunto? - Eu não saberia o que fazer.

No meu caso, no Face eu procuro amizades, às vezes uma namorada, uma menina para ficar e ter um algo a mais. Então, é preciso estar atento para não acabar me entregando para uma pessoa que eu não conheço e que pode estar tentando me enganar.

Meu Facebook mostra exatamente a pessoa que eu sou, sem nem tirar nem por. As músicas que eu posto, os pensamentos, as fotos, tudo é verdadeiro. Tudo é reflexo da minha personalidade e das coisas que eu faço. Através do perfil, é possível moldar a ideia sobre uma pessoa. Então quando você a encontra busca aqueles traços, o que nem sempre acontece. No meu caso, se a pessoa visitar meu Facebook, e for tentar mudar meu caráter ela não vai conseguir. O que eu sou lá, eu sou pessoalmente.

**4- O que você quer ser no futuro? Sempre foi assim? Você tem ainda outros sonhos pessoais? Outros sonhos profissionais? Me conte.**

No futuro eu me vejo pelo menos formado, casado, com bons amigos. Não sei ainda se morando em Campinas. Eu tenho vontade de construir a minha vida aqui, mesmo tendo poucos amigos, mesmo amando Porto Seguro, mesmo assim eu gostaria de construir a minha vida onde eu nasci.

Campinas é um lugar de oportunidades. Além disso, eu quero ser uma pessoa com uma residência fixa, criar raízes. Não quero ser como o meu pai, uma pessoa itinerante. Quero ter estabilidade, se for para ir para outro lugar, que seja para passear, não para morar.

**5- O que, no começo (de seu uso do Facebook) procurou dizer de você? Tinha algo de especialmente importante para partilhar?**

Eu criei o Facebook porque eu estava meio excluído e não encontrava mais nada nem ninguém no Orkut. Eu entrei no Facebook para conversar com o pessoal. E depois ocasionou de eu mudar da Bahia e vir morar aqui, foi um meio de comunicação para me manter próximo dos meus amigos. O meu comportamento no Orkut era diferente do meu comportamento no Facebook. Acho que no Orkut eu era muito infantil. Mas depois que eu comecei o meu perfil no Face, ele manteve a mesma linha de raciocínio.

**6- Queria ser conhecido? O que queria fazer conhecer de você? Será que você se lembra da primeira fotografia que colocou no ar? O que você “preecheu” em termos pessoais?**

Sim, eu queria ser conhecido, até porque popularidade atrai mais mulheres. Tem gente que posta muitas fotos para chamar a atenção pela aparência. Mas, no meu caso, como eu não sou bonito, eu tento ganhar pelos meus pensamentos, pelo meu caráter, pelos meus sentimentos, sendo uma pessoa educada.

Eu não me lembro da minha primeira fotografia, mas a segunda eu me lembro bem. É parecida com a que esta agora: tem uma bandeira do Palmeiras atrás, só que eu acho essa bandeira de agora bem mais bonita. As duas fotografias, fui eu mesmo que tirei.

São as mesmas informações até hoje. De vez em quando, o Face pede mais atualizações, mas, eu não atualizo. Acho que é perda de tempo. A parte de relacionamento sério eu nunca coloquei, eu sempre quis, mas nunca aconteceu.

*O que é ser um palmeirense para você?*

Eu acho que o palmeirense é diferenciado das outras torcidas. Eu converso com várias pessoas e vejo que nós temos muitas afinidades. Nós gostamos das mesmas coisas. Se nós falamos sobre política, o nosso pensamento é a mesma coisa. Então, nós postamos coisas lá (na página do time) que são as nossas ideias. Nós temos algo a mais, a maioria das pessoas que você conversa e que são de outros times não sabem conversar. Já os palmeirenses sabem conversar sobre diversos assuntos, são pessoas normalmente mais esclarecidas. Em comparação com as grandes torcidas como Corinthians e Flamengo, você

percebe uma grande diferença. Nós temos um grupo de palmeirense no Facebook. Através deles, eu conheci um monte de gente, e comecei a me inteirar sobre vários assuntos. É muito bom participar desse grupo, porque quem não é torcedor não consegue compreender o desapontamento com o time. Mas quando eu converso com outros palmeirenses, conseguimos nos entender melhor, lá todo mundo se entende.

*Quando você descobriu esse amor pelo Palmeiras?*

Eu lembro exatamente o ano, foi em 1999. Eu perguntei para o meu pai para que time ele torcia? - Ele disse Palmeiras. Naquele dia, parece que alguma coisa fechou eu me encontrei, eu pensei “sou palmeirense para o resto da minha vida, eu vou morrer palmeirense”. Eu lembro que nós íamos à festas com carreatas de carros e com bandeiras enormes. Na comemoração de 99, todo mundo pintou o rosto e os cabelos e saíram comemorando nas ruas.

Quando nos chamam de porco é um elogio, ser palmeirense é um estilo de vida. Embora o mascote do Palmeiras seja um periquito, a nação palmeirense também é chamada de ‘porco’, porque na década de 80 o nosso time não estava ganhando nada e as outras torcidas ficavam chamando a gente de porco. Nós ficamos 20 anos sem ganhar o campeonato paulista. Até que em um jogo contra o Corinthians o Viola (jogador) saiu imitando um porco no campo, zombando de nós. Isso na verdade serviu como uma motivação para eles. No outro dia nós fizemos 4 X 0 e fomos campeões.

**7- Com o decorrer do tempo, o que descobriu com Facebook? O que conseguiu dizer? O que não conseguiu ainda expressar e quais motivos?**

Eu descobri um lado meio narcisista do povo, todo mundo quer aparecer, todo mundo é o rei da beleza. Se a pessoa começa a tirar só foto do rosto e fazer bico já dá para saber que a pessoa é gorda e está tentando disfarçar. Acho que as meninas estão preocupadas em se exibir para outras meninas, então quando elas estão bonitas, bem arrumadas, elas publicam fotografias para provocar outras meninas. O homem não faz isso para aparecer para outro homem. Os homens são diferentes, gostam de tirar foto dos músculos, mas geralmente quando você conversa com esses homens percebe que eles tiram tantas fotografias do corpo porque não costumam ter nada na cabeça.

Tudo o que eu queria dizer no Facebook, eu já fiz, eu já me declarei, já quebrei a cara, mas tentei e aprendi.



**8- Você confia no Facebook ou você já desconfiou dele? Me diga.**

Eu nunca desconfiei, tem coisas que está na cara que são mentira, pessoas ostentando o que não têm, tentando tirar vantagem das pessoas, enfim, coisas desse tipo. O desafio é tentar não cair nessas armadilhas, não aceitar pessoas estranhas, ser esperto. Quando eu vejo essas meninas muito bonitas querendo me adicionar, eu sei que são fake e não aceito. Quando a esmola é demais, o santo desconfia.

**9- Você acha que todos dizem a verdade no Facebook? E você?**

Eu acho que não, existem muitas pessoas que querem mostrar o que não são, tipo esses meninos que gostam de funk de ostentação e que não têm nada. Alguns encontram um carro, ou alguma coisa boa de um amigo, vão lá e se fotografam. Tem alguns que vão na casa de alguém e se fotografam, às vezes a casa tem piscina e essa pessoa diz que é dela, quando na verdade é tudo mentira.

Eu já menti a minha idade, hoje eu não minto mais, porque as meninas mais velhas não gostam de ficar com meninos mais novos, por isso eu alterava. Mentir no Face é complicado porque sempre aparece algum indício que te denuncie, uma conversa com outra pessoa, uma marcação em uma foto, alguma coisa sempre acontece.

**10- O que de melhor você soube de você através do Facebook? O que de pior você soube de você através do Facebook?**

Eu acho que eu descobri como lidar melhor com as situações da vida, fiz amizades com meninas que por terem um lado feminino mais aguçado me deram conselhos, me ajudaram, e com isso eu aprendi a ficar menos ansioso. Na verdade eu aprendi a me controlar mais. Eu sou assim, quando uma pessoa me chama para sair, eu já quero ir hoje. Daí a pessoa fala “vamos sair semana que vem”, não, eu não quero sair semana que vem se eu posso sair hoje. Eu sou ansioso demais, mas estou melhorando.

**11- Será que, após nosso papo, tem uma ideia nova para se apresentar no Facebook? Qual será? Poderá me enviar logo sua nova página?**

Para mudar a página eu não tenho uma nova ideia de apresentação, mas eu acho que depois de conversarmos e das entrevistas, eu fiquei mais crítico, me abriu os olhos para pensar. Óbvio que nem tudo o que eu posto vai agradar todas as pessoas, mas eu sei que uma boa porcentagem vai se identificar. Eu me preocupo sim com as postagens, eu não quero ofender ou perder um amigo. Por exemplo, se eu postar uma frase no meu perfil “eu

odeio funk””, se eu tiver algum amigo que gosta, ele vai deixar de falar comigo e eu não quero isso.

**12- Qual o processo que você utiliza para realizar um autorretrato? Como escolhe o cenário, as poses e outros detalhes?**

O mais importante é que eu esteja bonito. É por isso que eu não posto tantas fotos minhas (risos). A foto tem que parecer natural, esconder alguns defeitos e, o mais importante, tem que ter uma imagem do Palmeiras.

**13- O que você deseja com essas imagens? Quais sentimentos elas despertam em você e quais os sentimentos que você acredita despertar no outro?**

Eu tento despertar uma atração no público feminino. Como eu estou solteiro e procurando uma namorada, se tiver umas três ou quatro meninas que me agradam, preciso mandar uma indireta para ver se elas se tocam.

**14- Como as imagens dialogam com a sua vida e com as suas expectativas?**

Eu não sou muito profundo com essa coisa de imagem não, mas algumas chamam bastante a minha atenção, principalmente quando está relacionada a coisas que eu gosto. Quando você vê a foto de uma ilha ou de uma mata, você sente até um relaxamento já que a gente vive nessa selva de pedra. Só não confio nessas redes de fotografia como Instagram. Lá às pessoas aplicam vários filtros para distorcerem a própria imagem. Eu não tenho e nunca pretendo ter essas coisas.

**15- Quando a sua fotografia não ganha repercussão você a mantém na página?**

Quando eu posto uma foto não tenho a intenção de receber nenhum ‘curtir’. Quando eu compartilho uma foto minha, é porque eu achei interessante. Quando chegar alguém que se identifique, ela vai curtir, vai ser legal, vou ficar feliz, mas eu não tiro uma imagem porque as outras pessoas não gostaram.

**16- Ao longo do seu perfil no Facebook você notou diferenças nas suas publicações? Quais?**

Um pouco, mas acho que a essência, que é mostrar quem eu sou de verdade continua.

**17- Todas as suas fotografias estão abertas aos amigos, ou eventualmente você restringe algumas imagens a um público específico?**

Quando são imagens que só interessam a mim e a um grupo, geralmente eu envio só para a pessoa, via chat, assim só nós teremos acesso. No entanto, 90% das minhas fotografias estão abertas para todo mundo ver, estão todas públicas. Acho que é uma bobagem você ter um Facebook e deixar restrito para algumas pessoas, não tem muita lógica não.

**18- A legenda influencia na recepção da imagem pelos seus amigos?**

A legenda tem importância sim. Se não tiver legenda, a imagem não tem conteúdo.

## **Cleyton de Oliveira Rodrigues (01/12/2013 - 19hs - Shopping Iguatemi)**

### **1- Como você conheceu Facebook? Quem te apresentou? Você tinha qual idade? Já tinha um computador pessoal?**

Eu conheci o Facebook a partir de pessoas que já tinham uma conta e me convidaram para fazer parte. Meus amigos sempre me convidavam para participar. Então eu procurei me informar melhor para me conectar. Foi interessante, porque eu nunca tive Orkut, então meu primeiro contato foi mesmo com o Face. Eu tinha 18 anos, foi na época que eu me mudei para Campinas e eu não queria abrir mão de conversar com meus amigos de Minas. Eu me lembro que na primeira semana já tinha 100 amigos. A rede se ampliou rapidamente. Nessa época, eu ainda não tinha computador, comecei a acessar mais no curso de informática e na casa de conhecidos.

### **2- O que você pensou em fazer quando descobriu as possibilidades do Facebook de te colocar em contato com outras pessoas?**

Para mim foi o primeiro meio de comunicação, eu nem tinha celular. Eu saí do sítio sem nada, então entrar no Facebook representou uma novidade muito grande. Eu queria conversar com as pessoas, adicionar cada vez mais usuários na minha página, enfim interagir com quem, nem sempre, estava perto de mim.

Só que com o tempo as minhas postagens mudaram muito. Antes eu postava qualquer coisa, até mesmo foto minha dormindo agora eu sou mais crítico. Tem fotos que antes eu postava e hoje não posto mais, pelo amadurecimento e pelo o que eu vi que as pessoas fazem com as imagens, às vezes elas importam mais para mim do que para os outros.

*Você posta 'indiretas'<sup>30</sup>, para outros usuários no Facebook?*

Bem, eu tento, depende muito se a outra pessoa vai entender. Acho que as pessoas já amadureceram tanto com o Facebook que elas já nem se importam mais com as coisas que elas leem ou veem.

---

<sup>30</sup> Entende-se como indireta as postagens que mesmo sem ter um destinatário faz referência à determinada pessoa ou situação. São insinuações sobre questões que podem ser positivas ou negativas e que visam atingir o outro de alguma maneira.

**3- Na época, você se lembra daquilo que fazia, fora a Internet, com a sua família e com os seus amigos? Conte-me um pouco com detalhes.**

Para mim a internet não mudou em nada a convivência com as pessoas, porque antes a minha convivência era fora da internet, eu morava na roça, não tinha nem telefone. Nós nos encontrávamos na cidade, na igreja ou na casa dos parentes. Sempre estávamos juntos para conversar, comer e atualizar sobre os assuntos, enquanto os mais velhos contavam as suas histórias. Era uma vida mais participativa, mais real.

*Você acha que as pessoas são as mesmas dentro e fora do Facebook? E você é a mesma pessoa online e offline?*

O Facebook dá um ar de pensar no que o outro está pensando. Assim, como você não esta vendo a pessoa você pode jogar qualquer tipo de conversa. Alguns te deixam no vazio, não te respondem, mas geralmente as pessoas respondem e a coisa fica mais fácil.

Tem pessoas que querem se divulgar, se mostrar, mas tem pessoas que estão em busca de emprego ou oferecendo uma oportunidade. No Face eu busco saber sobre o que esta acontecendo, o que os meus amigos estão pensando ou fazendo. Existem perguntas que nem precisam ser feitas, porque as informações estão lá, às vezes verdadeiras, às vezes não. As pessoas se exibem mais na rede do que pessoalmente. É uma forma de acompanhar a vida das pessoas.

O que eu quero mostrar com a minha página é dizer quem eu sou no contexto familiar e social, mostrar também meu carinho e a minha determinação. E, através do perfil, encontrar uma pessoa bacana para um relacionamento mais sério, e pelo perfil você já sabe das características, se é uma pessoa é estressada, calma ou carinhosa, até mesmo pelas fotos você consegue conhecer.

**4-O que você quer ser no futuro? Sempre foi assim? Você tem ainda outros sonhos pessoais? Outros sonhos profissionais? Me conte.**

Eu me imagino em um bom emprego, que pode ser mesmo na área de torneiro mecânico, mas em um cargo melhor, ganhando mais. Espero ter a minha família constituída. Mas o que eu espero mesmo é ser feliz e realizado com as minhas escolhas.

**5-O que, no começo (de seu uso do Facebook) procurou dizer de você? Tinha algo de especialmente importante para compartilhar?**

Sim, eu queria mostrar as mudanças que estavam acontecendo na minha vida e o lugar onde eu moro agora. Quando eu entrei no Face queria mostrar para as pessoas que eu estava ali, que eu fazia parte da sociedade. Na verdade eu queria mostrar que eu entrei na sociedade, porque antes eu tinha contato às vezes por telefone.

Quando eu fui viajar, eu também queria mostrar que eu estava fazendo algo de legal e despertar a inveja em alguém, porque querendo ou não querendo a gente faz isso.

Nas primeiras postagens eu queria mostrar um pouco de tudo, porque eu não tinha muita noção de como funcionava. Eu não tinha uma noção que se você tiver uma história no Facebook, você já conhece as pessoas e sabe quem está mentindo ou não. Antes eu acreditava muito nas pessoas e no que elas postavam. Às vezes eu conversava com alguém que não era aquela pessoa. Com o tempo eu descobria que ela era diferente. Com o tempo eu fui construindo a minha identidade dentro do Facebook. Eu percebo grandes mudanças de antes e de agora. Antes eu postava qualquer coisa, por exemplo, se eu gostei de um vídeo (não importa o que era), eu compartilhava. Hoje não, eu tenho critérios, bom senso. É sempre alguma coisa que me toque, que diz respeito ao que eu sinto de verdade. Eu tento pensar também no que as outras pessoas vão pensar. Será que eles vão gostar? Às vezes eu encontro alguma coisa legal, então eu mando diretamente para a pessoa, para ele (a) saber que eu lembrei e por isso direcionei.

**6-Querida ser conhecido? O que queria fazer conhecer de você? Será que você se lembra da primeira fotografia que colocou no ar? O que você “preencheu” em termos pessoais?**

Eu não queria ser conhecido pela mídia, mas pelos meus amigos sim. Por isso a minha preocupação sempre foi adicionar pessoas que eu já conhecia, as que eu vi ou conversei. Eu não tenho o desejo de ser popular. Se eu não tivesse o Facebook a minha popularidade seria a mesma, o Facebook só ajudou para que as pessoas me conhecessem de um modo diferente, pelo modo de pensar, de agir e de falar.

A primeira fotografia que coloquei no Facebook está lá até hoje. Eu já mudei, mas acabei voltando esta foto como perfil. Essa foto me mostra como uma pessoa alegre e que estava em um momento feliz. Embora não seja exatamente como eu estava lá, eu não uso óculos,

nem boné, mas foi um momento feliz e foi isso. É uma foto que me serve de lembrança. Eu estava viajando com meu primo, estava com meu computador novo, um notebook, e eu estava na rodoviária esperando o ônibus para vir de Minas para Campinas. Então essa foto serve de lembrança e toda vez que eu olho me lembro de um momento bom. Também me lembra da confiança que os meus tios depositaram em mim. Eles pediram para que eu trouxesse a minha priminha de três anos para visitar os tios, eles me passaram uma documentação e me disseram para tomar muito cuidado, levar e trazer em segurança. Quando estávamos voltando, esse meu primo me emprestou os óculos e daí fizemos essa foto.

Na maioria das fotos, eu estou com crianças. Acho que se eu pudesse, eu teria uns 10 filhos. Eu ainda não sou pai, mas tenho muita vontade de ser, acho que eu tenho esse lado paterno muito aguçado. Acho também que a fotografia mostra a saudade que eu sinto do meu pai, porque ele foi um espelho para mim. Apesar dele não ter vivido muito comigo, o que ele deixou de ensinamento levarei para a vida inteira. Às vezes, você pode pensar “o que eu falo para uma criança de 3 ou 4 anos não importa”, mas pode ser a palavra mais bonita que ela já ouviu na vida. Nesse ponto acho que meu pai deixou esse ensinamento de ser verdadeiro com as pessoas independente de quem seja. Isso eu vou levar para a vida inteira. Sobre os meus dados no Facebook eu só adicionei a escolaridade, porque a minha escola não aparecia na plataforma. Depois ela não só apareceu como também tem a foto e a localização, no mais, tudo permanece igual. Na descrição eu tenho uma frase, que agora eu não me lembro. É sobre filosofia, mas eu não sou filósofo.

**7-Com o decorrer do tempo, o que descobriu com Facebook? O que conseguiu dizer? O que não conseguiu ainda expressar e quais motivos?**

Eu descobri que as pessoas mentem, mas também me descobri. Experimentei sensações que eu não teria sentido se não fosse pelo Face. Por exemplo, se eu chamo uma pessoa no chat e ela não me responde, eu já fico chateado. Vou lá e pergunto mesmo por que ela não quer falar comigo, se eu fiz alguma coisa. Eu tento entender a situação.

Eu consegui expressar gratidão. Tem coisas que a gente não tem oportunidade de dizer, então por lá várias vezes eu pude agradecer, pela amizade, por um favor. Acho que isso me amadureceu. O Face me ajudou a ser melhor dentro e fora da plataforma, me ajudou a ser menos tímido com as pessoas e mais dinâmico na vida.

Eu ainda não consegui me declarar para a menina que eu gosto. Não consegui dizer coisas para os meus amigos. Às vezes pela internet a gente conquista uma amizade verdadeira e deveria reconhecer mais isso, dizer mais para as pessoas o que sentimos. Sinto falta, às vezes me contendo para não ficar parecendo um chato. O Face permite aproximar pensamentos e não corpos.

#### **8- Você confia no Facebook ou você já desconfiou dele? Me diga**

Várias vezes eu já pensei em excluir o Facebook, eu desconfio dele sim, mas tem coisas que são verdadeiras. Eu tenho um amigo que estava tentando ajudar uma criança que estava internada no Hospital das Clínicas, pedindo doação e oração. Então como eu conheço a pessoa, eu sei que a situação é verdadeira. Agora se eu não conhecesse eu ignoraria como muitos usuários fazem.

Eu já duvidei muito sobre postagens e no porquê as pessoas compartilham informações falsas. Uma vez, eu vi um post sobre uma menina que foi sequestrada, era mentira. Eu tenho que ficar atento antes de publicar ou compartilhar coisas desse tipo.

#### **9- Você acha que todos dizem a verdade no Facebook? E você?**

Sim, as pessoas mentem. Eu tenho um primo, muito gente boa, mas no Face ele posta várias coisas sobre Rock, quando na verdade ele nem curte esse estilo, nem as músicas, nem nada disso. Mas no Face ele é o maior roqueiro. Ele faz isso para chamar a atenção para se exibir para as meninas na escola, ele curte as meninas, mas não o rock.

Eu não me lembro de ter mentido, mas se algum dia eu fiz isso, foi por algum motivo muito banal, sem pensar. Uma vez eu estava em casa e falei que estava em outro lugar.

#### **10- O que de melhor você soube de você através de Facebook? O que de pior você soube de você através de Facebook?**

Acho que o ponto positivo foi ver a minha sinceridade, ser verdadeiro com tudo e com todos na rede e o pior (esse é difícil de falar, né. É mais fácil falar dos outros). Teve um aplicativo que dizia com quem a gente conversava mais no Face, e apareceram muito mais homens do que mulheres. Eu fui muito criticado por conversar mais com os homens do que com as mulheres. Acho que eu descobri um machismo muito forte entre os meus contatos.



**11-Será que, após nosso papo, tem uma ideia nova para se apresentar no Facebook? Qual será? Poderá me enviar logo sua nova página?**

Depois da nossa conversa eu comecei a repensar se eu preciso mesmo do Facebook. Existem tantas outras redes sociais. Eu mesmo uso muito o whatsApp, é pelo celular, é divertido. No entanto o Face ainda é uma forma de saber o que está acontecendo, as fofocas da vida real.

**12- Qual o processo que você utiliza para realizar um autorretrato? Como escolhe o cenário, as poses e outros detalhes?**

Eu não escolho o cenário. Na verdade, é como se o cenário me escolhesse. Se eu estou feliz, independentemente do lugar eu vou postar. Se, no fundo da imagem, tiver um muro ou um buraco eu não vou me importar. O que importa é o que eu estou passando naquele momento.

**13- O que você deseja com essas imagens? Quais sentimentos elas despertam em você e quais os sentimentos que você acredita despertar no outro?**

A última foto que eu postei foi de um lagarto. Aqui eu nunca tinha visto um daquele jeito. Então eu procuro postar coisas que também desperte a curiosidade. Para mim, ninguém precisaria ‘curtir’, só de verem uma coisa nova, acho bacana. Eu postei uma legenda que diz um pouco do que eu estava sentindo, era assim: “Adorei ver esse réptil tentando se esconder de nós homens que destruimos o seu habitat natural”. O lagarto estava lá, no meio da cidade e tinha um pouquinho de mato ali. Ele estava tentando sobreviver, e nós tomamos o habitat natural dele.

*E o seu habitat está sendo invadido?*

Também, ele está sendo controlado, hoje tudo o que eu faço é na rédea. Eu estou tão acostumado com essa prisão que eu já nem me importo mais. Um passarinho preso numa gaiola com o tempo, também se acostuma e acha que aquilo ali é o espaço dele e se soltar ele morre. Acho que comigo é a mesma coisa: se eu voltar para a minha liberdade, eu vou me sentir perdido demais. Essa rédea de trabalho, casa, estudo, vida social e família é o que me prende hoje.

**14- Como as imagens dialogam com a sua vida e com as suas expectativas?**

Uma imagem diz o que uma pessoa verdadeiramente está buscando. A minha prima postou uma foto do chá de bebê dela, com a esperança de que a criança seja muito feliz, e

também para mostrar para seu filho depois de 10 anos, e dizer algo como “nossa, você foi tudo para mim, agora espero que você retribua isso”. Acho que uma imagem dá um incentivo para uma pessoa, para ter dias melhores, ter uma visão de futuro. Antes mesmo da criança nascer os pais já criam um Facebook. Eu só acho que uma foto é o espelho da alma. Minha foto é o meu espelho.

**15- Quando a sua fotografia não ganha repercussão você a mantém na página?**

Tem fotos que não tem sentido ficar lá (como perfil). Eu deixei alguns dias para a minha família e os meus tios verem meu priminho. Depois de um tempo, coloquei uma foto só minha, mas o meu carinho por ele continua. Eu a substituí só para movimentar a rede. E sabe de uma coisa? Para o homem é muito diferente, nossas fotos geralmente não têm muita curtidão mesmo. Agora as mulheres são diferentes. Elas têm mais popularidade mesmo.

**16- Ao longo do seu perfil no Facebook você notou diferenças nas suas publicações? Quais?**

Sim, eu tenho tentado pensar antes de publicar alguma coisa. Antes eu postava tudo, às vezes eu nem concordava, com aquelas correntes para salvar pessoas, mas compartilhava. Hoje estou mais atento com a minha imagem.

**17- Todas as suas fotografias estão abertas aos amigos, ou eventualmente você restringe algumas imagens a um público específico?**

Não, eu compartilho só com meus amigos. Quando eu descobri que, algumas empresas acessam o perfil dos funcionários, eu comecei a me preocupar mais com o que os outros pensariam de mim. Acho que a minha página pode influenciar quem não me conhece, de maneira positiva ou não. Por isso eu compartilho apenas com amigos.

**18- A legenda influencia na recepção da imagem aos seus amigos?**

Se for uma menina, eu só me interesso pela foto, eu não me preocupo com a legenda, ou com o pensamento dela. Se estiver bonita, eu escrevo um ‘linda’ em baixo da foto e pronto.

## **Daiane Constantino dos Reis (10/12/2013 - 10hs -Shopping Iguatemi)**

### **1- Como você conheceu o Facebook? Quem te apresentou? Você tinha qual idade? Já tinha um computador pessoal?**

Eu conheci fuçando na internet, sozinha, eu tinha uns 16 anos. Eu já tinha computador em casa, eu já fazia curso de informática nessa época, mas eu frequentei muitas lanhouses também. Nosso grupo de amigos era conhecido como 'ganância'. Era eu, o Erik e a Karina, nós éramos muito rato de lanhouse, o dinheiro que nós tínhamos gastávamos todo lá. Na época, as redes mais usadas eram: meadd, flogão e myspace. O meadd eu ainda tenho. Eu acesso de vez em quando para dar risada. Eu vejo que eu sou totalmente diferente. Me vejo hoje mais mulher, não sou mais aquela menininha lá, que postava muita coisa sem sentido. No meadd o que conta são os números de visitas. Quanto mais visitas, mais popular. Eu acho isso muita carência. A pessoa tem muita necessidade de se exibir, o que deixa a pessoa muito metida.

Era muito difícil naquela época achar a minha identidade porque cada um quer que a gente seja de um jeito e eu, quando eu vou ser 'eu'? Posso ter meu espaço? Acho que é por isso que hoje as pessoas me acham chata, porque eu não aceito qualquer coisa. Se eu não gosto de uma coisa eu falo.

Eu postei fotos das minhas tatuagens, exceto a última. Agora eu tenho outra tatuagem: é um filtro de sonhos, é um símbolo indígena de uma tribo norte americana. Os hippies também usam muito, é uma coisa que atrai energias boas. Dizem que ele tem que ficar exposto onde os primeiros raios de sol passem pelas teias. Eu já coloquei no corpo que é para atrair energia boa logo de vez. Você sabe, as pessoas têm muita maldade, muito coração de pedra.

### **2- O que você pensou em fazer quando descobriu as possibilidades do Facebook de te colocar em contato com outras pessoas?**

Foi procurar as pessoas que eu não encontrava no Orkut porque, ô lugar difícil de achar as pessoas era esse Orkut! As pessoas colocavam símbolos (flor, coração, borboleta, etc.) antes ou depois dos nomes.

Hoje a minha cunhada até postou uma frase que eu achei legal. Era algo mais ou menos assim: 'você tem um monte de redes sociais e compartilha a mesma coisa em todas elas

#quevidadivertida'. Eu concordei com ela. Você tem tantas coisas para publicar, posta um pouco em cada lugar. Quase sempre são os mesmos amigos que estão em todas as redes. A maioria das pessoas que, eu tenho no Instagram eu tenho no Facebook.

**3- Na época, você se lembra daquilo que fazia, fora a Internet, com a sua família e com os seus amigos? Conte-me um pouco com detalhes.**

Eu ficava muito na rua. Ficava na casa da minha amiga, nós ficávamos no fundo da casa da minha amiga brincando de cientista. Ficávamos na rua jogando vôlei, essas coisas. Faz muito tempo, eu tinha uns 10 anos, isso foi até eu entrar no mundo virtual.

Eu não sou muito família. Eu sou muito ligada à minha mãe, mas, até dela eu me distanciei. A gente vai crescendo e vai querendo ter o próprio espaço e acaba deixando a mãe de lado, não radicalmente, mas eu penso: 'por que a minha mãe tem que saber das minhas coisas?' Se ela souber de alguma coisa vai ficar falando na minha cabeça o dia inteiro, acho que tem muita coisa desnecessária de se dizer. Eu estou morando ao lado da casa da minha mãe, com a minha irmã, meu sobrinho e o pai da minha amiga. Ele nos convidou para morar com ele, pois ele quase não ficava em casa, além disso, ele estava sozinho e abandonado. Na época que nos mudamos, houve uma discussão na família e nós decidimos que era melhor mudar. Agora meus pais, meu irmão e outra irmã estão vivendo juntos.

**4- O que você quer ser no futuro? Sempre foi assim? Você tem ainda outros sonhos pessoais? Outros sonhos profissionais? Me conte.**

A gente sempre quer mais. Na verdade, a minha maior realização será na vida profissional. Eu estou muito feliz no meu relacionamento, mas ainda não é isso. A minha realização profissional seria um intercâmbio, isso mudaria a minha vida, só que não existe essa possibilidade entre as lojas, embora seja uma multinacional (Starbucks Coffee). Eu poderia sair daqui e ir para qualquer país trabalhar, mas essa troca as lojas não fazem. Se eu tivesse capital financeiro com certeza eu iria.

Eu preciso me decidir. Eu estou com 22 anos e ainda não decidi o que eu quero fazer. Eu estou fazendo um curso de inglês agora, então vamos ver se abre um caminho, uma porta nessa minha cabeça. O problema das minhas dúvidas é que eu gosto de tudo um pouco. Na verdade, eu quero fazer uma coisa que eu vou levar para a minha vida inteira. Eu

quero me aposentar e pensar: “Nossa! Eu me dediquei a minha vida fazendo o que eu gostava”, e poder contar a minha história.

Eu gostaria de ver a minha família bem. As minhas irmãs, por exemplo, tem sonhos bem diferentes dos meus. A mais velha quer trabalhar em um laboratório químico e ter a casa dela, isso para ela já seria um sonho realizado. A minha outra irmã ainda está naquele comodismo dos pais. Eu não sei se ela conseguiria se sobressair sem meus pais. Ela já teve a oportunidade de ter todas as coisas que eu e minha irmã queremos, mas ela não soube aproveitar, então a gente fala que deve ser pelo comodismo.

**5-O que, no começo (de seu uso do Facebook) procurou dizer de você? Tinha algo de especialmente importante para partilhar?**

Eu me lembro que no começo eu escrevi aquele ‘quem sou eu’. Eu apaguei e agora só tem uma carinha. Foi uma coisa bem idiota, porque, em linhas gerais, eu era uma pessoa muito chata. Depois eu pensei: ‘Para que eu vou deixar esse texto no Face? As pessoas já sabem, eu não preciso escrever’.

**6-Querida ser conhecido? O que queria fazer conhecer de você? Será que você se lembra da primeira fotografia que colocou no ar? O que você “preencheu” em termos pessoais?**

Não, eu nunca gostei de ser o centro, de ser popular, na verdade eu nunca fui. Então eu me acostumei com a vida secundária. Eu queria que as pessoas conhecessem os meus gostos por músicas, que são as coisas que eu mais posto. Os lugares que eu vou. Coisas muito pessoais mesmo, eu não ando postando. Eu não fico postando o que é óbvio.

A primeira foto que eu postei foi tirada a caminho de um pagode e estava muito frio. Era mês de copa e eu estava com as unhas verde e amarela, você não queira saber como estava o fundo daquela foto. É que na verdade eu super editei para não ficar aparecendo. O fundo era a minha cama super bagunçada porque nós estávamos nos arrumando para sair e colocando as roupas em cima da cama. Passei lápis nos olhos, um blush, arrumei o cabelo... Eu não entendo porque eu peguei esse trauma de maquiagem. Eu acho que eu só descobri que não era eu. Para ser eu, não precisava ficar daquele jeito. Agora eu sou eu de cara limpa.

Eu sempre vou no ‘sobre’ na página para saber o que a pessoa pensa, do que gosta, na verdade é uma forma de preconceito isso, sabia?! Porque você nem dá a oportunidade de

conhecer a pessoa. Agora tem aquela opção de marcar os familiares. Então é mais uma forma de ir selecionando as pessoas que você quer se relacionar. Os graus de parentesco eu não marco, só mesmo se uma pessoa marcar, mas por minha iniciativa mesmo, não.

**7-Com o decorrer do tempo, o que descobriu com Facebook? O que conseguiu dizer? O que não conseguiu ainda expressar e quais motivos?**

Eu descobri que eu sou mais estranha do que eu imaginava. Quando eu vou na minha linha do tempo, eu acho muito esquisito. Uma grande oscilação de humor, um dia eu estou muito irritada e, no outro dia, eu estou esbanjando felicidade, e no outro dia eu estou neutra, outros dias eu estou nas trevas mesmo. É muito estranho para quem vê de fora, eu acho.

Acho que eu nunca consegui dizer tudo, acho que nem pode também. Essas coisas podem dar até processo, danos morais e até físicos (risos).

**8- Você confia no Facebook ou você já desconfiou dele? Me diga**

Não, porque sempre tem alguém que sabe tudo o que a gente posta. Tem aquela espionagem americana e a gente pode ficar exposta em qualquer parte do mundo. Com relação à outras pessoas, eu nunca desconfiei. Eu fico com um pé atrás, confio desconfiando.

**9-Você acha que todos dizem a verdade no Facebook? E você?**

Nem sempre, porque se você for falar a verdade para as pessoas elas vão querer ir a fundo e saber toda a verdade. Nem sempre podemos ser verdadeiros. Às vezes você está super feliz, mas sabe que, depois dessa postagem, virá um caminhão de perguntas. Eu procuro dizer a verdade, mas a verdade dói. Às vezes é preciso parar e pensar um pouco.

**10- O que de melhor você soube de você através de Facebook? O que de pior você soube de você através de Facebook?**

Eu descobri que eu sou muito mais intelectual do que eu imaginava, eu comecei a pesquisar muito mais e se alguém escreve alguma coisa, eu já vou atrás para perguntar e saber o que é.

De pior, eu acho que eu posso ser mais explosiva do que eu sou. Às vezes eu vejo algumas coisas eu quero escrever, eu até escrevo às vezes, mas não mando, tudo você tem que pensar, tem um público que vai ver.

**11-Será que, após nosso papo, tem uma ideia nova para se apresentar no Facebook? Qual será? Poderá me enviar logo sua nova página?**

Depois que começamos a conversar, mudaram muitas coisas. Eu parei de postar as coisas do cotidiano, vai que tem algum doido atrás de mim. Hoje eu posto coisas mais interessantes. Estou tentando viver mais o real.

**12- Qual o processo que você utiliza para realizar um autorretrato? Como escolhe o cenário, as poses e outros detalhes?**

Ultimamente, eu penso no que as pessoas vão comentar antes de postar uma foto. Na verdade agora eu faço um estudo antes de postar. Faz mais de um mês que eu não posto foto nenhuma. É preciso pensar no fundo e em todos os espaços. Não dá para postar uma foto com uma máquina de lavar roupa e um monte de calcinhas em cima. Eu penso no cenário, no cabelo, pelo menos uma chapinha, está ótimo. Não precisa nem estar penteado, ninguém vai vir conferir. Às vezes eu tiro algumas fotos com o cabelo natural, fica estranho, mas eu tiro.

**13- O que você deseja com essas imagens? Quais sentimentos elas despertam em você e quais os sentimentos que você acredita despertar no outro?**

Eu quero passar alguma coisa, tanto que a legenda diz muito. As pessoas mais próximas vão curtir. Aqueles que a gente tem mais contato, assim como você, meus primos e algumas amigas, as pessoas do meu círculo de amizades.

Às vezes eu uso o Facebook para desabafar. Uma vez eu fiz um post bem grande sobre as meninas que usam muita maquiagem<sup>31</sup>. Eu tinha acabado de sair do banho, fui no espelho e tirei uma foto e postei. Naquele momento, eu fiz uma reflexão, mas geralmente eu não faço isso, eu só posto uma foto porque eu quero postar mesmo. Afinal, é um espaço para se postar fotos.

Eu tenho algumas fotos que tem um fundo muito fosco, muito triste, sei lá. Acho que tem um pouco de solidão em mim. Às vezes nós estamos em meio a tantas pessoas, mas parece que ainda falta alguma coisa ou alguém.

**14- Como as imagens dialogam com a sua vida e com as suas expectativas?**

---

<sup>31</sup> Prefiro ser natural, à ser uma boneca da sociedade hipócrita em que vivo. O fato de não usar maquiagem não me torna menos mulher, não me torna menos bonita, quem gosta de verdade, gosta pelo que a pessoa é e não pela quantidade de corretivo que passa em suas olheiras .. Não gosto dos padrões de beleza que eles nos impõe .. Sou assim porque quero [!#NOMAKEUP](#)

Tem fotos que eu estou com muita cara de enterro e tem outras que parece que eu estou esbanjando de tanta alegria. Eu tenho algumas fotos bem antigas que eu ainda tenho postadas no Facebook. Eu não tinha critérios para postar as fotos, hoje eu não tenho tempo. Nós transparecemos mais alegria naquela época porque nós não tínhamos preocupação com nada.

**15- Quando a sua fotografia não ganha repercussão você a mantém na página?**

Sim, eu tiro as fotografias para mim, pelo momento que eu estou vivendo. Eu até penso no que as pessoas vão comentar, mas se eu gostei da foto ela fica lá. As pessoas gostam de status, eu não sou assim. Na minha página as maiorias das coisas estão bloqueadas, porque eu não gosto dessas superexposições. Eu mesma já deixei de publicar muitas coisas pelo medo de ficar muito vulnerável. Às vezes eu quero compartilhar muitas coisas, mas eu acabo pensando mais um pouco se vale a pena. Algumas pessoas nem me conhecem. Eu vou ficar falando da minha vida para eles? Não! Algumas coisas são desnecessárias.

**16- Ao longo do seu perfil no Facebook você notou diferenças nas suas publicações? Quais?**

Fui dar uma olhada esses dias e pensei: ‘misericórdia’, eu me tornei bem madura. Eu tenho o Face há muito tempo, mas só comecei a postar em 2010. Mudou muita coisa, agora eu estou meio filósofa.

Eu gosto de publicar coisas que estão presentes no meu dia a dia, a última foi uma degustação. O meu trabalho é um refúgio para mim, eu gosto de fazer a degustação com os meus colegas de trabalho. Quando chegam produtos novos nós fazemos um momento de confraternização.

**17-Todas as suas fotografias estão abertas aos amigos, ou eventualmente você restringe algumas imagens a um público específico?**

Não, tenho um álbum que está bloqueado para todo mundo porque as fotos estão muito escuras e os fundos muito bagunçados, são fotos do Paraná. Eu ainda vou editar, assim que eu tiver um tempo. Daí eu mostro para os meus amigos. O problema é que quando eu sou marcada na foto de alguns amigos, outras pessoas têm acesso à elas, daí eu me pergunto, ‘o que adianta ficar bloqueando essas fotos?’.

**18- A legenda influencia na recepção da imagem aos seus amigos?**



Com certeza, totalmente. A pessoa posta uma foto com um short curto e coloca a legenda: ‘O Senhor é meu pastor e nada me faltará’. A pessoa passa dia e noite na balada, chega um dia, do nada, e ela posta: ‘O culto ontem foi maravilhoso’. A foto diz uma coisa a legenda diz outra, e a realidade é ainda uma terceira coisa. Eu, quando estou com preguiça de escrever, coloco só uma carinha (emoticon). Por ali já dá para perceber que o meu humor está bom (risos). Quando meu humor está ruim eu nem entro no Facebook para não me chatear. Nem sempre eu faço uma boa legenda. Eu geralmente posto frases feitas, coisas que eu já vi e achei interessante.

### **Giovanne Aleksander Vicente (26/11/2013- 14hs\_ Shopping Iguatemi)**

*Giovanne, antes de começar a nossa entrevista propriamente dita, gostaria que você falasse mais sobre esse seu apelido (Fow Lkz). Como ele surgiu e o que quer dizer?*

Eu inventei esse nome quando jogava em uma lanhouse. Quando me cadastrei era preciso criar um nickname. Eu não copieei de nada, na verdade foi bem aleatório e até hoje meus amigos só me chamam pelo apelido. Fow Lkz, escrito com outras letras é essa máscara aqui (apontou para uma máscara na própria camiseta<sup>32</sup>). Quando eu criei esse nome, eu nem conhecia essa máscara, depois que eu percebi a semelhança, depois de assistir o filme V de vingança. O filme conta a história do homem que usa essa máscara e que se revolta contra o governo. Ele faz vários ataques a pessoas do governo até que, no final, ele se mata se explodindo com o parlamento. Eu não sei contar direito porque eu só vi a metade.

---

<sup>32</sup> Essa aqui é a máscara de Guy Fawkes. Guido Fawkes ficou conhecido por Conspiração da Pólvora, que planejava explodir o Parlamento durante um discurso do rei James I. “Em 2006, V de Vingança foi adaptado para o cinema. Dois anos depois, o movimento hacker Anonymous adotou a máscara para protestar contra a Igreja da Cientologia nos Estados Unidos. O acessório se tornou um símbolo de 2011, quando foi visto em protestos por todo o mundo, como nos movimentos Occupy. Mesmo sendo um ícone anticorporações, a venda da máscara dá dinheiro a uma grande empresa. A Time Warner detém seus direitos autorais”. Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/mascara-guy-fawkes-680697.shtml>. Acesso em 29 novembro 2013.

**1- Como você conheceu Facebook? Quem te apresentou? Você tinha qual idade? Já tinha um computador pessoal?**

Por amigos, na lanhou-se. Eu tinha 14 ou 15 anos<sup>33</sup>. Na época eu também tinha o Orkut, mas como todo mundo estava migrando para o Face e eu estava recebendo muitas notificações, acabei saindo o Orkut e ficando só no Face. Na época eu não tinha um computador, usava mesmo na lanhouse.

**2- O que você pensou em fazer quando descobriu as possibilidades do Facebook de te colocar em contato com outras pessoas?**

A primeira coisa foi adicionar todo mundo que eu conhecia no Orkut. Só troquei as pessoas de lugar. Eu não me lembro das minhas primeiras postagens, porque esse é o meu segundo Facebook. O meu primeiro perfil eu desativei porque estava com vírus e eu não conseguia fazer nada direito. Esse meu Facebook tem dois anos e eu nunca mais reativei o anterior por esses problemas que eu falei.

**3- Na época, você se lembra daquilo que fazia, fora a Internet, com a sua família e com os seus amigos? Conte-me um pouco com detalhes.**

Eu ficava na rua conversando com os meus amigos, jogava bola e ia para a escola. A relação com a minha família era boa. Minha mãe morava comigo, menos o meu pai, nós estávamos morando com o meu avô e tudo estava bem.

**4-O que você quer ser no futuro? Sempre foi assim? Você tem ainda outros sonhos pessoais? Outros sonhos profissionais? Me conte.**

Profissionalmente eu quero ser designer gráfico. Eu sempre quis exercer essa profissão. Meu sonho é ter meu Mac Pro<sup>34</sup> em casa para desenvolver minhas atividades profissionais. Eu acho esse computador bem melhor para trabalhar com design e para jogar também. Tendo um Mac em casa eu posso trabalhar com jogos e possa usa-lo para fazer outros tipos de trabalhos gráficos. Com a minha máquina, atualmente eu só jogo.

**5-O que, no começo (de seu uso do Facebook) procurou dizer de você? Tinha algo de especialmente importante para compartilhar?**

Eu não me lembro... Eu conversava, postava notícias de jogos e tecnologias.

---

<sup>33</sup>O informante tem 19 anos

<sup>34</sup> O MacBook Pro é uma linha de computadores portáteis Macintosh da Apple Inc. para o mercado de usuários profissionais e avançados. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/MacBook\\_Pro](http://pt.wikipedia.org/wiki/MacBook_Pro). Acesso em 29 novembro 2013.

**6-Queria ser conhecido? O que queria fazer conhecer de você? Será que você se lembra da primeira fotografia que colocou no ar? O que você “preencheu” em termos pessoais?**

Eu não quero ser muito conhecido, porque ficar conhecido tem muitos problemas. Ficam muitas pessoas atrás de você, fica aquela confusão toda, então não me interessa. Hoje eu tenho uma quantidade de amigos que considero suficiente (74 amigos). Eu tenho poucos, mas eu considero muitos. Com alguns eu falo muito, com outros menos. A maioria das pessoas para falarem sobre jogos ou sobre tecnologia. Agora essa parte de relacionamento eu falo com poucas pessoas, na verdade só com você (Gisleine) e com a Vick (uma ex. colega do curso de informática). Eu me preocupo em falar com meninos sobre os meus sentimentos porque eles acham que essas coisas são passageiras e eu não sei se são passageiras mesmo.

A primeira fotografia que eu coloquei no perfil do Face foi com uma camiseta do slipknot<sup>35</sup>. Era uma foto em preto e branco que é um tipo de imagem que eu gosto.

Eu não sei o que eu quero que as pessoas saibam sobre mim, na verdade eu só posto informações sobre jogos ou filmes que assisti. Eu postei algumas frases, era uma indireta para uma menina que eu estava gostando, ela até chegou a me perguntar se aquelas frases eram para ela e eu disse que sim. Depois ela não tocou mais no assunto, mas as frases continuam lá. E também essa menina mal usa Facebook ela prefere o tumblr que é um blog.

Essa menina que eu estava gostando é aficionada por jogos também, mas ela trabalha. Por isso não passa tanto tempo jogando (ela trabalha vendendo roupas Jeans). Ela joga muito o Grand Chase, um tipo de jogo de aventura, tem algumas coisas que são pagas e ela investe muito nesse jogo. O que eu jogo é o P.S. um jogo de tiros, eu sempre gostei desse tipo de jogo. Nele é possível jogar com outras pessoas ou com a máquina; é online e gratuito. A única coisa que muda é o cenário, o que eu mais uso é um hangar onde tem vários containers. Ele conta com 3 avatares que você não pode personalizar (na versão paga é possível), são eles: fuzileiro, médico e engenheiro. Eu geralmente uso o fuzileiro, porque

---

<sup>35</sup> No final dos anos 90, após nove moradores da cidade de Des Moines, capital do estado de Iowa, se encontrarem, surge a banda Slipknot. As letras da banda sempre foram niilistas, sombrias, raivosas e melancólicas, o que caiu como uma luva no mercado musical da época. Disponível em <http://slipknotbr.com/banda-2/biografia/>. Acesso em 29 novembro 2013.

ele pode pegar mais balas. O médico usa a 12, pode matar e reviver as pessoas e o engenheiro pode consertar os coletes dos outros usuários.

A maioria das pessoas que estão envolvidas com animes<sup>36</sup>, que são eventos que eu gosto e participo, também jogam. Na próxima semana eu vou no evento Anima Campinas Fest<sup>37</sup> que é um evento de anime onde eu encontro boa parte das pessoas que jogam comigo. Eu nunca vou fantasiado para este evento, porque eu não tenho dinheiro suficiente para bancar a minha roupa e a que eu gosto seria muito cara. Eu queria me vestir de Ghost Call of Duty<sup>38</sup>, ele usa uma máscara de caveira no rosto e usa óculos. Eu só vi uma pessoa, uma vez, usando essa fantasia, e foi no Anima Fest do ano passado. Eu gosto muito desse personagem e desse jogo, não que eu me identifique, eu só acho legal.

### **7-Com o decorrer do tempo, o que descobriu com Facebook? O que conseguiu dizer? O que não conseguiu ainda expressar e quais motivos?**

Com o Facebook eu me aperfeiçoei em coisas que eu gosto, como por exemplo, no Photoshop. Tem um rapaz que eu sigo no Facebook, ele posta vídeos de tutoriais e eu assisto e tento fazer igual.

Eu não consegui expressar no Facebook quem sou eu de verdade, pelo meu perfil e apelido. O Giovanne e o Fow Lkz não são a mesma pessoa. No Face eu sei conversar mais com as pessoas. Já frente a frente eu não consigo, eu não sei o que falar, eu sou muito tímido. Geralmente eu falo com três ou quatro pessoas ao mesmo tempo.

Eu não sei dizer quem eu sou, não conheço meus defeitos nem as minhas qualidades. Eu gosto de computadores e é só.

### **8- Você confia no Facebook ou você já desconfiou dele? Me diga.**

Não, pelos vírus. Eu não disponibilizo informações, nem fotografias para o público, tem informações pessoais que nem mesmo os meus amigos sabem. A maioria das pessoas

---

<sup>36</sup> Animes é qualquer animação ou desenho produzido no Japão.

<sup>37</sup> Anima Campinas Fest é um festival de animação, quadrinhos, games e cultura pop jovem realizado em Campinas desde o ano de 2010. Organizado dentro do Liceu Salesiano, o evento traz para os visitantes diversas atrações, realizadas simultaneamente, tais como palestras com dubladores e profissionais da área, shows e apresentações musicais, oficinas de desenho, concursos de vídeo-games, atividades lúdicas. Disponível em: <http://www.campinasanimefest.com.br/oevento.html>. Acesso em 29 de novembro 2013.

<sup>38</sup> Call of Duty: Ghosts é um videogame de tiro em primeira pessoa. É o décimo jogo da série Call of Duty e foi produzido pela Infinity Ward. Ghosts foi lançado para a PlayStation 3, Xbox 360, Wii U 2 e Microsoft Windows em 5 de Novembro de 2013. Decorre numa cronologia alternativa e segue os eventos de uma destruição nuclear do Médio Oriente. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Call\\_of\\_Duty:\\_Ghosts](http://pt.wikipedia.org/wiki/Call_of_Duty:_Ghosts). Acesso em 29 de novembro 2013

que estão no meu Face, são pessoas que convivem comigo ou que eu conheço pessoalmente. Atualmente tenho três ou quatro pessoas que eu não conheço, então eles têm limitações para acessar as minhas publicações. Eles só veem a minha foto de perfil e de linha do tempo; os demais álbuns estão bloqueados. Eu não tenho medo de que a minha conta seja invadida, ou a página ser hackeada, não acho que os meus arquivos comprometam a minha vida.

#### **9-Você acha que todos dizem a verdade no Facebook? E você?**

Não, porque no Face a pessoa fala uma coisa e pessoalmente é outra. Eu também não sou muito sincero, eu sempre estou falando sobre jogos e tecnologias, mas acho que eu sou mais coisas, enfim, eu sou muito complicado.

*Eu ouço que você fala muitas coisas e quando eu olho seu perfil não consigo fazer relações com o que você me diz. Você fala sobre jogos, no entanto o que eu mais vejo são frases sentimentais expressando saudade e revolta...*

Essas coisas a gente deixa em off, tem frases que eu posto por compartilhar da ideia, outras vezes eu estou no tédio e posto por postar.

#### **10- O que de melhor você soube de você através de Facebook? O que de pior você soube de você através de Facebook?**

O Facebook não me ajudou e nem me atrapalhou em nada, não que eu me lembre. Nem de melhor, nem de pior, não me ajuda em nada na verdade.

#### **11-Será que, após nosso papo, tem uma ideia nova para se apresentar no Facebook? Qual será? Poderá me enviar logo sua nova página?**

Não, acho que a eles deveriam parar com as modificações, pois toda vez que a gente acha que aprendeu a usar eles alteram as ferramentas e os layouts. Eu não gosto disso.

#### **12) Qual o processo que você utiliza para realizar um autorretrato? Como escolhe o cenário, as poses e outros detalhes?**

Eu não me importo com o cenário, desde que o meu rosto fique bem enquadrado e que a foto não fique desfocada. A última eu fiz no meu quarto e depois alterei para preto e branco.

#### **13) O que você deseja com essas imagens? Quais sentimentos elas despertam em você e quais os sentimentos que você acredita despertar no outro?**

Eu desejo que as pessoas saibam quem eu sou e que me reconheçam, porque como não aparece o meu nome na página (só o apelido) os internautas podem ficar perguntando ou em dúvida se sou eu mesmo.

Não acho que essas imagens despertem sentimentos nos outros, até porque eu sempre estou sério. Não consigo ficar descontraído nas imagens.

**14) Como as imagens dialogam com a sua vida e com as suas expectativas?**

Acho que a foto diz quem eu sou, ela mostra uma seriedade e um pouco de um lado sombrio. A minha vida é meio sem graça, eu não saio de casa, não tenho tantos amigos. Acho que ela mostra esse lado entediado. Meus amigos estão na frente do computador ou trabalhando, nós não nos encontramos para sair.

**15) Quando a sua fotografia não ganha repercussão você a mantém na página?**

Eu mantenho porque ela é importante para mim, mesmo a minha foto de perfil só umas três pessoas curtiram e ela continua pública.

**16- Ao longo do seu perfil no Facebook você notou diferenças nas suas publicações? Quais?**

Sim, as postagens mudaram bastante. Eu não tinha critério, publicava qualquer coisa, do tipo: ‘#partiu tomar banho’. Hoje eu tento ser um pouco mais criterioso. Minhas postagens estão mais maduras.

**17-Todas as suas fotografias estão abertas aos amigos, ou eventualmente você restringe algumas imagens a um público específico?**

As fotos que eu posso restringir, e que estão nos meus álbuns, estão abertas apenas para os amigos.

**18- A legenda influencia na recepção da imagem aos seus amigos?**

Eu coloco legendas nas fotografias, geralmente nas montagens. Eu coloco o nome do efeito e, a quem me pergunta, eu explico.

## **Thácila de Lima Pelayo (09/12 – 10hs – Biblioteca Municipal de Campinas)**

### **1- Como você conheceu Facebook? Quem te apresentou? Você tinha qual idade? Já tinha um computador pessoal?**

Eu não me lembro direito, mas foi algum amigo que me apresentou. Acho que estava com 13 anos. Eu já tinha computador em casa. Desde pequena tive computador em casa, era do meu pai, para trabalho. Nessa época não usávamos internet, apenas as funções básicas da máquina. Quando comecei a usar mesmo o computador, tinha o Orkut e o msn messenger. As pessoas que tinham contato comigo nessa época eram meio tontas (risos) e não sabiam muito mexer no Facebook. Prova disso é você ir lá na sua linha do tempo e ver a sua primeira publicação. Eu não me lembro da minha primeira publicação, mas tinham muitos pensamentos e textos meus.

### **2- O que você pensou em fazer quando descobriu as possibilidades do Facebook de te colocar em contato com outras pessoas?**

Eu pensei em fazer novas amizades. É uma maneira muito fácil de conhecer as pessoas, mas também tem que ter todo cuidado, saber quem é, se tem algum amigo em comum. Mas a primeira coisa que eu pensei foi em fazer novas amizades. Pessoas mesmo do meu bairro, que às vezes eu via, mas não tinha muito contato. Eu sempre selecionei bastante as pessoas que eu adiciono. Quando eu criei uma conta no Facebook, eu aceitei quase todos os convites. Porque logo que você cria o perfil a plataforma, através dos seus contatos de e-mail, indica pessoas que você possivelmente conheça.

### **3- Na época, você se lembra daquilo que fazia, fora a Internet, com a sua família e com os seus amigos? Conte-me um pouco com detalhes?**

Eu ia muito no cinema. Hoje em dia, eu assisto tudo pela internet. Eu ia bastante no shopping com as minhas amigas. Eu passava mais tempo com a minha família. Na verdade, assim, tudo tem seus prós e contras. Eu passo bastante tempo com a minha família, mas antes era um tempo mais pessoal, mais contato físico, e não por computador ou por mensagem. Por exemplo, eu estou sem falar com a minha mãe desde ontem, porque eu fui na casa da minha amiga, cheguei e ela não estava em casa ainda. Daí eu acabei dormindo, e ela foi trabalhar cedo hoje, prestando serviço para a igreja, costurando toda segunda e quarta.



**4-O que você quer ser no futuro? Sempre foi assim? Você tem ainda outros sonhos pessoais? Outros sonhos profissionais? Me conte.**

Eu quero ser alguma coisa na área de direito, só que puxado para o lado criminal, direito criminal, perita, investigadora ou juíza. Sim, eu sempre quis atuar nessa área, e meu sonho é ser reconhecida pelo trabalho que eu for exercer. Quando você faz um trabalho bem feito as pessoas reconhecem. Pode demorar, alguém pode tentar passar na sua frente, mas um trabalho bem feito sempre é reconhecido. Daí, assim, eu queria fazer a minha base de serviço aqui e depois ir para fora. Só que pra isso tem que ser reconhecido. Porque para o exterior, nessa área específica, só vai quem tem nome.

Uma oportunidade na ‘Formare Bosch<sup>39</sup>’, mudou a minha perspectiva, meus sonhos. Assim, se eu passar na Bosch ano que vem e se eu for escolhida para trabalhar nessa empresa (acho que, assim, uma vez que você entra lá, é muito difícil sair), então ofusca um pouco os meus sonhos. Então eu vou tentar encontrar uma área que eu consiga conciliar as duas coisas (o emprego na Bosch e a advocacia).

Eu me considero uma boa aluna, sou competitiva. Eu tenho um professor que ninguém consegue tirar uma nota alta. Bem, eu vou fazer de tudo para conseguir. Sou teimosa, mas nunca precisei pisar em ninguém. Alguns amigos até acham ruim, tentam me conter e acaba ficando uma situação engraçada.

**5-O que, no começo (de seu uso do Facebook) procurou dizer de você? Tinha algo de especialmente importante para partilhar?**

Eu postava muitos textos, muitas histórias, eu escrevia muito. Quando eu fiz o Facebook comecei a postar, mas depois de um tempo eu descobri blogs e outras páginas na internet que eu poderia colocar esses textos. Não acho que era infantil, mas era bastante melancólico, meio dramático. Eu sempre fui de muita reflexão, então a página começou a ficar meio séria. Eu já criei várias frases<sup>40</sup> legais de reflexão. Só que agora de cor eu não me

---

<sup>39</sup> O formare é um curso profissionalizante oferecido pela empresa Bosch. É um ambiente de aprendizagem profissional que desenvolve, por meio da ação voluntária, a potencialidade de jovens de populações de baixa renda para integrá-los à sociedade como cidadãos e profissionais. Disponível em <http://www.formare.org.br/formare/o-que-e-o-formare/proposta-pedagogica> Acesso em: 09 de dezembro 2013.

<sup>40</sup> Exemplos de frases criadas por Thácila:

A)“Enquanto o povo fala eu vou vivendo minha vida, não preciso de falsos amigos e nem de muitos B)”parças” , só preciso de quem me faz sentir bem e de pessoas que me fazem ser melhoor !TeAmoPai”.

“Se você tem um problema comigo, me liga.Se você não tem meu telefone, então não me conhece o suficiente para ter um problema comigo”.

lembro. Minha mãe me incentiva também. Às vezes eu estou em casa e ela me fala sobre algum tema, ou sobre um pensamento, então eu vou incrementando essa frase até ficar bacana.

**6-Querida ser conhecido? O que queria fazer conhecer de você? Será que você se lembra da primeira fotografia que colocou no ar? O que você “preencheu” em termos pessoais?**

Conhecida não, eu só queria ter as pessoas que eu já conhecia. Eu queria que as pessoas conhecessem o meu melhor lado. Acho que é isso que todo mundo quer, ter seu melhor lado conhecido. Queria que soubessem que eu sou do bem, essas coisas. Eu não me lembro exatamente qual foi a primeira foto que eu postei, mas com certeza foi uma minha de rosto. Essa foto ficou no ar por pouco tempo, e também elas não estão mais no ar. Com o tempo a gente muda, a gente vai crescendo, a gente não vai achando as coisas tão bonitas como eram antes.

Eu lembro que no ‘sobre’ da página eu coloquei religião e um texto informativo sobre mim, o texto eu tirei, coloquei uma frase. A frase é: "Quando tudo dá errado e o dia parece mais difícil a cada segundo, a noite chega e a lua aparece para nos mostrar que existe algo bonito para se ver mesmo nos piores dias" (Um homem de sorte do autor Nicholas Sparks<sup>41</sup>). Eu nem gosto muito do autor desse livro, ele é muito triste e todas as histórias são muito tristes. Mas como eu sempre fui de ler bastante e a minha mãe também, nós acabamos nos incentivando, mas eu não gosto desses livros de auto-ajuda. Além do mais os finais dos livros desse autor são muito tonto. Eu gosto de finais inesperados, surpreendentes.

**7-Com o decorrer do tempo, o que descobriu com Facebook? O que conseguiu dizer? O que não conseguiu ainda expressar e quais os motivos?**

---

<sup>41</sup> Nicholas Sparks viveu a sua juventude em Fair Oak, na Califórnia e vive atualmente na Carolina do Norte com a família. Foi premiado com uma bolsa de estudos da Universidade de Notre Dame pelos seus excelentes resultados e, em 1988, licencia-se em Economia. Curiosamente, o seu sonho era tornar-se atleta de alta competição, sonho de que teria de abdicar devido a um grave acidente. Iniciou-se a escrever enquanto trabalhava como delegado de informação médica e, mais tarde, surge Theresa Park, agente literária, que se propôs representá-lo, vendendo os direitos do seu primeiro romance, Diário de uma Paixão, à Warner Books. Com livros como A Última Música, Um Amor para Recordar e Querido John, Nicholas Sparks tornou-se bem conhecido no Brasil, agora com outros livros publicados pela Editora Novo Conceito. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicholas\\_Sparks](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicholas_Sparks). Acesso em 12 de dezembro de 2013.

Você descobre muito sobre as pessoas que tem no Facebook. Por exemplo, às vezes você conhece uma pessoa há muito tempo e no Facebook ela é totalmente diferente, ou ela é totalmente desinibida ou ela é totalmente tímida, pode ser os dois.

Com o Facebook, eu consegui dizer que eu era muito quieta, nerd, porque as minhas postagens eram muito sobre música, sobre texto e sobre coisas da escola. Daí todo mundo que me conheceu logo que eu fiz o Facebook tinha uma visão errada sobre mim, achavam que eu era muito inteligente, achavam que eu postava umas coisas sem nexos. Hoje eu posto umas coisas muito idiotas, umas tirinhas tontas.

O meu gosto musical é uma coisa que eu ainda não consegui transmitir para as pessoas, embora eu deixe muito claro qual é o meu estilo. As pessoas ainda confundem muito. As pessoas insistem em associar o meu rosto e o meu corpo ao meu gosto musical. Ninguém acredita que eu ouço rock, só quem me conhece de verdade. Se você pegar qualquer conhecido meu e perguntar qual é o meu gosto musical, eles vão te dizer funk. Sempre foi assim desde pequena, é incrível! Ainda mais porque eu odeio funk. As pessoas veem que eu posto todo dia. Uma amiga minha veio até comentar um dia comigo: ‘Thácila, para de postar coisas dessa banda. Eu já enjoiei, já estou sabendo muito dessa banda’.

Eu tenho 16 anos, mas eu não penso como uma pessoa da minha idade, todo mundo repara nisso. Nesse final de semana, eu fui madrinha de casamento de uma amiga e tem que assinar o livro. Eu assinei normal, o juiz nem percebeu, mas quando um amigo foi assinar, o juiz disse: ‘você é de menor, né?! Não pode assinar não’. Daí meu amigo disse que não, mas não convenceu. Eu assinei e meu amigo não. Acho que é pela coisa do rosto e de uma postura de maturidade que eu tenho.

Eu não posto nada sobre a minha religião. Acho legal quem posta, mas acho que religião é uma coisa que não se discute. No Facebook você pode ter alguma pessoa que não acredita e daí acaba gerando aquele desconforto. Por isso eu prefiro não postar nada. Esse ano eu dei uma parada de ir na igreja, mas eu sempre vou. Minha família incentiva, mas eles pararam de me levar. Até os 13 anos, minha mãe me induzia muito a ir na igreja, quase toda a minha família é da Congregação Cristã do Brasil, mas eu não queria mais ir, então eu parei de ir. Com 15 anos eu percebi que aquilo era uma grande infantilidade. A minha mãe sabe o que é melhor para mim. Aliás, ir para igreja não traz nada de ruim, com o tempo você percebe que é muito importante. Eu sou curiosa, já li vários livros, mas eu não

questiono a religião. Na verdade quando você se batiza é preciso se adequar aos padrões da igreja, não pode usar calça, não pode cortar o cabelo. Mas eu ainda não batizei. É possível que qualquer membro se batize a partir dos 12 anos, mas ainda não aconteceu comigo. Todo mundo fala que você tem que esperar Deus chamar, quando for a hora será.

#### **8- Você confia no Facebook ou você já desconfiou dele? Me diga.**

Não, porque é muito arriscado, porque tudo o que você faz lá, fica registrado. Qualquer pessoa com o mínimo de conhecimento consegue hackear a sua conta, usar as suas imagens ou qualquer coisa assim, então eu não confio. Eu confio em algumas pessoas que estão lá, bem, a minha mãe está lá (risos). Na maioria não, porque são pessoas que você conhece, mas que são diferentes.

Eu nunca desconfiei das pessoas, por saber quem elas são. Na verdade eu me preocupei com os hackers uma vez. Tentaram clonar a minha senha, a partir de um computador de Budapeste na Hungria.

#### **9-Você acha que todos dizem a verdade no Facebook? E você?**

Eu sempre digo a verdade, eu não tenho porque mentir, mas eu já omiti a minha opinião algumas vezes. Eu sei que as pessoas mentem. Eu tenho uma amiga muito falsa, embora ela seja minha amiga (risos). Ela é uma pessoa que não consegue guardar segredo, não adianta falar que ela vai lá contar. Ela vive postando no Facebook umas frases de efeito do tipo: 'odeio gente falsa' ou 'gente falsa é igual barata, não tenho medo, eu tenho nojo'. Eu só observo porque eu sei como ela é.

#### **10- O que de melhor você soube de você através de Facebook? O que de pior você soube de você através de Facebook?**

Me ajudou a perceber que eu sou uma pessoa comunicativa e que não são todas as pessoas que tem essa facilidade e nem essa capacidade para me devolver uma boa comunicação. Eu sou muito fácil de fazer amizade e eu sou até muito ingênua nessa parte e acabo me decepcionando. Uma palavra que ela fala você percebe que tem alguma coisa errada. Antes eu respondia para todo mundo, era sempre muito simpática, mas eu estou tentando mudar.

O que eu descobri de pior foi quando começou a aumentar os meus amigos, os meus 'curtir', essas coisas. Daí eu comecei a ficar chata, eu comecei a andar com umas meninas que se 'acham', eu comecei a ficar esnobe. Tinham certas pessoas que vinham falar comigo

e eu não respondia ou eu respondia, mas assim bem seca. Isso foi muito ruim. Depois quando eu percebi, eu fiquei muito chateada comigo mesma. Meu melhor amigo foi quem me alertou sobre a pessoa que eu estava me tornando, chata e antipática. Se ele não tivesse dito, talvez eu levasse muito tempo para descobrir.

A minha popularidade aumentou porque meu bairro é próximo de outros três, o São Jorge, Santa Barbara e o Fazendinha. Como eu nasci ali eu conheço quase todo mundo e a maioria dos meus amigos me conhecem desde pequena. Então quando eu fiz o Facebook todo mundo me adicionou. Também quando eu comecei a andar com um grupo ‘famosinho’ da escola, hoje eu não ando mais com eles. Porque eu mudei de escola e fui me distanciando e também porque a minha mãe influencia muito nas minhas amizades. Ela percebe mesmo antes que eu perceba qualquer coisa e ela me alertou e acabei perdendo o contato com essas pessoas.

**11-Será que, após nosso papo, tem uma ideia nova para se apresentar no Facebook? Qual será? Poderá me enviar logo sua nova página?**

Não.

**12- Qual o processo que você utiliza para realizar um autorretrato? Como escolhe o cenário, as poses e outros detalhes?**

Quando vou fotografar, algumas vezes presto muita atenção no plano de fundo da fotografia para que não apareça algo feio, mas às vezes eu estou tão distraída que nem observo o que está no fundo da imagem. Às vezes eu tiro uma foto com um pôr do sol lindo. Eu presto muita atenção no fundo das imagens, às vezes eu fico assim tão preocupada que eu tiro fotografias com o fundo de pôr do sol, essas coisas. Mas às vezes eu estou tão desligada que aparece a minha cama toda bagunçada atrás. Eu procuro sempre postar fotografias de rosto, eu tenho uma ética, eu não tiro foto que eu acho que vai envergonhar meus pais. Eu penso antes “será que a minha mãe vai se envergonhar se ela ver essa foto?”. Daí eu acabo postando ou não. Na verdade nem é porque eu tenho minha mãe no Face, mas porque eu vi um vídeo na internet de uma blogueira que também tem essa ética e eu achei muito interessante, porque tem muitas meninas que se vulgarizam e fica ridículo, né?! É uma boa coisa para se pensar, que seus pais sabem o que é melhor para você. Se você postar uma foto que eles não vão achar legal é porque não está legal. Uma garota que posta uma foto assim se vulgarizando, se expondo ao ridículo, ela vai conseguir

bastante pessoas para curtir a foto dela, só que no mesmo estilo dela. Uma pessoa que preza pelo pudor, não vai curtir essa menina. Pode até curtir, mas não vai conversar com ela ou ter algum relacionamento.

Eu tenho uma amiga que posa quase sem roupa e posta legendas com frases da bíblia. Eu sempre achei ruim, mas nunca comentei nada com ela. Daí um dia um amigo meu veio e falou para mim: ‘Nossa, eu nunca ficaria com ela, ela fica postando coisa de Jesus debaixo daquelas fotos de calcinha’.

**13- O que você deseja com essas imagens? Quais sentimentos elas despertam em você e quais os sentimentos que você acredita despertar no outro?**

Eu procuro passar apenas boas vibrações, tem uma menina no meu Face que já postou uma foto chorando, com um texto super emocionante. Acho que as pessoas se abrem muito no Facebook. Acho que lá não é um psiquiatra, o Facebook não é um psicólogo.

Algumas meninas que não gostam de mim pedem para que eu as adicione. Acho que é para ficarem se atualizando sobre a minha vida para terem o que falar, só que as minhas fotografias são abertas apenas para os amigos. Só que se alguém te marca você pode aparecer na linha do tempo de algum amigo em comum. Essas meninas vão olhar e dizer: ‘nossa que menina feia, que menina caída, tá escrota’.

**14- Como as imagens dialogam com a sua vida e com as suas expectativas?**

Sim, falam muito sobre mim, eu posto mais foto minha sozinha ou com a minha família, mais do que com os meus amigos. Tem pessoas que você abre os álbuns e é só bebida, parece que todas as fotos são iguais. Eu tenho muita foto assim quando eu viajo com os meus pais, fotos só minha e com amigos eu nunca fui de postar. Não que eu não goste, mas, por exemplo, estou aqui conversando com você e a pessoa já vem querendo tirar uma foto para colocar no Facebook.

**15- Quando a sua fotografia não ganha repercussão você a mantém na página?**

Sim, porque quando eu posto não é para a fotografia ganhar repercussão, é mais coisa do meu momento. Uma vez eu estava saindo do curso e tirei uma foto com a luz do sol refletida, ela ficou muito legal. Eu nem editei nem nada, eu já postei direto, acho que não teve nenhum comentário e nem curtir, mas ela continua lá.

**16- Ao longo do seu perfil no Facebook você notou diferenças nas suas publicações? Quais?**

Sim, porque antes eu não selecionava muito as coisas. Qualquer coisa eu já queria compartilhar com todo mundo. Agora eu curto, mas nem tudo o que eu gosto, eu posto ou compartilho.

**17- Todas as suas fotografias estão abertas aos amigos, ou eventualmente você restringe algumas imagens a um público específico?**

São apenas para amigos.

**18- A legenda influencia na recepção da imagem aos seus amigos?**

Sim, mas pode ser bom ou ruim. Eu sou sempre muito boba com as legendas e geralmente eu publico letras de músicas que estão na minha cabeça, ou então, nada (risos). Às vezes eu escrevo: “insira uma legenda aqui”, porque eu não tenho criatividade.

## **2- Síntese das entrevistas**

A partir do questionário com as 18 questões que foram aplicadas, farei uma breve síntese referente aos elementos que se destacaram na segunda etapa da entrevista. Desta forma, teremos subsídios para detectar onde se encontram as singularidades e expectativas deste grupo.

### **Anderson**

Percebeu que estar em contato com as redes sociais faria com que ele estivesse engajado e interagindo com outras pessoas, que não necessariamente estavam presentes em seu cotidiano. A finalidade da plataforma não era compartilhar ou dizer quem ele era, mas sim conversar com os amigos.

Ele notou que as formas de relacionamento com seus contatos mudaram. As pessoas se acomodaram. Por estarem em frente à tela se comunicando via internet, não queriam mais sair de suas casas, para ir a praça, por exemplo.

Embora as formas de comunicação tenham mudado, ele ainda vê um futuro bastante clássico, criando raízes, se casando, tendo um bom emprego e amigos. Enfim, ele busca ter uma vida de inclusão social, mas também digital. Ao desenvolver uma popularidade na rede, ele pode encontrar mais mulheres e potencialmente uma futura esposa.

Sobre suas fotografias ele se diz muito receoso em publicar. Embora ele queira mostrar quem é, e do que gosta, acredita atualmente que o mais importante é dizer o que ele

pensa e não apenas evidenciar a própria imagem no Facebook. Sobre seu fanatismo pelo Palmeiras, ele é enfático ao afirmar que é uma torcida diferente, mais intelectualizada e preocupada com questões políticas e sociais. Na torcida ele se sente parte, membro, ou seja, ele sai da invisibilidade social.

### **Cleyton**

Nas conversas e postagens de Cleyton percebemos um sujeito que sempre dialoga com a sua vida urbana e rural. Essa transição é interessante, porque além de migrar para a cidade, ele também migra para as redes sociais. Então, seu discurso é significativo e impactante.

A própria identidade que foi sendo construída no Facebook reflete a imagem de uma pessoa preocupada com os sentimentos, com a natureza e com o respeito pelas pessoas. Para ele, a relação com os familiares não foi alterada com o Facebook, porque quando ele volta para a casa dos avós no interior de Minas, as conversas ainda acontecem nas casas dos tios, na cidade ou na igreja, sendo o que ele chama de uma vida mais participativa.

No entanto, é pela internet que ele se comunica com os mais jovens da família e também com os amigos. Assim como Anderson, Cleyton também almeja ter uma vida tradicional, envolvendo família, bom emprego e a realização de suas escolhas. Pela internet ele busca comunicar as suas mudanças de vida e partilhar as suas conquistas.

Ele acredita que o Facebook ajuda as pessoas a aproximarem pensamentos e não corpos. Ao divulgar suas imagens, predominantemente com a presença de crianças, ele busca reforçar os próprios valores, ou seja, o amor pelo próximo e também pelo pai em respeito à admiração que sentia por ele e que foi tão importante naquela fase de sua vida.

### **Daiane**

Nos passa a ideia de ser a mais curiosa e engajada da turma nos movimentos sociais que antecederam as mídias mais famosas. Ela já investia seu pouco dinheiro em horas de internet em lanhouses. No entanto, antes do advento das redes sociais, ela se dizia muito ativa nas brincadeiras de rua, jogando vôlei e brincando com as amigas.

Ao começar a trabalhar, despertou para a oportunidade de uma vida mais confortável e dinâmica. Na cafeteria na qual trabalha atualmente, ela se sente em um



ambiente familiar, seguro e com perspectivas de um futuro promissor. Com relação a sua popularidade na rede, ela diz que isso não é o mais importante em sua vida. Afinal, ela não gosta dos holofotes. Ela prefere ficar em contato com as pessoas que fazem parte da sua realidade e com as quais ela pode contar para dividir as suas alegrias e decepções.

Com o Facebook descobriu que é uma pessoa explosiva. Essa característica na rede é potencializada e os assuntos podem ganhar muita repercussão. No entanto, descobriu também um lado filosófico, poético e reflexivo sobre a vida. Atualmente, ela pensa sobre o que seus contatos falarão sobre suas publicações e evita expor sua realidade.

Ela percebe um amadurecimento com relação as suas postagens anteriores e utiliza-se, por várias vezes, de exemplos de amigos para embasar sua argumentação. Quando perguntada sobre as legendas das fotos, ela logo pensa em situações que presencia nas páginas dos amigos. Ela percebe várias incoerências entre o que se mostra e o que se diz. Por exemplo, uma pessoa que posta uma imagem com pouca roupa e uma legenda bíblica, mostra uma coisa, parece outra.

## **Giovanne**

Entre os informantes de nosso grupo Giovanne sempre foi o mais introspectivo e calado nos encontros pessoais. Pelo Facebook, ele é mais acessível. No entanto sempre fala sobre jogos, placas de computadores e tecnologia em geral. Em alguns momentos eu tinha a impressão de que ele era na verdade duas pessoas: Giovanne x Fow Lkz.

Ele usa o codinome Fow Lkz em alusão ao login que criou para acessar as contas em lanhouses. Esse nome aparece na capa, seguido do nome verdadeiro. Embora ele afirme que esse nome foi criado de maneira aleatória, deixou claro na última entrevista ser um nome semelhante ao Guy Fawkes, um famoso personagem do filme V de vingança.

O sonho de vida de Giovanne é ter um computador potente para trabalhar, mas principalmente para jogar. A rotina de nosso informante está condicionada à uma vida virtual, uma vez que ele não estuda em uma escola regular e nem trabalha. O seu contato com as pessoas se limita aos familiares e aos amigos que ele conheceu através de jogos na internet.

Ele não se importa com a popularidade, uma vez que enxerga essa situação como confusa e de difícil administração. Sobre seus sentimentos, ele acredita que seja um assunto

complexo para se expor, pois seus amigos pensam que são assuntos passageiros e não lhe dão o apoio de que necessita. Suas paixões também são virtuais, as duas garotas pelas quais desenvolveu certa afeição, apenas o correspondia pelas redes sociais, mas nunca pessoalmente. O entrevistado afirma, ainda, não saber quem ele é, desconhecendo seus defeitos e qualidades, afirmando apenas que gosta de computadores e só.

## **Thácila**

Nossa informante é uma das poucas que sempre tiveram contato com o computador em casa, não necessitando acessar lanhouses. Ao entrar no Facebook se preocupou em encontrar amigos e pessoas que faziam parte de sua convivência diária, mas também em criar novas conexões.

Antes de uma vivência ativa no ciberespaço, priorizava os eventos com as amigas e com a família. Frequentava o cinema, o que atualmente ela diz fazer cada vez menos, pois assiste os filmes via internet. Para a vida profissional ela despertou cedo, e atualmente, com quase 17 anos, pensa em seguir a carreira de advogada. No próximo ano estagiará na Bosch e pretende desenvolver sua profissão.

Com o Facebook ela aprendeu que as pessoas mentem e podem criar vários personagens que são diferentes da realidade. Aprendeu também que os contatos podem associar gostos musicais às formas de se vestir e de ser, criando estereótipos. A visão que ela tem sobre si e sobre o mundo reflete em um amadurecimento.

Na rede ela pode conhecer melhor seu poder de comunicação e compreender que nem sempre todas as pessoas tem essa mesma facilidade. Como é bastante influente, percebeu que a popularidade começou a transformá-la em uma pessoa difícil e que tratava o outro de forma arrogante. Somente após os conselhos de amigos e familiares ela voltou a ser uma pessoa “pé no chão” e realista com os assuntos da vida.

## **Breves conclusões**

É interessante notar que todos acessaram o Facebook para dar continuidade às relações que se formavam fora de rede. Eles não criaram uma conta para fazer novos amigos, mas sim para se relacionarem com pessoas do cotidiano. No entanto, atualmente as amizades podem começar e se reforçar dentro da rede.

Eles conseguem identificar um amadurecimento na vida real e virtual, observando as suas primeiras publicações. No decorrer de seus perfis, eles se utilizaram de recursos da plataforma a fim de criarem uma identidade virtual que comunicasse algo de suas preocupações de vida.

São saudosistas em relação à vida sem a internet. Todos se recordam das atividades executadas antes do acesso à rede. No entanto, em nenhum dos discursos presenciamos o desejo de um desligamento do mundo virtual. O condicionamento e a vivência na plataforma estão vinculados a uma extensão da vida.

O Facebook tem uma dinâmica própria, onde nem tudo é previsto. E são dessas pequenas noções de pertencimento e de reconhecimento que as pessoas se alimentam de uma virtualidade carregada de emoções de pessoas reais, que transitam em universos paralelos, mas fluidos.

### **3.5 Ponto de chegada, ponto de partida: dois desdobramentos teóricos**

Como percebemos, embora exista um indício do que será ou não popular na rede, não é possível assinalar que determinado assunto terá uma resposta precisa e imediata dos usuários. Sendo assim, fica difícil delimitar estratégias que visam massificar as pessoas, em um espaço que elas buscam pela sua individualização, ou seja, serem reconhecidas a partir de suas singularidades.

Compreendendo este universo, nota-se que a “Teoria das Gerações”, que será apresentada no próximo tópico, sofrerá críticas, por não levar em consideração os comportamentos que não seguem um padrão rígido e unificado. No entanto, através das mídias são criados padrões e ideias, que visam apresentar o panorama de grupos de pessoas a partir de sua faixa etária, o que certamente perde espaço na atual conjuntura social.

Num segundo tópico, propomos o que poderia ser o desdobramento de nossa pesquisa, isto é, a escolha central dos caminhos que conduzem aos paradigmas de reflexão.

## A- A “Teoria das Gerações”

O conceito de “gerações” é uma estratégia publicitária adotada por profissionais da área para se pensar um grupo de pessoas com características semelhantes. Conhecendo melhor cada nicho, criam e direcionam campanhas para vender produtos ou serviços. A definição de “gerações” é esclarecida por Vasconcelos *et alii.*, (2010) como um agrupamento de informações sobre pessoas de diferentes idades e sobre suas formas genéricas de perceberem a vida:

A história de uma geração está baseada em um conjunto de vivências comuns, valores, visão de vida, cenário sociopolítico e a aproximação de idades. Estas características comuns das diferentes gerações influenciam o modo de ser e de viver das pessoas nas sociedades e é este conjunto de comportamentos e valores que diferenciam uma geração de outra. Um dos desafios da sociedade é permanentemente compreender e adaptar-se a estas novas gerações e a todas as mudanças geradas. (VASCONCELOS *et al.*, 2010, p. 229)

As gerações são separadas em sete categorias: 1- geração perdida (1882-1899), 2- geração grandiosa (1914-1924), 3- geração silenciosa (1925-1939), 4- geração Baby Boomer (1940-1953), 5- geração X (1960 e 1980), 6- geração Y (1980 e 1990), 7- Geração Z (1990 e 2010). Outras gerações já estão sendo pensadas, sendo elas XY, W e alfa. Estas nomenclaturas substituem os conceitos de crianças, jovens, adultos e velhos, uma vez que estas situações são passageiras e causaria muita confusão em suas interpretações.

Nos deteremos as gerações X, Y e Z, por serem contemporâneas e possuírem uma bibliografia mais detalhada sobre os sujeitos que compõem estas categorizações. Ao discorrer sobre essas separações, observa-se que a geração Z é a que mais se aproxima do universo dos nossos informantes. Logo ofereceremos um panorama de como os jovens são percebidos pelos profissionais de marketing e como, ao reforçarem determinados conceitos através das mídias, estereotipam e rotulam os sujeitos de maneira amorfa.

Ao compreender que estas gerações convivem em sinergia e interagem entre si, perceberemos que é importante conhecer não somente as nomenclaturas, mas por quem e por que foram pensadas. O que as tornam diferente e no que se complementam.

## Geração X

As pessoas nascidas entre 1960 e 1980 compõem a chamada Geração X. São os filhos da geração Baby Boomer<sup>42</sup>, ou seja, descendem de pais que presenciaram ou participaram da segunda Guerra Mundial. Acompanharam a Guerra Fria, o Golpe Militar, a queda do muro de Berlim e a propagação da Aids. Foi o primeiro grupo a receber sua nomenclatura com letras, uma vez que as anteriores foram batizadas por nomes mais complexos, como: geração perdida, geração grandiosa, geração silenciosa e geração Baby Boomer.

O termo ‘Geração X’ foi cunhado pelo fotógrafo Robert Capa, em 1950. Na época, Capa produziu um ensaio fotográfico que exibia jovens modelos que nasceram após a Segunda Guerra Mundial. O fotógrafo se preocupou em relatar visualmente as incertezas de uma geração que não tinha referências familiares solidificadas, como até então. Crescia o número de mulheres no mercado de trabalho e as taxas de divórcio aumentavam exponencialmente.

No entanto, o grupo apresentou-se preocupado em manter o equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal, assim como se caracterizou pela facilidade com trabalhos em equipe e pela estabilidade financeira. É a primeira geração que consegue lidar com computadores, que foram desenvolvidos em meados de 1958 na segunda Guerra Mundial e se popularizaram a partir da década de 70 com a criação dos primeiros microprocessadores.

Seus sucessores são considerados a Geração Y, que surgem entre 1980 e 1990, apresentando novos comportamentos frente aos movimentos cotidianos.

---

<sup>42</sup>“Após a Segunda Guerra Mundial, surge nos Estados Unidos a população denominada “*baby boomer*”. Com a volta dos soldados da Segunda Guerra Mundial, nascem muitas crianças, fato animador do mercado de fraldas, alimentos infantis, medicamentos, roupas, brinquedos, etc. Logo após, há uma outra explosão, a dos “*teenagers*” – adolescentes ávidos por consumir som, roupas, comida e uma parafernália de produtos e serviços”. COBRA, Marcos. Um resumo do percurso do marketing brasileiro. In. *Revista FAE Business*n.4, dez. 2002, p.28.

## Geração Y

A Geração Y compreende a população que nasceu entre 1980 e 1990. São pessoas que dominam as máquinas e que também participaram do processo de popularização da internet e das novas tecnologias. São extremamente consumistas e tendem a ser dependentes das tecnologias e dos games. Segundo Periscinoto (2008, p. 12), outra característica marcante é a capacidade de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo. Muitas vezes esse aspecto também acompanha a dificuldade de esperar a concretização de um projeto de longo prazo.

A escolha da letra Y para representar esta geração está ligada à sequência do alfabeto e também por ser a inicial de *Young* (jovem). A geração Y é descendente da geração X. Eles apresentam dependência das novas tecnologias e utilizam de diversas mídias, como celulares, tablets e notebooks. Assim como os pais, eles são altamente multifuncionais, sendo capazes de realizar diversas atividades ao mesmo tempo, como conversar com vários amigos pelo *chat*, estudar e ouvir músicas, enquanto a televisão está ligada.

A tecnologia ameniza o sentimento de solidão gerado pela ausência dos pais e também serve como prêmio pelas atividades executadas. A interrupção da internet pode ser usada como recompensa ou castigo contra os maus comportamentos escolares ou sociais. Na escola, foram estimulados a receber prêmios, pelas notas, por exemplo, e acreditam que tudo o que é feito é passível de gratificação. Com a estima ‘inflacionada’, esta geração passa ainda por problemas como: aceitação do fracasso, reconhecimento das próprias limitações e expectativas realistas.

Segundo Santos et al. (2011, p. 5), esta geração convive com sentimentos ambíguos: “são ambiciosas, individualistas, instáveis, todavia, preocupados com o meio ambiente e com os direitos humanos”. É a geração das correntes e compartilhamentos, se sensibilizam e proliferam e-mails para ajudar determinada pessoa com algum problema, ou simplesmente para não quebrar um ciclo de orações. Enviam *spams* com conteúdos que giram em torno de piadas ou de cunho político/religioso.

## Geração Z

A geração Z, por sua vez, é composta por indivíduos nascidos entre 1990 e 2010. São pessoas que cresceram sob a influência das novas tecnologias, tendo à sua disposição a maioria das mídias com tecnologia *touchscreen*. Acompanharam as manifestações que ocorreram no final do primeiro semestre de 2013 em todo país, e protestaram através das mídias sociais sua insatisfação com o atual problema político. Informam-se pela internet, creditando a ela aspectos de realidade, ao mesmo tempo em que tendem a desconfiar das mídias oficiais.

A letra Z representa o ‘zapear’, ou seja, a capacidade em transitar por diversas tecnologias ao mesmo tempo. Os indivíduos da geração Z são dependentes das redes sociais (Facebook, Instagram, Twiter, etc). Há uma grande valorização do espaço virtual, como mediador da vida *online*.

Por passarem a maior parte do tempo conectados à Internet, tornam-se um público mais usual na web. Segundo Ciriaco<sup>43</sup> (2009), é uma geração que escuta pouco e fala pouco, ou seja, tem dificuldade de interlocução na ausência de um dispositivo conectado à internet. Na rede, fazem uso de uma linguagem específica, carregada de abreviações e erros primários de português. Os acentos e vírgulas assumem outras funções, como potencialização de emoção em uma determinada fala. O acento circunflexo (^) é muito utilizado para criar *emoticons*, como no exemplo: ^\_^ . A repetição do (k) representa o riso: quanto mais engraçado mais repetições (kkkkkkk). A risada pode ser substituída ainda por (hahahaha) ou (rs). Diante destes exemplos, podemos dizer que é uma geração que cria novas formas de se expressar e verbalizar seus sentimentos.

É preciso lembrar, ainda, que tal geração engaja-se facilmente aos movimentos sociais iniciados nas redes, pelo linguajar que lhe parece mais sincero e verdadeiro. A exemplo disso, cito as passeatas ocorridas nas capitais brasileiras, no segundo semestre de 2013, que reivindicavam melhorias no transporte público e que se estenderam para o

---

<sup>43</sup>CIRIACO, Douglas. *O que é a geração Z?* 08 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em: 09out.2012.



combate à corrupção e melhorias na infraestrutura do país. Toda ebulição das passeatas espalhou-se pelas ruas, mas começaram no Facebook. Quando um grupo denominado Anonymous<sup>44</sup> iniciou a postagem de vídeos cobrando melhorias no país e apontando falhas nos discursos políticos.

Expressões como: ‘Não é só pelos 20 centavos’, ‘O gigante acordou’ e ‘colocaram Mentos na geração Coca-Cola’, foram apenas algumas das analogias para descrever a insatisfação dos brasileiros com um sistema falho em diversas áreas. Serviu ainda para pressionar o governo, criticar ações repressivas da Polícia Militar, mas, principalmente, para dizer que o povo não estava passivo diante das arbitrariedades.

Quem estava conectado às redes sociais percebeu a grande mobilização em torno dos protestos. Muitas residências próximas às passeatas liberaram às redes *wi-fi* para que os manifestantes pudessem fazer publicações de imagens, textos e vídeos em tempo real. Passados três meses após as manifestações, o assunto perdeu força na rede e grande parte do engajamento político parece ter minguado. Esses movimentos voláteis compõem a sociedade *hipermoderna*, caracterizada pela quantidade, popularidade e pela urgência.

A teoria das gerações sofre várias críticas por mostrar-se determinista, ao afirmar que um grupo de pessoas de determinada faixa etária desenvolverá as mesmas visões sobre a vida, família, trabalho e habilidades tecnológicas. As fórmulas prontas correm o risco de excluir certas particularidades, tais como acesso, interesse, motivações e educação. Além disso, estamos vivenciando um período em que essas gerações convivem, interagem e entram em sinergia. Avôs, pais e filhos participam da mesma rede social, têm círculos de amizade em comum e desenvolvem atividades da mesma natureza, sem que o referencial de idade interfira neste processo.

Outro ponto de discordância é referente aos limites da faixa etária, por exemplo, uma pessoa que nasceu em 1981 é pertencente a geração Y, no entanto, devido a vários fatores, familiares, sociológicos ou políticos desenvolve as características da Geração X. É

---

<sup>44</sup> Definição do grupo Anonymous na página do Facebook: “Nós não somos uma organização e não temos líderes. Oficialmente nós não existimos e não queremos existir oficialmente. Nós não seguimos partidos políticos, orientações religiosas, interesses econômicos e nem ideologias de quaisquer espécies. Anonymous não pede dinheiro nem qualquer favor ou benefício a ninguém. Mais uma vez: Anonymous não tem líderes. Se alguém lhe disser que representa ou lidera Anonymous, este alguém não conhece a ideia Anonymous, porque nós não podemos ser representados ou liderados, porque isto é o que somos: uma ideia. Anonymous apenas pede que você se informe e busque informações por você mesmo, e apenas isto”. Fonte: <https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil/info>. Site consultado em 11 de agosto de 2013.

uma separação frágil para se pensar pessoas em constante processo de mudanças. O modelo de gerações existente é conhecido e destina-se, predominantemente, ao ambiente corporativo e mercadológico, uma vez que o perfil do profissional está atrelado a um pensamento homogêneo. Os principais estudos na área foram apresentados pelo instituto Ibope.

Sendo assim, é perceptível que existem diferenças entre as gerações, e que elas são relevantes para se pensar o conteúdo preparado para as redes sociais, as quais carregam também estereótipos reforçados pelas mídias, gerando o senso comum. Por exemplo, ao nos depararmos com um grupo de pessoas de 40 anos, outro de 20 e outro de 10, é comum atribuímos aos mais velhos o *status* de sujeitos preocupados com o emprego, com a família e simpatizantes das novas tecnologias. Aos jovens de 20 anos diremos que é uma geração despojada, multifuncionais e detentores de tecnologia, enquanto as crianças de 10 anos são nativos da era digital, voláteis em suas decisões e apáticos ao mundo real. Todos esses exemplos mostram-se insuficientes para falar de um grupo, exclui a personalidade dos indivíduos e suas percepções de vida.

Ao trabalhar com uma amostra de cinco informantes, pude perceber o quanto são diferentes em alguns aspectos, como gênero, profissão, visão familiar, e dilemas do dia a dia. No entanto, em outros momentos, têm opiniões muito parecidas com relação à religião, educação e afetividade, nestes limiares em que reside a contestação da teoria das gerações.

O esclarecimento desta teoria visa pontuar que existem características que se sobressaltam nas gerações e que os nossos entrevistados, pela faixa etária, são classificados como Geração Z. Contudo, não os engessei nestas categorizações a fim de livremente realizar, na fala e na imagem, uma leitura de seus discursos.

## **B- Axel Honneth e o paradigma do “Reconhecimento Social”**

Procuramos, ao longo desta pesquisa, levantar alguns dos possíveis usos da plataforma Facebook por parte de um grupo de jovens à procura de identidade. Descobrimos que o assunto é, por natureza, eminentemente, amplo e complexo, de tal modo que somente podíamos lhe dar uma dimensão tanto operacional como exploratória. Eis o que nos conduz, aliás, a sugerir agora outra pista reflexiva com relação à temática em pauta.

Já no capítulo 2, evocávamos a questão da identidade pessoal desses jovens, remetendo a alguns modelos ou, melhor dizendo, a algumas “*formas*” de apresentação eletrônica de si nos blogs e sites de redes sociais. Fazíamos apelo, então, ao interacionismo simbólico de Erving Goffman e a algumas das expressões concretas dos jovens em se definirem nas suas singularidades e de fazerem validar por outros internautas alguns dados de um “mundo interior, cujo valor permanece ainda incerto” (Denouël, 2011, p. 79).

Pensamos que a necessidade de se dar a conhecer está fundamentalmente vinculada à outra necessidade humana: a de ser reconhecido. Ora, não se pode reconhecer alguém, algo, sem ter previamente aprendido a descobri-lo. Tal demanda torna-se particularmente imperativa, quando a comunicação e a vivência social tomam as dimensões de um planeta onde tudo se oferece a todos, onde o global - sistemática e cegamente - engole o individual e o pasteuriza ao gosto do momento.

No tocante a essa pista reflexiva, a do “Reconhecimento”, Denouël (2011) escreve “Conjugando a teoria do reconhecimento de Axel Honneth e o interacionismo de Erving Goffman, tanto a *expressão* como o *pedido de reconhecimento* [grifos nossos] de singularidades subjetivas inscrevem-se necessariamente nas dinâmicas intersubjetivas” das redes sociais (p.80). A pesquisadora se junta, deste modo, a um eixo central da atual reflexão dos responsáveis científicos da Revista francesa *Réseaux, Communication et Société*, que, com frequência, recorrem às obras do filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth.

Falar de Axel Honneth, um discípulo de Jürgen Habermas, significa ir ao encontro de um representante contemporâneo importante do Instituto de Pesquisa Social da conhecida “Escola de Frankfurt”. É, também, defrontar-se com alguns dos seus livros já

traduzidos: *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (São Paulo: Editora 34,2003), *La Sociedad del Desprezo* (Madri: Editorial Trotta,2005) e, sobretudo, poder pensar em alguns paradigmas capazes de nos fazer entender melhor as condutas e comportamentos comunicacionais na sociedade atual.

Num curto artigo publicado em janeiro/fevereiro de 2002, “Reconnaissance et Justice”, Axel Honneth (2002) lembrava o fato de que, até o final dos anos 80, um princípio diretor regia a ordem política: “todo o mundo estava de acordo no tocante à exigência de erradicar as injustiças sociais e econômicas”.

No lugar dessa ideia influente de justiça, outra ideia se instalou: a do reconhecimento. Passou-se da ideia da “redistribuição” à ideia do “reconhecimento”. Se o primeiro conceito era associado à ideia de justiça e visava estabelecer uma justiça social através da redistribuição dos bens, concebidos como vetores da liberdade, o segundo conceito definia, desta vez, as condições de uma sociedade justa, tendo como objetivo o reconhecimento da dignidade individual.

“O indivíduo aprende a se perceber como membro singular da sociedade, tomando progressivamente consciência de necessidades e de capacidades próprias constitutivas de sua personalidade através de modelos de reação positiva de seus parceiros de interação. Neste sentido, cada sujeito social é, de modo elementar, dependente de um universo feito de formas de comportamentos sociais, regulados por princípios normativos de reconhecimento mútuo; a supressão de tais relações de reconhecimento tem como consequência experiências de desprezo ou de humilhação, o que não é sem consequências nefastas sobre a formação da identidade do indivíduo”. (HONNETH, 2002)

Podemos, desse modo, perguntar se não valeria a pena ter como novo pano de fundo o paradigma do “reconhecimento social” e as interrogações sobre as sociedades contemporâneas levantadas por Axel Honneth, para entender melhor as expectativas deixadas e sempre reatualizadas por jovens e menos jovens nas páginas do Facebook.

## Bibliografia

AMARAL, Adriana do; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. “Região dos Amarais: um estudo sobre transição entre rural e urbano no processo de adensamento populacional e seus impactos na saúde e no meio ambiente”; In: *XI Encontro Nacional de história Oral: Memória, democracia e justiça*. 2012, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ARAÚJO, Yara Rondon Guasque. Os espaços perceptivos nos quais interagimos. In Trivinho, Eugênio. Cazeloto, Edilson: *A cibercultura e seu espelho*. São Paulo, ABCiber, 2009.

BACHELARD, Gaston. 1989. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.

BARROS, Carlos Ferreira. *Auto-representação: (im) possibilidades do auto-retrato*. 52 f. (Dissertação de mestrado) Departamento de Comunicação e arte. Universidade Aveiro. Portugal. 2011

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro. Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BELLOUR, Raymond. *Entre imagens: foto, cinema e vídeo*. Campinas, São Paulo ed. Papyrus, 1997.

BERGMAN, Helenice M.B. Ciberespaço e cibercultura: Novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. In: *Revista Iberoamericana*, nº 43/7 10 de setembro de 2007. <<http://www.rieoei.org/jano/1612Bergmann.pdf>> Acesso em 28 de maio de 2013.

BRIGGS, C. (1986). *Learning How to Ask*. A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research. New York: Cambridge University Press.

CANTON, K. *Auto-retrato espelho de artista*. Livre Docência, ECA/USP, 1962.

CANTON, K. *Espelho de Artista*. São Paulo, Cosac e Naif, 2001.

CARR, Nicholas. *O que a Internet está fazendo com os nossos cérebros: A geração superficial*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes. *A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança*. Dissertação do programa de pós-graduação de engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002.

CARVALHO, Marcelo Sávio, CUKIERMAN, Henrique Luiz, 2004. *Os primórdios da Internet no Brasil*. In: Encontro Regional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), 11, Rio de Janeiro, out. Disponível em: <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2004/indice2004.htm>>. Acesso em: 03 de setembro de 2012.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIRIACO, Douglas. *O que é a geração Z?* 08 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em: 09 out. 2012.

CONGER, Jay. Quem é a geração X?. In: *Revista HSM Management*. 11 novembro – dezembro 1998.

COUPLAND, Douglas. *Geração X: Contos para uma cultura acelerada*. Portugal. Editora Teorema, 1997.

COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (Organizadores). *A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: Editora EDUFBA, 2010.

DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento I*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

DENOÛËL, Julie. “Identité”, in *Communications*, vol.88, n.1, 2011, 75-82

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34,

1998 [original em francês 1992]

\_\_\_\_\_. *La imagen superviviente. Historia del arte y tiempo de*

*los fantasmas según Aby Warburg*. Madrid: Editorial Abada, 2009. [original em

francês 2002]

\_\_\_\_\_. *Ante El Tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora,

2006. [original em francês 2000]

\_\_\_\_\_. *Imágenes pese a todo*. Barcelona: Miracle Paidós, 2004.

[original em francês 2004]

\_\_\_\_\_. “Atlas: Como llevar el mundo a cuestras?” in: Sopro, Ed.

41, dezembro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Cuando lãs imágenes toman posición*. Madrid: A. Machado

Libros, 2008. [versão em francês publicada em 2009]

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. São Paulo: Papyrus, 2004.

ERICKSON, TAMARA J.E *agora, geração X?* Rio de Janeiro. Editora Campus, 2011.

FARTHING, Stephen; CORK, Richard. *Tudo Sobre Arte - Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*. Botafogo/Rio de Janeiro. Editora: Sextante / Gmt, 2010.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

G. H. Hughes. *The Polygons of Albrecht Durer 1525*. Estados Unidos: California State University, 1995.

GIBSON, Willian. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 1984.

GIL, José. *Ligação de inconscientes*. In: Bragança de Miranda e Cruz, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do 'eu' na vida cotidiana*. 4ª. Edição, editora Vozes, Petrópolis, 1989.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAYLES, Katherine. *Redes Metafóricas em Lexia to Perplexia*. I: Bragança de Miranda e Cruz, 2002.

HERMANS, HJM, &KEMPEN, HJG. *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press (2003).

HONNETH, Axel. *La Réification: Petit Traité de Théorie critique*. Traduzido do alemão por Stéphane Haber, Paris, Gallimard, 2007.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HONNETH, Axel. "Reconnaissance et Justice", in *Le Passant ordinaire. Revue internationale de création et de pensée critique*, nº32 (2002).

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (1934 ). In: Obras Completas vol. 9/1 para 01-86. Petropolis, Vozes 2000.

LE BRETON, David. *Adeus o corpo, antropologia e sociedade*. Papirus: Campinas, 1999.

KRAUS, W. (2000). *Making identities talk*. On qualitative methods in a longitudinal study. Forum Qualitative Sozial for schung / Forum: Qualitative Social Research.



<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1084/2368> - Consultado em 18 de setembro de 2012.

KINA, Sidney. “Devaneios a respeito da estética”. In: *International Journal of Brazilian Dentistry*, Florianópolis, v.9, n.2, p. 130-132, abr./jun. 2013

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LASCH, Christopher. *No mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Nova York. Editora Brasiliense, 1986.

LEBRETON, David. *Adeus o corpo, antropologia e sociedade*. Papirus: Campinas, 1999.

LEIRIAS, Ana Gabriela. Identidades: Imagens produzidas por jovens. Um convite ao pensar-se. In: *II Colóquio de Psicologia da Arte. A correspondência das artes e a unidade dos sentidos*. São Paulo. II Colóquio de Psicologia da Arte, 2007.

LEVY, Steve. *Hackers: hero of the computer revolution*, ed. Rev. (pub.orig. 1984). Nova York: Penguin-USA.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34. 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. São Paulo. Editora 34. 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOMBARDIA, Pilar García. Quem é a geração Y? In: *Revista HSM Management*, n.70, p.1-7. set./out.2008.

LOPES, Rosana de Oliveira. *A construção de um auto-retrato: “colcha de retalhos”*. São Paulo, 2008, 89fls, dissertação de mestrado em Artes. Faculdade Santa Marcelina FASM.

MAIA, Denise. *Auto-retrato: A pintura como expressão da alma*. Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP), 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro (org). *Dieter Prokop: Sociologia*. São Paulo. Ática, 1986.

---

*Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura.* Porto Alegre. Editora Meridional, 2012.

MARQUES, Eduardo. *Redes Sociais: Segregação e pobreza.* São Paulo. Editora Unesp.2010.

MARTELLI, Carla Gandini Giani. *O protagonismo do individuo na sociedade hipermoderna.* Estudo Sociologia. UNESP/Araraquara, v. 16, n.30, 2011.

MEDEIROS, Rosângela de Araújo. A relação de fascínio pelo Orkut: Retrato da hipermodernidade líquida, espetacular e narcísica. In COUTO, Edvaldo Souza. ROCHA, Telma Brito: *A vida no Orkut: Narrativas e aprendizagens nas Redes Sociais.* Salvador, EDUFBA, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice, ‘O olho e o espírito’, in col. *Os Pensadores*, São Paulo, 1984; orig. L’oeil et l’esprit, Paris, Gallimard, 1964.

MORAES, Denis de. *Por uma outra comunicação.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

NADAR. “My life as a photographer”. In: GOLDBERG, Vicki (org.) *Photography in Print: writings from 1816 to the present.* New York, Editora Simon and Schuster, 1971.

OLIVEIRA, Sidnei. *Era das conexões - tempo de relacionamentos.* São Paulo: Clube dos Autores, 2008.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração y - o nascimento de uma nova versão.* São Paulo. Integrare editora, 2010.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração y - ser potencial ou ser talento?* São Paulo. Integrare editora, 2011.

OLIVARES, Rosa. *Todo sobre mi mismo.* *Exit book*, nº. 11, 2009.

OVÍDIO. *Metamorfoses.* Trad. Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

PARK, Robert Ezra. *Race and culture.* Glencoe: The free press, 1950.

PASSARELLI, Brasilina. *Interfaces digitais na educação: @lucin[ações] consentidas*. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2007.

PENA, Fernando Daniel Velázquez. *Auto-retrato, o corpo desmaterializado*. 94f. (Dissertação de Mestrado). Senac. São Paulo, 2007.

PEREIRA, Bernadeth Maria. “A história da educação conjugada à história oral em imagem videográfica”. In: *V Congresso Brasileiro de História da Educação*, de 09-12.11.2008. Livro de Resumos. Aracajú – SE: UFS; UNIT, 2008.

PERISCINOTO, Alexandra. Geração Y chega à liderança! Disponível em: <<http://www.academiadofuturo.com/>>. Acesso em: 08 agost. 2012.

PESSOA, Helena Gomes dos Santos. *Auto-retrato - O espelho, as coisas*. 2006. 51f. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) Escola de Comunicação e Artes ECA/USP. São Paulo, 2006.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

RIFKIN, J. *A era do acesso*. São Paulo: Pearson-Makron Books, 2001.

SAMAIN, Etienne. As Mnemosyne(s) de AbyWarburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. *Revista Poiésis*, v. 17, p. 29-51, 2012.

SAMAIN, Etienne. *As peles da fotografia: Fenômeno, memória-arquivo, desejo*. Visualidades (UFG), v. 10, p. 124-158, 2012.

SAMAIN, Etienne (Org.) .*Como pensam as imagens*. I. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. v. I. 240p .

SAMAIN, Etienne. “Conjugando imagem, idéia e pensamento”. In: *Jornal da Unicamp*. 2 a 8 de junho de 2008.

SAMAIN, Etienne (Org.) .*O Fotográfico*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Senac e Editora Hucitec, 2005. v. 01. 354p .

SAMAIN, Etienne (Org.); WINKIN, Yves (Org.). *A Nova Comunicação. Da Teoria ao trabalho de Campo*. 1. ed. Campinas: Papirus Editora, 1998. v. 1. 218 pp .

SANTAELLA, Lucia. “Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço”. In *Derivas, cartografias do ciberespaço*. Annablume; Senac: São Paulo, 2004.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-Orgânico: Corpo, subjetividades e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, 2º ed. Editora Relume e Dumará.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Nos bastidores da pesquisa de campo. In. BRONISLAW, Malinowski. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Américo Soares. *Subjetividade, o si mesmo e o narcisismo: uma leitura freudiana*. 2009. 125fls. Tese de doutorado em filosofia, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas. “Narciso e seu reino de sombra em Cantares, de Hilda Hilst”. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 65-74, out./dez. 2009.

TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

THOMSON, Alistair. “Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.

TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo. A formação do imaginário e da arte cristã*. Porto Alegre: AGE, 2003.

UNGLAUB, D. L. ; UNGLAUB, E. . “Conflito Geracional: A influência das gerações no ambiente corporativo”. In: *Acta Científica* (Unasp. Impresso), v. 21, p. 99-107, 2012.

VASCONCELOS; K. C. et al. “A geração Y e suas âncoras de carreira”. In: *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, p. 226-244, maio/ago 2010.

VERAS, Paulo. *Por dentro da Bolha: Tudo o que você sempre quis saber sobre as loucuras da Internet, mas não tinha a quem perguntar*. São Paulo. iEditora, 2004.

VIEIRA, Eduardo. *Os bastidores da Internet no Brasil: as histórias de sucesso e fracasso que marcaram a Web brasileira*. Barueri-SP: Manole, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.